

**Universidade Federal da Paraíba
Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Programa de Pós-graduação em Sociologia**

MARIA DA GUIA DE OLIVEIRA

**“CABELOS BRANCOS” E “FIOS DE PRATA”:
As significações das experiências de lazer nos grupos de convivência para idosos em
Campina Grande**

Campina Grande
2005

MARIA DA GUIA DE OLIVEIRA

“CABELOS BRANCOS” E “FIOS DE PRATA”:
As significações das experiências de lazer nos grupos de convivência para idosos em
Campina Grande

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Benedita Edina da Silva Lima Cabral

Campina Grande
2005

DIGITALIZAÇÃO:
SISTEMOTECA - UFCG

Banca examinadora

Prf^ª. Dra. Benedita Edina da S. L. Cabral (orientadora)

Prf. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho (examinador)

Prf^ª. Dra. Maria do Carmo Eulálio Brasileiro (examinadora)

Para meu avô, Papai Joaquim Brás e para os idosos participantes dos grupos de convivência “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”, que compartilharam ao longo da pesquisa suas experiências e sabedorias.

AGRADECIMENTOS

Durante o decorrer da minha vida acadêmica no curso de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande, encontrei, para além do percalço diário e das decepções ocasionais, o apoio e a compreensão de muitas pessoas que se tornaram não apenas indispensáveis, mas parte integrante deste trabalho. Pessoas que me ajudaram, sobretudo, para minha formação interior e reflexão.

Agradeço a Deus sobre todas as coisas;

Aos meus familiares, principalmente meus pais, que me deram a vida e a educação necessária para minha formação e caráter, sendo os principais responsáveis por essa conquista;

Aos meus irmãos, sobrinhos, cunhados e cunhadas, pela atenção e incentivo;

Carinhosamente, à Professora Benedita Cabral, pela atenção, desempenho, apoio e, principalmente, pela orientação permanente desse trabalho;

Ao Professor Lemuel Guerra, pela leitura crítica e pela orientação à pesquisa de campo me incentivando sempre a “desconfiar” do que está sendo observado;

À Professora Deolinda, pelo apoio acadêmico e pela confiança no meu desempenho e trabalho;

À Professora Elizabeth Christina (Bebete), pelas boas contribuições metodológicas, principalmente, para a construção etnográfica;

Aos idosos participantes dos grupos de convivência “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”, pela atenção, disposição e boa vontade durante a pesquisa. Eles se tornaram muito mais do que objeto de estudo, mas amigos certos para além do trabalho acadêmico;

Às coordenadoras dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”, Deusinha e Maria Amorim que colaboraram para o desenvolvimento e aprofundamento da questão mais importante desse trabalho;

A Emilene, pelas trocas constantes de experiências acadêmicas, pela leitura e críticas importantes para o desenvolvimento e conclusão da pesquisa;

A Adriana, pela gentileza, colaboração e estímulo sempre presentes;

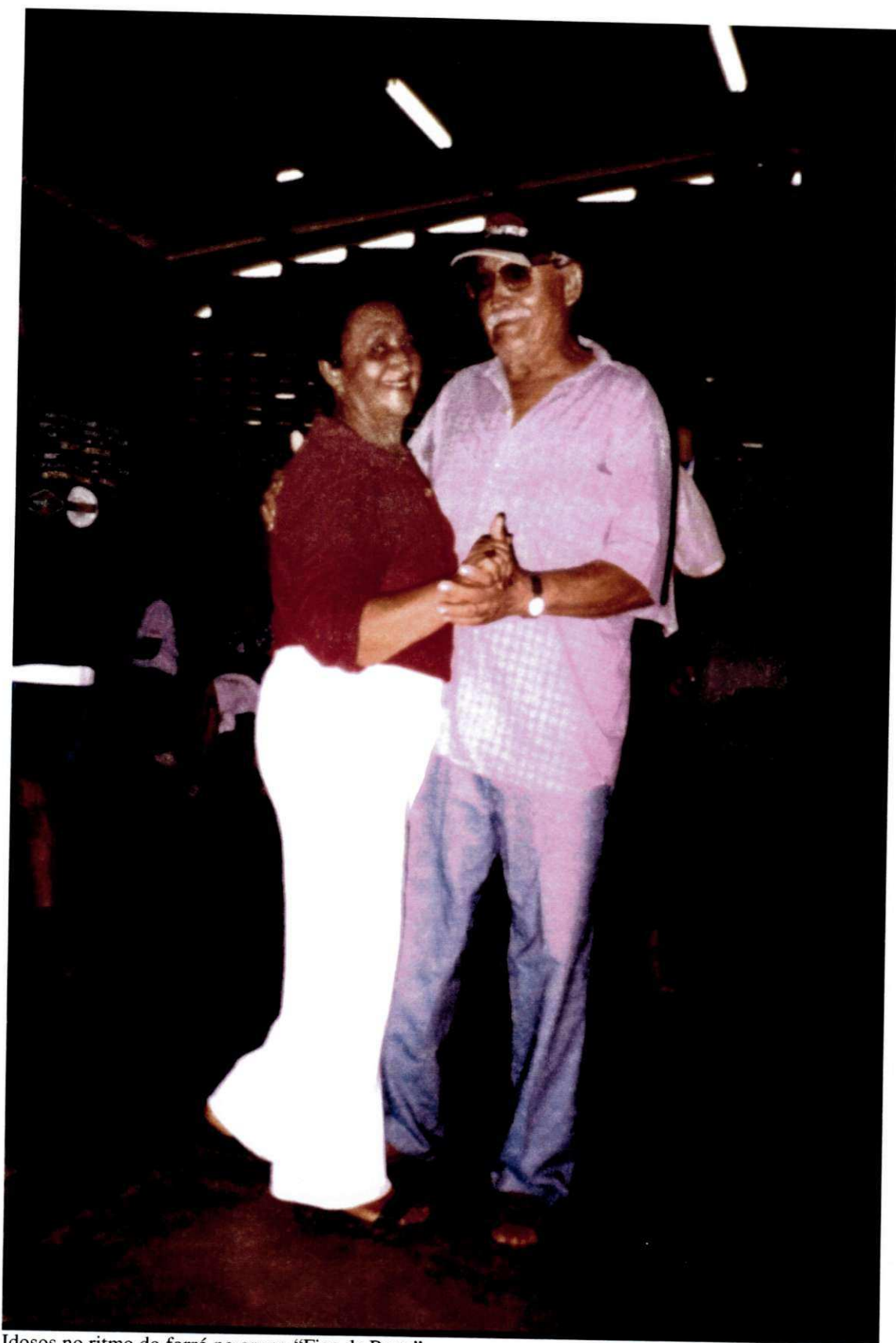
A Maria Rodrigues, pela quebra da solidão temática, com as trocas de idéias sobre o trabalho acadêmico e também incentivo para a realização da pesquisa;

Aos funcionários do PPGS, Rinaldo, Zezinho, e principalmente, Joãozinho pelo apoio, paciência e dedicação dando sempre um “jeitinho” para nos ajudar;

Aos meus amigos do Mestrado, por terem compartilhado os estudos teóricos;

A todos que de forma direta e indireta contribuíram para que eu pudesse conquistar esse alvo,

Muito Obrigada.



Idosos no ritmo do forró no grupo "Fios de Prata".

Reinauguração

Nossa idade – velho ou moço – pouco importa.

Importa é nos sentirmos vivos e alvoroçados mais uma vez, e revestidos de beleza, a exata beleza que vem dos gestos espontâneos e do profundo instinto de substituir enquanto as coisas em redor se derretem e somem como nuvens errantes no universo estável

Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos olhos gulosos a um sol diferente que nos acorda para os descobrimentos.

Esta é a magia do tempo.

Esta é a colheita particular que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante, no acreditar na vida e na doação de vivê-la em perpétua criação.

E já não somos apenas finitos e sós.

Carlos Drumond de Andrade

LISTA DE SIGLAS

- CAPs - Caixas de Aposentadorias e Pensões
- CMCI - Centro Municipal de Convivência para Idosos
- IAPs - Institutos de Aposentados e Pensões
- IAPM - Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Marítimos
- INPS - Instituto Nacional de Previdência Social
- INSS - Instituto Nacional do Seguro Social
- GCI - Grupos de Convivência para Idosos
- LOAS - Lei Orgânica de Assistência Social
- PSF - Programa de Saúde na Família
- SEMAS - Secretaria Municipal de Ação Social
- SESC - Serviço Social do Comércio
- SETRAS - Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social
- SAB - Sociedade dos Amigos do Bairro
- PC - Programa Conviver
- UNATI - Universidade da Terceira Idade

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Noção de tempo nas épocas históricas e características comportamentais do homem.

Quadro 2- Grau de escolaridade.

Quadro 3- Espaço familiar.

Quadro 4- Estado Civil.

Quadro 5- Propostas do Programa Conviver.

Quadro 6- Atividades desenvolvidas junto aos grupos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Neta e avó no ritmo do forró	77
Figura 2- Gráfico do perfil sócio-econômico dos idosos participantes dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”	78
Figura 3- Frente do Centro Municipal de Convivência do Idoso	89
Figura 4- Chegada dos idosos ao Centro de Convivência	89
Figura 5- Sessão de fisioterapia	91
Figura 6- Aula de alfabetização no Centro de Convivência	91
Figura 7- Aula de pintura com sementes de arroz	94
Figura 8- Sessão de alongamento	95
Figura 9- Mapa da distribuição dos bairros de Campina Grande	98
Figura 10- Momento de oração	107
Figura 11- Idosas compartilhando a dança de forró no grupo	108
Figura 12- Apresentação da banda de Pífanos “Andorinhas”	116

RESUMO

Neste estudo analisamos as experiências de lazer nos grupos de convivência para idosos. Nossos objetivos foram (1) apreender as peculiaridades existentes no modo de envelhecer dos idosos e suas relações com atividades de lazer; (2) compreender as experiências de sociabilidade nos grupos citados. Nossa perspectiva teórica foi informada pela contribuição teórica de Dumazedier, que considera lazer todas as atividades realizadas no "tempo livre" das obrigações tanto profissionais quanto domésticas. Usamos o método etnográfico e a observação direta, tendo como unidade de análise dois grupos de convivência de idosos de camadas populares de Campina Grande: um denominado "Cabelos Brancos" e outro "Fios de Prata". De acordo com as entrevistas realizadas, os indivíduos idosos consideram as atividades de lazer como terapia, momentos de felicidade, diversão e descontração. O lazer, principalmente a dança de forró, proporciona aos idosos das camadas populares experiências de sociabilidade para além do âmbito doméstico, proporcionando-lhes também alegria de viver, fazendo-lhes sentir mais ativos e dinâmicos.

Palavras chaves: Envelhecimento; lazer e sociabilidade.

ABSTRACT

In this study we analyse leisure experiences in Old Individuals Conviviality Groups, having as central objectives (1) understanding peculiarities of the aging process in it's relations to leisure individual experiences; (2) understanding sociability experiences in groups cited above. As theoretical perspective we use contributions of Dumazedier, who considers as leisure all the activities carried out in the time in which individuals are free of professional and domestic duties. We use the ethnographic methode and the direct observation, having as unity of analysis two groups of old people conviviality in Campina Grande-PB, both of them addressed to popular strata of the population. Acordding to interviews we carried out, old people consider leisure activities as therapy, as happiness moments, moments to have fun and relax. Leisure, specially the "Forró" gives to old individuals from low strata of population observed sociability experiences beyond their home limits: gives them as well joy of the life and make them feel more active an dynamic people.

Key-words: Aging processes, leisure, sociability.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. ESCOLHA METODOLÓGICA.....	16
1.1. A construção etnográfica.....	16
1.2. Os caminhos da coleta de dados.....	23
2. TEORIAS SOBRE O LAZER.....	26
2.1. Construção histórica do lazer.....	26
2.2. Lazer: conceituação e função.....	37
2.3. A vida após a aposentadoria e o “tempo livre”.....	42
3. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A VELHICE E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....	50
3.1. Envelhecimento: construção histórico-social.....	50
3.2. Um novo olhar sobre a velhice e o processo de envelhecimento.....	56
4. O LAZER NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS.....	61
4.1. Prática renovada de sociabilidade prazerosa.....	61
4.2. Como o lazer pode “nuançar o envelhecimento” dos participantes dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”.....	64
5. PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO E CULTURAL DOS IDOSOS.....	71
5.1. Quem são os idosos participantes dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”.....	71
6. OS GRUPOS POPULARES DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS EM CAMPINA GRANDE.....	82
6.1. A organização institucional dos grupos de convivência para idosos em Campina Grande.....	83
6.1.1. Secretaria Municipal de Ação Social (SEMAS).....	83
6.1.2. Programa Conviver (PC).....	85
6.1.3. Centro Municipal de Convivência do Idoso (CMCI).....	89
6.1.4. As atividades desenvolvidas no Centro Municipal de Convivência do Idoso.....	95
7. AS EXPERIÊNCIAS DE LAZER NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA “CABELOS BRANCOS” E “FIOS DE PRATA”.....	99
7.1. Campina Grande: espaço de lazer para os idosos.....	99
7.2. Os encontros semanais dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”.....	106
7.2.1. No ritmo do forró: o momento do encontro.....	108
7.3. A importância das festas nos grupos de convivência.....	113
7.3.1. O momento da festa fora do grupo.....	115
7.3.2. O momento da festa no interior do grupo.....	120
7.3.3. O espetáculo: a festa esperada pelos idosos.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
BIBLIOGRAFIA.....	131
ANEXOS.....	142

INTRODUÇÃO

Nós da terceira idade precisamos do lazer, precisamos de uma boa amizade, de um convívio mais próximo (Senhora de 60 anos, participante dos grupos de convivência Cabelos Brancos, Fios de Prata e Unidos Viveremos).

Desde os anos 60, o envelhecimento no Brasil passou a ter uma significativa importância nas discussões acadêmicas e nas políticas públicas. As explicações para isso são variadas. Por um lado, os autores entendem – em especial os demógrafos - que isso ocorreu como resultado do aumento quantitativo da população acima de 60 anos. Por outro lado, os cientistas sociais consideram a valorização do envelhecimento reflexo das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade atual, principalmente nas formas de periodização da vida, que tornam mais flexível a padronização do curso da vida estabelecido pelo Estado (Debert, 1999; Cabral 2002).

Como exemplo de mudanças e redefinições da periodização da vida, temos a invenção da “terceira idade¹”. Esta representação da fase da vida, que começa em muitas sociedades em torno dos 60 anos, traz conotações positivas para o envelhecimento, que deixa de ser momento de solidão para se tornar período de aproveitamento do “tempo livre” em várias atividades, principalmente de lazer. As novas imagens às quais a expressão “terceira idade” remete são as de um idoso socialmente ativo e participativo.

A invenção da “terceira idade” de certa forma contribuiu para a valorização do lazer na velhice. A formação e conseqüente expansão dos Grupos de Convivência para Idosos (GCI)² é exemplo da importância do lazer para essa faixa etária. A principal proposta dos grupos para idosos é a de ocupar o “tempo livre” das pessoas classificadas como idosas com atividades de lazer, em diferentes campos de interesse: cultural, intelectual, físico e artístico (Lima, 1998: 42).

¹ Este termo foi criado na década de 60, na França, em um momento de desvinculação do velho trabalhador proletário da imagem de doente e inválido. Agora a imagem do aposentado na sociedade ocidental é a do idoso “jovem”, “ativo” e dinâmico (Cabral, 1997: 160).

² Doravante será usada a sigla GCI.

Segundo Iwanowicz (2000: 98), o lazer é importante para os idosos porque garante e mantém a “continuidade do processo de desenvolvimento social das pessoas”. Ao saírem do processo de produção, os idosos perdem alguns vínculos sociais, o que facilita o seu desengajamento, principalmente o contato com os amigos, mantido durante o tempo de trabalho. A autora elege as atividades de lazer nos grupos como um dos melhores meios de garantir a sociabilidade dos idosos.

Muitos estudiosos sobre o envelhecimento mostram como as experiências de lazer contribuem para criação de laços de sociabilidade para além do âmbito familiar (Cabral, 1997: 159; Motta, 1998). Partindo dessas discussões e do conhecimento empírico que obtive, essa pesquisa focaliza as experiências de lazer nos grupos de convivência “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”, em Campina Grande, buscando observar como os condicionantes sócio-culturais determinam as maneiras pelas quais os indivíduos vivenciam as práticas de lazer nos grupos de convivência para idosos das camadas populares.

Para refletir sobre as práticas de lazer nos grupos de convivência, o presente trabalho está dividido em sete capítulos:

O primeiro é sobre a questão metodológica, sobre a importância da análise etnográfica para pesquisa social, as descobertas, as indagações, que ocorreram ao longo dessa pesquisa e os procedimentos utilizados para obtenção dos dados.

No segundo capítulo, baseada em autores clássicos, refleti sobre a sociologia do lazer, seu desenvolvimento histórico, os inúmeros conceitos e definições e sua valorização para a sociabilidade dos idosos aposentados.

O terceiro capítulo discute a construção histórico-social da representação da “terceira idade”, assinalando as principais questões teóricas e o “novo” olhar dos estudos do envelhecimento no Brasil.

O quarto capítulo demonstra, a partir da análise teórica de Georg Simmel, como o lazer nos grupos de convivência proporciona a sociabilidade dos idosos de forma lúdica e prazerosa.

No quinto capítulo é construído o perfil sócio-econômico e cultural dos idosos pertencentes às camadas populares, através da análise das entrevistas semi-estruturadas realizadas junto aos idosos e dos formulários preenchidos pelos mesmos.

O sexto capítulo versa sobre a organização institucional dos grupos de convivência de Campina Grande coordenados pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS)³ através do Programa Conviver, mostrando a formação, o funcionamento, as atividades realizadas junto aos idosos e suas propostas institucionais.

No sétimo capítulo é feita uma descrição analítica das experiências de lazer nos grupos de convivência, enfocando as principais festas comemorativas e a dança de forró, atividades valorizadas nos grupos observados.

E por fim, apresenta-se as considerações finais a partir da análise teórica construída ao longo da pesquisa.

³ A partir desse momento será utilizada a sigla SEMAS.

1. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

1.1. A construção etnográfica

Lazer para mim é tudo. Eu não gosto de ficar em casa isolada, de ficar parada num canto (Senhora de 77 anos, participante dos grupos Cabelos Brancos, Fios de Prata e Unidos Viveremos).

A busca de uma interpretação etnográfica das experiências de envelhecimento e das práticas de lazer nos grupos de convivência para idosos é a proposta dessa pesquisa. Apoiada na Antropologia interpretacionista de Clifford Geertz (1989), essencial para a realização desse tipo de análise, procuro cumprir a tarefa que me propus. De acordo com esse autor, a tarefa do pesquisador – observador - é descrever como os agentes sociais organizam seu mundo de significados e também o mundo em que esses significados ganham sentidos (Geertz, *Op. Cit.*). Sobre este aspecto cabe mencionar a seguinte consideração do autor:

Fazer etnografia é como tentar ler “no sentido de construir uma leitura de” um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelo (Geertz, 1989: 20).

Parti também da idéia segundo a qual a tarefa do etnógrafo é tornar inteligível a experiência dos seres humanos e a interpretação das representações culturais compartilhadas pelo grupo, explicando e interpretando partes complementares da compreensão dos fenômenos culturais. “As culturas são teias de significados e sua análise se dá através da interpretação à procura do significado” (Geertz, 1989: 15). A análise aqui

relatada é, portanto, um estudo de campo sobre os GCI das camadas populares de Campina Grande, apoiado nas características descritivas.

Observar o “outro” que faz parte da mesma cultura que a nossa é uma tarefa árdua. Exige do nosso olhar uma certa neutralidade científica⁴ e uma certa flexibilidade frente ao estranho que não está “do outro lado do Oceano” e sim faz parte da mesma cultura que a nossa. É o estranho próximo que está inserido no mesmo contexto cultural do qual fazemos parte, compartilhando da mesma cultura e dos mesmos valores.

Desse modo, o fazer etnográfico possui limites, é um empreendimento que exige esforço intelectual e interpretativo do pesquisador. Atuar neste sentido é ter consciência de que os dados coletados são sempre construções sociais elaboradas pelo “outro”, e que o antropólogo está produzindo “construções” de “outras construções”, fazendo explicações de outras explicações, interpretando os significados das ações sociais. Neste caso é possível entender a Antropologia como uma forma de conhecimento sobre a diversidade cultural, isto é, como busca de respostas para entendermos o que somos a partir do espelho fornecido pelo “outro”; uma maneira de nos situarmos na fronteira de vários mundos sociais e culturais, abrindo janelas entre eles, através das quais podemos alargar nossas possibilidades de sentir, agir e refletir sobre o que, afinal de contas, nos torna seres singulares e humanos (Geertz, 2000).

A delimitação do campo dessa pesquisa se fez dentro de uma configuração social, em determinados espaços públicos – Centros Sociais - onde se realizam várias atividades: artesanato, canto coral, danças folclóricas, danças de forró, passeios turísticos, entre outras. Fundamentalmente, durante o processo de observação direta, as atividades mais realizadas foram: a dança de forró, algumas palestras educativas e vários passeios turísticos. As atividades desenvolvidas nos grupos observados têm finalidades pedagógicas e lúdicas

⁴ Para refletir sobre neutralidade científica nos reportamos a Durkheim (1981: 58). Para ele, um conhecimento científico só é possível se nos exirmos das pré-noções do objeto de investigação.

como já mostrado por Cabral (1997). Neste contexto constatamos que as atividades de diversão e entretenimento são as mais valorizadas.

O método etnográfico utilizado nessa pesquisa ajudou a desvendar os significados das “teias de relações densamente construídas” pelos idosos participantes dos grupos de convivência. A tarefa desenvolvida foi a de observar e narrar e para isso precisei ter um olhar atento aos idosos nos grupos, suas atividades de lazer e, principalmente, seus diálogos e ações, no sentido de interpretar os seus significados. Esta pesquisa foi bastante árdua e ao mesmo tempo gratificante porque me possibilitou colocar em prática os conhecimentos obtidos da academia. Passei também pelo mesmo processo ao qual os pesquisadores sociais estudados sempre se referiam: as angústias, as descobertas, as alegrias e a reciprocidade de conhecimento.

Outro resultado que essa experiência com os idosos me proporcionou foi relativizar sobre nós e sobre os nossos valores culturais, visto que, as narrativas antropológicas nos tornam visíveis a nós mesmos, e nos representam e a todos como jogados no meio de um mundo repleto de estranhezas.

Uma pesquisa sobre as experiências de lazer nos grupos de convivência é necessariamente uma pesquisa qualitativa, entendendo-se esta como:

uma tradição das Ciências Sociais que depende essencialmente da observação de pessoas em seus próprios territórios e da interação com estas pessoas através de sua própria linguagem e em seus termos (Kirk & Miller, 1986: 09).

Isso não significa dizer que existiu contraposição com a quantificação ou oposição com as noções de objetividade, uma vez que,

A objetividade em última análise é o elemento de sustentação da atividade científica, seja esta desenrolada enquanto ciência natural ou ciência social; e, no interior desta, quer se desenvolva como pesquisa quantitativa ou qualitativa. Seu objetivo, em essência, implica assumir o risco intelectual do erro. Postura esta que remete à aceitação de que há uma realidade empírica passível de ser decifrada por meio da reflexão e da pesquisa. Ou seja, a aceitação de que há uma “verdade absoluta”, embora não transparente (Spink, 1995:104).

Segundo Lefebvre *apud* Rezende (1992), a “verdade absoluta” realiza-se por meio de descobertas relativas e pensamentos individuais, cujo alcance é limitado, dependendo de uma cooperação dos indivíduos de várias gerações que se expressa na ciência como uma obra coletiva. Nesse sentido, a objetividade é fundamentalmente fruto do consenso da comunidade científica. Assim, para ter efeito, essa pesquisa pensa a objetividade qualitativamente. Sua utilização visa a compreensão em profundidade e a maior segurança na análise interpretativa.

O depoimento citado na epígrafe desse capítulo e também a experiência empírica junto aos grupos de convivência para idosos, contribuíram na preocupação de analisar as experiências de lazer realizadas nos grupos populares de idosos no município de Campina Grande. Para tanto, é preciso analisar o envelhecimento populacional e a importância do lazer em nossa sociedade.

Esta pesquisa é continuidade de outras, advindas da graduação no curso de Ciências Sociais. Nesse período, tive a oportunidade de participar do Projeto de Pesquisa e Extensão *Educação para o envelhecimento na família e na sociedade*, o qual me possibilitou o conhecimento das questões teóricas sobre o envelhecimento humano e também a análise das experiências cotidianas dos grupos populares em Campina Grande, que resultou na monografia de conclusão de curso.

Uma das atividades do Projeto de pesquisa foi a realização de palestras educativas e informativas para os idosos dos grupos. Os temas discutidos tratavam de: Política Nacional do

Idoso, experiência familiar do idoso e o lugar do idoso na família, suas representações, seus interesses, dentre outros. Tais palestras eram realizadas nos treze grupos do Programa Conviver (PC)⁵ da Secretaria Municipal de Ação Social.

A visita ao grupo “Cabelos Brancos⁶” foi essencial para o surgimento da proposta dessa pesquisa. Ao chegar no local em que o grupo se reúne por volta das quatorze horas⁷, numa sexta-feira, encontrei a coordenadora do grupo e uma mulher idosa que logo se prontificou a organizar o espaço para a reunião⁸.

Aos poucos, os idosos chegavam, as mulheres se cumprimentam com um abraço caloroso e os homens com um singelo aperto de mão. Com largos sorrisos no rosto eles também me cumprimentaram com um “boa tarde”. Outros menos tímidos me davam abraços de boas vindas ou um aperto de mão amigável. Curiosos com a minha presença, os idosos perguntavam quem eu era e qual o motivo da minha participação. Essa conversa antes da palestra permitiu a nossa aproximação.

Quando todos pareciam estar presentes, as estagiárias do curso de Serviço Social deram início à reunião com uma oração. Após esse ritual que se observa em todos os grupos - até mesmo nos grupos que não estão vinculados ao PC - todos se sentaram, para ouvir as informações que as estagiárias lhes traziam e também para minha apresentação ao grupo, esclarecendo o motivo da minha visita. Nesse momento me apresentei e iniciei a palestra sobre “Os direitos e os deveres dos idosos na sociedade”.

Em pouco mais de dez minutos de explanação do assunto percebi que os idosos estavam inquietos em seus lugares. Pareciam não estar interessados nas informações da palestra. Uma estagiária com o semblante de preocupada perguntou se a palestra iria demorar. Segundo ela, os idosos desse grupo não gostavam de ficar muito tempo sentados, “eles

⁵ Doravante será utilizada a sigla Programa Conviver será representado pela sigla PC.

⁶ Este grupo tem um dos melhores espaços comparado aos outros grupos de convivência do Programa.

⁷ Horário previsto para o início da reunião.

⁸ Os idosos ao realizarem as atividades de trabalho nos grupos se sentem úteis, principalmente os homens.

gostam mesmo é de dançar forró”. A observação desse comportamento fez surgir as primeiras inquietações dessa pesquisa. Todos pareciam estar em busca de diversão e não de informação, apesar de ambos serem propostas do Programa Conviver.

Esse comportamento fez com que eu finalizasse a palestra antes do tempo previsto. Para agradecer a minha presença a estagiária argumentou: “tudo que ela disse é importante para vocês”. Imediatamente, uma senhora de aproximadamente 70 anos se levantou e disse “é verdade tudo que ela disse aí é importante, mas para mim, importante mesmo é o forró (...) eu não vou mentir, o forró para mim é melhor, eu não gosto de ficar parada num canto muito tempo”.

A partir dessa experiência, passei a observar os demais grupos com o olhar voltado às atividades de lazer e a sua importância para os participantes dos grupos de convivência. Percebi que não são todos os grupos que priorizam as atividades de lazer. São apenas três. Dentre estes, foram escolhidos dois grupos como amostra da pesquisa, são eles: “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”. Esses grupos foram escolhidos por apresentar uma quantidade de idosos⁹ participantes considerável, por serem compostos por idosos das camadas populares de Campina Grande e, principalmente, por realizarem várias atividades de lazer.

Pesquisei as teorias adequadas para buscar repostas às inúmeras indagações. Segundo os autores especialistas, o lazer possibilita às pessoas maior sociabilidade e desenvolvimento pessoal, além de possuir outras funções.

Nesta experiência constatei que algumas pesquisas sobre lazer e envelhecimento parecem certas quando afirmam que a prática do lazer é o melhor caminho para a sociabilidade. Entretanto, os vários estudiosos do envelhecimento observam uma fragilidade da teoria do lazer ao não considerar a sociabilidade em termos intrageracionais (Cabral, 1997). O que se têm visto é que a sociabilidade na maioria dos grupos é praticamente

⁹ Nos dois grupos a participação masculina é maior do que nos demais grupos do PC.

geracional e muito pouco de gênero (Motta, 1997). Vale ressaltar que nos grupos pesquisados, a participação dos homens é relativamente igual à participação das mulheres, fato que se diferencia dos demais grupos de convivência de Campina Grande. A constatação das relações intergeracionais me fez levantar as seguintes indagações: por que o lazer oferecido aos idosos é realizado em espaços demarcados? Seria a sociabilidade dos grupos confirmadora do estigma e do isolamento dos idosos?

Alguns obstáculos serão relatados para melhor entendimento sobre os impasses vivenciados durante a pesquisa. Primeiro, o campo de observação é institucional e exige muitas ações burocráticas. Em alguns momentos foi preciso utilizar as representações, tanto da minha parte, como por parte da instituição. Utilizamos máscaras sociais para nos comportar diante de determinadas situações e para obter informações importantes. Assim como mostrado por Berreman (1980: 123-177) que considera o trabalho do pesquisador social uma interação entre o pesquisador e o pesquisado. Através dessa interação devemos interpretar as impressões mutuamente manifestas pelo etnógrafo e seus sujeitos.

A segunda dificuldade dessa pesquisa, diz respeito aos seus sujeitos. O idoso não é um “outro” distante – do outro lado do Oceano – nem um “outro” próximo do que eventualmente sou, segundo os padrões da categoria etária definidos pela sociedade da qual faço parte. Mas um “outro” que um dia eventualmente serei. Analisar suas experiências de lazer é uma tarefa difícil pelo grande desconhecimento da vida das gerações mais velhas, se desconhece as suas especificidades e se convive numa cultura preconceituosa, com relação a esse segmento etário.

Atualmente o que se constata é que através de novos padrões culturais, a velhice vem redefinindo os seus processos, que se caracterizam pela construção de uma linha de separação menos nítida entre os grupos geracionais (Debert, 1999), o que pode ser interpretada como a

potencialização da emergência do que na Antropologia se define como grupo do “eu” e grupo do “outro”.

Assim, para ter um olhar mais detido às experiências de lazer nos GCI tentei observar as significações dessas atividades e para isso refleti sobre os padrões culturais de gerações hoje idosas e como esses idosos constroem suas realidades.

1.2. Os caminhos da coleta de dados

Dentre os procedimentos de coleta de dados, adotei a observação direta. Este procedimento é um dos meios mais freqüentes e utilizados pelos pesquisadores sociais para conhecer e compreender pessoas, coisas, acontecimentos e situações sociais. A observação direta se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para obter informações sobre a realidade dos atores sociais, em seus próprios contextos. Através da observação, podemos captar uma variedade de situações ou fenômenos que, uma vez observados diretamente, transmitem o que há de mais dinâmico na vida real e que não pode ser obtido por meio de perguntas (Rudio, 1985: 32).

As técnicas dessa pesquisa foram constantemente repensados e reavaliados. As entrevistas semi-estruturadas foram dialogadas, na tentativa de buscar informações dos idosos sobre suas relações sociais, levando em consideração as questões de renda, de gênero, da família, do divertimento, do lazer, de suas expectativas para o futuro, das dificuldades que eles vivenciam.

As entrevistas foram realizadas entre 35 mulheres e 15 homens, elas ocorreram no espaço onde os grupos de convivência se reúnem e também nas residências dos idosos, em busca de aprofundar a visão do idoso sobre lazer e também conhecer o cotidiano no espaço do

lar e a organização familiar. Algumas entrevistas aconteceram com o uso do gravador; e outras com anotação literal das respostas dos idosos¹⁰. Os coordenadores dos grupos e a gerente do Programa Conviver também foram entrevistados para obter dados institucionais, tais como: o número de associados, cronograma de atividades, regimentos da instituição e percepções sobre o Programa.

Os dados obtidos informalmente também foram levados em consideração, como as conversas informais que permitiram colher informações complementares, que explicitaram significados de dados provenientes das observações, cujos conteúdos foram registrados imediatamente no “diário de campo”.

Os demais instrumentos utilizados na coleta de dados foram: o registro de campo, através de um “diário de campo”, na qual se registrou percepções, angústias, questões, alegrias, motivações, problemas, informações e decepções; e o registro fotográfico, das festas comemorativas e outras atividades de lazer. Este último procedimento é amplamente adotado nas pesquisas contemporâneas, ele é importante para complementar e possibilitar uma interpretação da realidade observada (Cabral, 2002; Peixoto, 1998).

Além da utilização desses instrumentos, foi feita constantemente revisão de literatura sobre o tema de pesquisa, principalmente sobre o lazer e o envelhecimento. De acordo com Mendras (1978), a literatura é um instrumento intelectual que deve servir para compreender e apreender a realidade que se pretende pesquisar. Esses instrumentos servem para conservar os dados e facilitar o trabalho interpretativo e teórico do envelhecimento e de suas experiências de lazer nos grupos.

A análise dos dados dos formulários¹¹ (instrumento padronizado pela SEMAS para identificar e controlar os beneficiados do Programa Conviver) preenchidos pelos idosos

¹⁰ A não utilização do gravador, ocorria pelos seguintes fatos: alguns idosos recusavam a utilização do gravador; outras entrevistas aconteciam espontaneamente, no entanto, para não interrompê-la, eu não ligava o gravador.

¹¹ A SEMAS elaborou um formulário para traçar o perfil sócio-econômico dos idosos. Todos os participantes dos grupos de convivência do PC devem preencher o formulário.

permitiu levantar o perfil sócio-econômico e cultural dos participantes e contribuiu para melhor dimensionar a “realidade” que estava sendo observada, as experiências coletivas de indivíduos em processo de envelhecimento. Particularmente, para sistematizar as variáveis: estado civil, renda, o lugar da configuração de redes de amizades e o espaço familiar, as quais Que serão apresentados em quadros, gráficos e tabelas.

2. TEORIAS SOBRE O LAZER

2.1. Construção histórica do lazer

Tudo que se relaciona ao lúdico, ao tempo livre e ao lazer, historicamente, sempre ficou restrito a planos secundários, pelo fato de estar diretamente associado aos elementos da não-produtividade, da espontaneidade, da possibilidade de opção pessoal, do tempo desobrigado etc., fazendo com que estes termos recebessem uma conotação de não seriedade, não prioridade e, até mesmo, de inutilidade (Gebara, 2000: 88).

A segunda metade do século XX foi marcada por um fenômeno novo, a revolução do lazer, ou seja, “a socialização do lazer”, através da qual se reconheceu o direito a todas as pessoas sem distinção de classe, de se distrair, descansar, entreter-se, fazer coisas fúteis, lícitas e pecaminosas (Dumazedier, 1976: 20).

Ao analisar a história do lazer desde a civilização antiga até os tempos modernos, Tôrres (1968: 17) afirma que nem sempre foi assim. Sempre houve nas sociedades distinções sociais entre os indivíduos. No que se refere aos Hebreus, por exemplo, apesar de garantida igualdade de direitos, observam-se, no início da era cristã, diferenças de remuneração, gênero, categorias profissionais, o que implicava em vantagens para uns e desvantagens para outros. A civilização antiga era dividida entre pessoas que de um lado, trabalhavam com o intelecto, e de outro, pessoas que trabalhavam com as mãos. Na divisão de trabalho dessa época, pode-se perceber que os trabalhadores intelectuais dispunham de mais tempo livre do que aqueles que se dedicavam aos trabalhos manuais. O cidadão, para exercer o cultivo do espírito e a prática da política, precisava de tempo livre, ficando o trabalho manual para os escravos.

A divisão de trabalho na Idade Média também se fazia de acordo com a distinção de *status*. Naquele tempo existiam as classes intelectuais profissionalizadas, as quais, para se dedicar aos estudos, precisavam de tempo livre, ficando o trabalho manual e comercial para a classe subordinada. A história revela que, desde a Antigüidade houve desigualdade social e

divisão de trabalho, observando-se que a maioria da população trabalhava servilmente e uma minoria, as chamadas elites, desfrutava de períodos maiores de ócio, ficando despreocupadas com os problemas econômicos diretos que ficavam a cargo do governo.

Ainda segundo Tôrres (1968: 28), foi na Idade Média que houve a primeira tentativa de oficialização, organização e socialização do lazer. Constantino, ao instituir o domingo como dia de descanso, contribuiu para que as pessoas daquela época também tivessem o direito ao lazer, que até então era privilégio quase exclusivo da nobreza. Isso contribuiu para que houvesse outros dias de preceitos, tais como: as festas religiosas, as feiras, as festas populares, sendo a maioria delas característica da igreja católica¹².

Em contrapartida, para os protestantes a alegria parecia estar no trabalho, no atendimento do requisito comprovador da “eleição” para a salvação. Esse requisito contribuiu para a ação útil, colocando a salvação na fé e concentrando a vida religiosa sobre a leitura e meditação da escritura, fazendo com que a valorização do lazer desaparecesse e surgisse a do trabalho. Essa importante discussão está em Max Weber (1987) em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, obra em que demonstrou como a relação entre a religião e a sociedade se dá através de valores introjetados nos indivíduos e transformados em motivos de ação social. A motivação do protestante, segundo Weber (1987), é o trabalho enquanto dever e vocação, como um fim em si mesmo, e não o ganho material obtido através dele. Sua reflexão relaciona o papel do protestantismo na formação do comportamento típico da sociedade capitalista ocidental moderna e mostra que os valores do protestantismo como disciplina - a poupança, a austeridade, a vocação, o dever e a propensão ao trabalho - influenciam o comportamento dos indivíduos, que renunciam os prazeres, para viverem em função do trabalho. Essa discussão mostra como a doutrina protestante contribuiu para a desvalorização e diminuição do lazer na sociedade capitalista e poderia dar origem a uma hipótese de que

¹² Observa-se atualmente que esses preceitos ainda são oficializados na sociedade brasileira. Por exemplo, existem vários feriados que são concebidos como o momento da diversão, do entretenimento e lazer, como as festas de carnaval, São João, Natal e ano novo.

idosos participantes dos grupos não tiveram, em suas juventudes, oportunidades de lazer, vivendo somente para o trabalho, enquanto o tempo livre obtido após a aposentadoria seria aproveitado só com atividades de lazer.

Pouco tempo depois surgiu a “filosofia” do utilitarismo, cujo lema era “tempo é dinheiro”, logo, só se deve fazer coisas úteis, produtivas, rentáveis. Embora concentrada no tempo, na utilização máxima do tempo para fins úteis, esta “filosofia” atinge vários setores da vida, principalmente o lazer e a cultura. O indivíduo não pode deixar de ganhar dinheiro e muito menos gastá-lo em diversões. Assim, as atividades de lazer são condenadas pelo utilitarismo, não somente por serem consideradas desperdício de tempo, uma coisa abominável, mas também, por representar consumo de energias e dinheiro de maneira inadequada. A “filosofia” utilitarista faz com que a razão de viver seja à busca do lucro e da utilidade.

No início do século XIX, a revolução industrial e a expansão do capitalismo trouxe o desenvolvimento das máquinas, a consolidação do novo modo de produção capitalista, a divisão e a crescente organização das tarefas de produção. Tais fenômenos determinaram o aparecimento de um tempo cronométrico de trabalho, cada vez mais caracterizado e oposto ao tempo no qual não se trabalha, o que contribuiu para a formação relativa de um conjunto de novas atividades de repouso, divertimento, recreação e entretenimento, e ainda de desenvolvimento pessoal e social.

Apoiada em Gurvitch, Rolim (1989) afirma que as noções de tempo nem sempre foram as mesmas na história da humanidade. Elas se constituem de acordo com a cultura e as necessidades de cada sociedade:

Se for verdade que a cultura é a segunda natureza do homem, também é verdade, ao que tudo indica, que não é possível compreender um tipo historicamente particular de estrutura da personalidade humana sem ter estudado os modos de percepção e de aprecepção do tempo inerentes à cultura correspondente. O sentimento do tempo é um dos parâmetros “essenciais” da personalidade (Gurvitch *apud* Rolim, 1989: 43).

Como se constata, as mudanças ocorridas nas formas de demarcar o tempo influenciaram fortemente as concepções de lazer. Segundo Rolim (1989: 43), observam-se as concepções de tempo natural ou cíclico, tempo vetorial e tempo mecânico, as quais apresento a seguir as noções de tempo acima citadas.

Tempo Natural ou Cíclico

O homem primitivo vivia em comunhão com a natureza, pautando seu dia pelo nascer e pôr-do-sol, e seu trabalho pelo ciclo das estações. Sua forma de pensar não incluía abstrações. Era concreta, objetiva e sensível. Captava o mundo “em sua globalidade sincrônica, isto é, intemporal”. O sentimento de tempo era limitado em sua extensão, pois se estendia apenas ao futuro mais próximo e ao passado mais recente (Rolim, *Op. Cit.*: 44).

O mundo dos homens e o mundo dos deuses eram distintos, mas não estavam separados. A vida social dependia do ciclo das estações. Já a vida espiritual e mítica estava baseada na crença cíclica no “eterno retorno”. Ancestrais, heróis ou deuses voltavam a unir-se aos homens do presente através dos ritos e das festas religiosas. No tempo cíclico, o antigo se repete no novo constantemente. O tempo natural ou cíclico pode ser comparado a uma roda, pois tudo nasce, vive e morre, repetindo-se eternamente. Essa forma nega a fluidez do tempo. O mês grego é exemplo desse tipo de tempo. Ele se divide em três etapas iguais, de dez dias. Não faz separação entre o trabalho e o lazer, ficando essa tarefa por conta da natureza que a oferece quando bem lhe apraz (*cf.* Rolim, 1989: 44).

Ruptura do tempo cíclico: tempo vetorial

Foi a civilização hebraica que primeiro apresentou a noção de tempo futuro, ao contrário de outras civilizações da antiguidade, que mantinham a noção de tempo voltada para o passado. Existem o tempo eterno e o terreno, estes se relacionam pela “irrupção” de um no outro. A característica do tempo vetorial é que todas as coisas se sucedem. A história da humanidade se divide em antes e depois de Cristo, o Messias, e se caracteriza em três momentos distintos: o princípio, o apogeu e o fim do mundo. Assim, o tempo se torna vetorial, irreversível, possuindo características do tempo cíclico. Os cristãos acreditam que pela criação e pelo fim do mundo, as coisas sempre voltam ao princípio, Deus e a eternidade. Ao mesmo tempo, este tempo admite mudanças, rompendo com o tempo estático, essa concepção traz um novo aspecto, “a evolução histórica” (cf. Rolim, 1989: 45).

Na Idade Média, o tempo era orientado pelas badaladas dos sinos das igrejas, que marcavam as “horas” do ofício divino e dos atos do culto. Na sociedade feudal, a demarcação do tempo se baseia no sagrado. O clero marcava as horas e o calendário de dias “santos”, nos quais o trabalho deveria ser interrompido para que o homem colocasse os bens espirituais acima dos bens materiais, para que vivesse o valor do não-trabalho, e para que as festas populares fossem valorizadas por todos.

Desse modo, os momentos de lazer são propostos como o tempo de não-trabalho, de gratuidade, de encontro. Nesse período, as festas, sejam religiosas ou profanas, adquirem um valor social e universal (Rolim, *Op. Cit.*: 45).

Tempo Mecânico

A mecanização, a divisão das tarefas de produção, a valorização e a transformação da força de trabalho em dinheiro, levaram o homem a buscar uma forma mais exata de medir o tempo de trabalho. Para isso, foi criado, no fim do século XIII, o relógio. Este, localizado nas torres das prefeituras das cidades européias, indicava o “tempo secular”, em contraposição ao badalar dos sinos, marcando o “tempo sacral” (cf. Rolim, 1989: 46).

Essa nova forma de delimitar o tempo contribuiu para a valorização do trabalho considerado como dignificador do homem. Há, nessa época, a constituição do “tempo livre”, que é o intervalo entre um trabalho e outro. No “tempo livre”, aquele que vende a sua força de trabalho está desobrigado do trabalho produtivo e das imposições familiares, sociais, econômicas, políticas e religiosas. Surge então o “tempo de trabalho” e o de “não-trabalho”.

Com a valorização do trabalho “o homem pecador se redime pelo trabalho, ampliando o valor deste¹³” e não se podia aproveitar o “tempo livre” em atividades de lazer que são consideradas inúteis, improdutivas, perda de dinheiro e tempo desperdiçado. Esse novo tempo é aproveitado para recuperar a força de trabalho e para descansar. Nesse sentido, pode-se afirmar que o lazer no tempo mecânico ainda não é valorizado e praticado pelos trabalhadores.

De acordo com Rolim (1989), as pesquisas sociológicas realizadas em diversos lugares provam que a revolução tecnológica nas sociedades industriais e pós-industriais diminuiu o tempo de trabalho e aumentou o tempo liberado. Entretanto, este tempo é empregado pela maioria dos operários em trabalho suplementar remunerado, visando lucro, em tarefas domésticas, atividades de engajamento social e sócio-políticas.

¹³ Reflexão de Rolim, (1989: 46) sobre a afirmação de Lutero e Calvino.

As diferentes noções de tempo, conforme as épocas históricas, são mostradas no quadro 1 e apresentadas por divisões em quatro “blocos”, como recomendam os principais autores do estudo do lazer.

Segundo Rolim (1989: 49), o quadro 1 explicita a noção de tempo na história.

IDADE ANTIGA <i>Queda do Império Romano do Ocidente</i>	IDADE MÉDIA <i>Tomada de Constantinopla pelos Turcos</i>	IDADE MODERNA <i>Revolução Francesa</i>	IDADE CONTEMPORÂNEA
476	1453	1789	
<p style="text-align: center;">O HOMEM</p> <ul style="list-style-type: none"> . orienta-se pelos astros, estações, natureza; . tem consciência concreta, objetiva, sensível; . volta-se para o passado: nega a fluidez do tempo; . trabalha de acordo com a natureza. 	<p style="text-align: center;">O HOMEM</p> <ul style="list-style-type: none"> . distingue o tempo terreno do eterno; . aceita a fluidez do tempo; . admite a evolução histórica; . deixa a orientação do tempo à igreja. 	<p style="text-align: center;">O HOMEM</p> <ul style="list-style-type: none"> . cria o relógio-máquina que regula o tempo e pauta sua vida por ele; . valoriza o trabalho (Reforma Protestante-nascimento da burguesia e posteriormente do capitalismo). 	<p style="text-align: center;">O HOMEM</p> <ul style="list-style-type: none"> . realiza a revolução industrial (séc. XIX); . escraviza-se ao ritmo da máquina; . cinde o tempo em dois; trabalho e não-trabalho; . cria o “tempo livre” <ul style="list-style-type: none"> - fim do dia - fim da semana - fim do ano: férias - fim da vida: aposentadoria.
<p>O trabalho e o jogo se integram às festas pelas quais o homem volta às suas origens e se unem aos ancestrais.</p>			
TEMPO NATURAL OU CÍCLICO	TEMPO VETORIAL	TEMPO MECÂNICO	<p style="text-align: center;">TEMPO PSICOLÓGICO</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Surge o lazer, quando o homem usa o “tempo livre” na sua realização pessoal e influi positivamente no meio cultural.</p> </div>
<p>O HOMEM VIVE CONSCIENTEMENTE DE DETERMINADOS MOMENTOS DE SUA VIDA</p>			

Quadro 1: noção de tempo nas épocas históricas e características comportamentais do homem.

Fonte: ROLIM, Liz Cintra. *Educação e lazer: a aprendizagem permanente*. São Paulo, SP: Ática, 1989.

Considerando em conjunto as noções de tempo, percebe-se que algo fora do homem lhe oferece, propõe ou o obriga a não trabalhar. No tempo cíclico é a natureza, no tempo vetorial, a igreja, no tempo mecânico, o relógio e a máquina.

O tempo do lazer, até o século XVIII, não se relacionava com a lógica de racionalização do tempo, instituída pelo capitalismo industrial. As incessantes reivindicações sindicais dos operários no século XIX, pela diminuição da jornada de trabalho, são fatos históricos que contribuíram para a valorização do lazer.

As lutas dos trabalhadores¹⁴ pela conquista dos direitos sociais, incluindo a diminuição da jornada de trabalho, no decorrer do século XIX, pressionavam no sentido de alterar e provocar a intervenção do Estado Liberal nas condições de exploração da força de trabalho (Cabral, 1986: 17). Pelas lutas travadas, os operários conseguiram a diminuição da jornada de trabalho para dez horas:

Após uma luta de trinta anos, travada com notável perseverança, o operariado inglês, aproveitando uma ruptura momentânea entre os latifundiários e os capitalistas, conseguiu que fosse aprovada a lei da jornada de trabalho de dez horas. **Os imensos benefícios físicos, morais e intelectuais**¹⁵ que daí decorreram para os operários das fábricas, expostos semestralmente nos relatórios dos inspetores das fábricas, são agora amplamente admitidos (Marx *apud* Cabral, *op. cit.*: 17).

(...) A diminuição da duração da jornada de trabalho iria desenvolver, aos poucos, na classe operária, uma aspiração pelo lazer, mais ampla e também mais profunda. Em 1891, as reivindicações operárias conseguiram limitar em onze horas a duração cotidiana do trabalho de mulheres e crianças. Funda-se em 1895, a Confédération Générale du Travail e no dia 1º de maio, a palavra de ordem é: jornada de trabalho de oito horas (Dumazedier, 1976: 57).

¹⁴ Ver Marx, K. In: O capital, Livro I, Vol. I 1987.

¹⁵ Grifo meu.

A luta pela redução da jornada de trabalho é uma reivindicação dos operários para poderem organizar suas forças vitais, além de conviverem mais tempo com a família, lerem, instruírem-se e tornarem-se verdadeiramente homens (Marx, 1980).

O progresso técnico, que permitiu maior produtividade com menos tempo de trabalho, contribuiu também para o desenvolvimento das atividades de lazer, por distribuir o tempo liberado pelo trabalho em outras atividades não produtivas. “Trabalhava-se quinhentas horas, por ano, o que significava jornada diária de 16 horas, de segunda a domingo, quase todos os dias do ano” (Camargo, 1992: 38). Esse aumento do tempo da jornada de trabalho provocou o confronto entre a igreja e os capitalistas, por não concederem oportunidade aos operários de aproveitarem os feriados litúrgicos e o domingo, consagrado pela igreja como o dia de descanso. Esse problema foi resolvido em favor da religião, reconhecendo o direito ao descanso semanal, às férias remuneradas, etc.

A consagração do direito ao descanso fez com que este princípio se consagrasse em todo o mundo ocidental, e todas as classes, tanto a proletária como a burguesa, constituíam estes direitos como um fato. Com isso, foram surgindo várias oportunidades para os trabalhadores. Eles poderiam ter tempo livre para se dedicar à cultura, à família, que, segundo Dumazedier (1976: 56), perdera seu encanto, sua alegria e seu poder moralizador. “Como um pai de família, do qual o trabalho absorve todas as suas forças e horas, pode dedicar-se à família?”.

Conforme referido antes, o progresso técnico e a conquista dos trabalhadores da diminuição da jornada de trabalho contribuíram para o desenvolvimento do lazer. Sobre este aspecto Dumazedier (1976) considera que:

o tempo cronométrico de trabalho, cada vez mais caracterizado e depois oposto ao tempo no qual não se trabalha que, pouco a pouco, contribuiu para a formação de um conjunto de novas atividades de repouso, divertimento, recreação e entretenimento (é o chamado tempo livre) (Dumazedier, 1976: 52-53).

O autor considera que no tempo livre pode-se realizar atividades que respondam às necessidades do corpo e do espírito, tais como: as físicas, artísticas, intelectuais, sociais e espirituais. Contrapondo-se a essa idéia, Caldeira (1989), ao estudar a vida cotidiana dos moradores da periferia – Jardim das Camélias em São Paulo -, não considera o “tempo livre” como livre para a prática do lazer. Nesse caso, as pessoas das camadas pobres da população estão sempre ocupadas, sendo que não na produção. A mesma autora mostra, por exemplo, o caso das mulheres, as quais, no tempo em que não estão no trabalho formal fazem todo o trabalho doméstico, como a alimentação, os cuidados com os filhos, de higiene e outros. Para as mulheres das camadas pobres, o “tempo livre” oposto ao tempo de trabalho, não é aproveitado em atividades de lazer. O tempo delas é consumido em função do trabalho doméstico e quase nunca favorece oportunidades de “tempo livre” utilizado com absoluta despreocupação. Este é o mesmo caso dos idosos pesquisados. Eles não tinham “tempo livre” suficiente para praticar as atividades de lazer. Depois que suas tarefas domésticas e responsabilidade total para com a família relativamente diminuíram, no caso das mulheres; e não precisam mais sair de casa para obter o seu salário e para manter a família, no caso dos homens, pois estão aposentados, eles têm mais “tempo livre” para aproveitar o lazer oferecido nos grupos.

Observa-se que, após o tempo de trabalho, dedicado ao exercício de uma ocupação profissional lucrativa, estabelece-se um tempo liberado, que não é totalmente livre, em virtude de ser utilizado em relação ao tempo anterior ou a outros. Aí estariam incluídas, por exemplo, as ações de preparar-se ou locomover-se para o trabalho, as atenções à família ou a compromissos sociais. O tempo livre seria exatamente o tempo que resta para ser utilizado em razão de quaisquer interesses, menos daqueles aos quais o indivíduo, por sua função social, tem a obrigatoriedade de atender.

No “tempo livre” podemos situar o tempo de lazer, desde que as atividades assumidas estejam orientadas por escolhas pessoais. O verdadeiro lazer é aquele que, produz, segundo os interesses do indivíduo, resultados de repouso, diversão e crescimento de relacionamento social, e é realizado no **tempo livre**, descomprometido das obrigações sociais e profissionais (Dumazedier, 1976).

As pessoas idosas, provavelmente em relação ao período em que trabalhavam formalmente, possuem hoje mais “tempo livre”, porque a maioria está fora do processo produtivo formal, principalmente os homens. Entretanto, os estudiosos do envelhecimento afirmam que a participação dos homens nos grupos de lazer é menor do que a das mulheres. As idosas parecem estar mais livres dos trabalhos domiciliares, pois muitas delas vivem sós ou apenas com o cônjuge, com menos obrigações domésticas. Mas, mesmo as mulheres casadas que participam dos grupos, geralmente estão sós. Seus maridos dificilmente, ou nunca, lhes acompanham. Os casais encontrados nos grupos de convivência geralmente se conheceram nesse espaço, e depois que se casaram não deixaram de participar.

Esse aspecto foi destacado por Cabral (1997) e Motta (1998) quando observaram que nos grupos pesquisados havia sempre o predomínio de mulheres independente da condição conjugal. Segundo as autoras citadas acima, a predominância das mulheres nos grupos tem razões, muito além das demográficas, sobretudo culturais e de momento histórico na trajetória social dos gêneros. De acordo com elas, os grupos só conseguem manter sociabilidade geracional e muito pouco de gênero, precisando, portanto, alcançar a meta fundamental do também necessário convívio – sociabilidade - entre as gerações e os gêneros. Essa perspectiva também norteou esta pesquisa, submetendo à apreciação sociológica as experiências dos GCI para analisar como os padrões de gênero determinam as experiências de lazer dos idosos participantes.

2.2. Lazer: conceituação e função

O lazer, do latim *licere*, significa “ser lícito, ser permitido, pode fazer”. É considerado um fenômeno da sociedade industrial. A exaltação exagerada do trabalho fez surgir dialeticamente a valorização do não trabalho. Tempo desobrigado, este poderia se transformar em tempo livre, no qual se vivenciaria o lazer (Rolim, 1989: 49).

Muitos estudiosos pensam sobre a sociedade como se não existisse a noção de lazer, e intelectuais, ao buscar novos sistemas que desejaríamos mais próximos da atual realidade, deixam-no de lado.

Conceituar o lazer não é simples, pois depende da perspectiva teórica de cada autor. Dentre as inúmeras conceituações, adotei nessa pesquisa a de Dumazedier (1976), cuja obra é pioneira e se constitui numa valiosa contribuição teórico-metodológica sobre o tema. Esse autor adota a perspectiva sociológica e indica quatro ângulos sob os quais o lazer pode ser focado: o econômico, o sociológico, o psicológico e psicossociológico (Rolim, 1989).

Na conceituação econômica, lazer e trabalho profissional aparecem opostos. Enquanto o trabalho é considerado pelo sistema capitalista útil e lucrativo, o lazer é visto como improdutivo. Sob esse ponto de vista, os tempos de trabalho e de não-trabalho são distintos. O lazer não deve ser oposto apenas ao trabalho profissional, existindo outras obrigações familiares e sociais que também se opõem a ele.

Segundo a conceituação sociológica de Dumazedier (*Idem*), lazer é considerado tempo liberado do trabalho profissional e das obrigações cotidianas. As atividades de lazer seriam aquelas cuja finalidade estariam em si mesmas. Esse conceito considera a oposição entre o tempo livre e o trabalho profissional e doméstico.

A conceituação psicológica define o lazer como um estilo de vida. Depende do modo pessoal de “ajeitar” a vida. Cada um tem liberdade para escolher suas atividades no **tempo**

livre. Esta conceituação não leva em consideração as pressões sociotemporais impostas pelas instituições sobre o indivíduo. Ela também não distingue tempo desocupado com o trabalho e tempo desobrigado dele.

Por fim a conceituação psicossociológica caracteriza o lazer como um tempo livre empregado com um fim em si mesmo. Esta conceituação enfoca ao mesmo tempo as três funções do lazer. O indivíduo dependendo de suas necessidades aproveita o “tempo livre” como bem lhe apraz e de acordo com suas necessidades e possibilidades pessoais.

O indivíduo se libera à vontade do cansaço, repousando, do aborrecimento, divertindo-se, da especialização funcional, desenvolvendo de forma intencional as capacidades de seu corpo e espírito (Dumazedier, 1973: 93).

Sem desconsiderar a relevância das outras três, a conceituação sociológica é considerada a mais adequada para analisar as experiências de lazer nos grupos de convivência para idosos, por referir-se às pessoas liberadas das obrigações profissionais e cotidianas e por levar em consideração o estilo de vida de cada um.

Nesse prisma, consideramos que a relação entre os idosos aposentados e as práticas de lazer disponibilizadas nos GCI dependem dos determinantes sócio-econômicos e culturais sob os quais os indivíduos construíram suas trajetórias de vida.

Para Dumazedier (1976: 32), antes de qualquer compreensão o lazer significa liberação e prazer. Além destas o autor acrescenta mais três *funções*, a saber:

- 1- O descanso, que é a liberação da fadiga. O lazer é um reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas e, particularmente, do trabalho. Nessa função são incluídos o repouso, o silêncio e algumas ocupações sem objetivo;

- 2- O divertimento, recreação e entretenimento, aos quais estão relacionados à superação do tédio sendo uma forma de romper com a vida cotidiana rotineira, podendo ser meio de suportar as disciplinas e as coerções da vida social. As práticas que condicionam essa função são: as viagens, os jogos e os esportes;
- 3- E por fim, o desenvolvimento da personalidade, que permite ao indivíduo uma participação social mais livre, oferece novas possibilidades de integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos, culturais e sociais. Neste podemos incluir as festas comemorativas dos grupos de convivência pesquisados.

Os GCI são espaços que possibilitam a realização das três funções do lazer acima citadas, sendo a terceira a mais freqüente por proporcionar além do desenvolvimento da personalidade e melhoria na auto-estima, a inserção social de seus participantes. Dumazedier (1976: 47) considera os grupos para todas as idades, isto é, as organizações recreativas e educativas, espaços originais para sociabilidade desenvolvida pelo lazer.

Ainda para Dumazedier (*Op. Cit.*) as três funções apresentadas estão interligadas, sendo difícil, às vezes, distingui-las. Dependendo da situação em que se pratica o lazer, as funções apontadas aparecem implícita ou explicitamente em determinadas atividades, algumas sendo mais dominantes que as outras.

Cabral (2002), ao analisar os GCI, mostra a organização interna dessas instituições. Segundo a autora, o grupo é o lugar onde as pessoas buscam satisfação pessoal e valorizam o relacionamento com pessoas da mesma idade. Nos grupos populares analisados por Cabral (2001) são realizados vários tipos de atividades de lazer, como: artesanato, danças, festas, viagens, apresentações teatrais, participações em eventos festivos, religiosos e educativos,

entre outras. Esse aspecto demonstra que os GCI podem propiciar, além do descanso, divertimento, desenvolvimento pessoal e social. Observa-se que os idosos além de desenvolverem atividades físicas mantêm interação social.

Ainda sobre a definição de lazer parto da idéia de Dumazedier (1976), segundo a qual, para conceituar lazer é preciso relacionar a noção de tempo e as atividades que permitem a realização das três funções citadas anteriormente.

o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, ou ainda para desenvolver sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais familiares e sociais (Dumazedier, *Op. Cit.*: 34).

Teoricamente, o desenvolvimento tecnológico tende a aumentar o tempo liberado, tornando-se “tempo livre”, pois permitirá ao homem fazer as mesmas tarefas em tempo mais curto. Cabe aos indivíduos utilizar esse tempo de acordo com suas necessidades: seja em atividades recreativas ou de desenvolvimento, seja em repouso ou em outra atividade que não é considerada de lazer.

Retomando Rolim (1989), no que se refere à discussão das funções do lazer, esta teórica considera a vida humana dividida em quatro períodos de tempo livre: no fim do dia, no fim do ano, nas férias, e **no fim da vida, na aposentadoria**¹⁶. Neste último a pessoa pode realizar-se, respondendo às necessidades do corpo, ou às do espírito, através de atividades físicas, práticas artísticas, intelectuais, sociais, espirituais.

Ainda sobre essa discussão, Rolim (1989: 54) ao comentar o livro de Friedman (1972) *O trabalho em migalhas*, reconhece que esse autor adere à conceituação psicossociológica de Dumazedier, quando aponta o lazer como fator de liberação,

¹⁶ Grifo meu.

harmonização e ajustamento físico e psíquico do indivíduo, que continuamente sofre agressão, opressão e alienação do trabalho rotineiro, parcelado.

Para Camargo (1992: 10), os determinismos culturais, sociais, políticos e econômicos, pesam sobre o lazer. Mesmo assim, acredita haver um grau de liberdade nas escolhas dentro do lazer, maior que nas escolhas que se faz no trabalho, no ritual familiar, na vida sócio-religiosa e sócio-política. Para esse autor, um operário decide mais livremente sobre o seu lazer após o expediente – se fica no bar consumindo bebidas e conversando com os amigos ou se vai para casa assistir a uma novela - do que sobre sua rotina de trabalho, normalmente determinada por outros. A livre escolha do lazer é entendida como a existência de um tempo precioso onde se pode exercitar com mais criatividade as alternativas de ação ou de participação.

Nesse panorama um entrelaçamento de elementos deve ser considerado. Para Bruhns (2000: 12), as atividades de lazer também são práticas de consumo, e possibilitam várias interpretações. A esse respeito Arantes (1993) aponta dois paradigmas desenvolvidos pela Sociologia da cultura, a saber:

o frankfurtiano, no qual o consumo é visto como epifenômeno da produção da indústria cultural, e o proposto por Bourdieu no qual o seu estudo deve concentrar-se nos processos mais gerais de reprodução das diferenças e desigualdades sociais por meio da acumulação de capital simbólico e econômico (Arantes, 1993.: 17).

Arantes (1993) afirma que o consumo pode também ser entendido como “mediação” dinâmica – mutável e modificadora -, através das coisas, de relações polissêmicas entre pessoas. Esse autor propõe a consideração do lazer como consumo, ou seja, “como acesso social, aquisição material e uso prático e simbólico diferenciado de recursos no contexto de sistemas de relações sociais e ordem moral” (Arantes, *Op. Cit.*). Assim, permite-se o entendimento do consumo como:

práticas nas quais se experimentam realidades que não são necessariamente parte da vida social “tal como ela é”, não apenas contraponto ou reforço ideológico das formas dominantes de diferenciação social, mas a tematização e experiência temporária de possibilidades imaginadas, que se vislumbra ou se deseja (Arantes, 1993: 21).

O lazer é um fenômeno novo, resultante do progresso técnico e se tornou uma oportunidade de distração, recreação, entretenimento e obtenção de informações desinteressadas. Além disso, o lazer contribui para a formação de novas formas de sociabilidade e de agrupamento. Os grupos de convivência para idosos são exemplos desses agrupamentos que visam, através de atividades de lazer, atender às pessoas idosas, oferecendo-lhes oportunidades de retorno ao convívio e à participação nas comunidades.

2.3. A vida após a aposentadoria e o “tempo livre”

A Alemanha foi a primeira a criar o sistema de aposentadorias, na segunda metade do século XIX. Sendo assim, a aposentadoria é uma das conquistas das reivindicações trabalhistas (Cabral, 1986). Primeiro, o patronato do sistema empresarial implantou o sistema de caixas de aposentadoria, cuja finalidade era reduzir os custos da produção, se desfazendo dos velhos trabalhadores, aos quais os salários não compensavam o rendimento que tinham. Observa-se que a velhice, desde esse período, já está vinculada à invalidez e à incapacidade de produzir.

Na França, antes da aprovação da lei da aposentadoria, em 1910, para as classes operária e camponesa, as famílias arcavam com os custos das pessoas velhas que se encontravam incapacitadas para sustentar a si mesmas. Nesse período, houve a transferência da seguridade da velhice pela família para a incumbência do sistema social.

No Brasil, a primeira concessão ao direito à aposentadoria data do final do século XIX, mais precisamente no ano de 1890. O ministério da Função Pública concedeu aos trabalhadores das estradas de ferro federais o direito à aposentadoria (Simões, 1998). Posteriormente, outros funcionários públicos adquiriram os mesmos direitos. Junto ao direito à aposentadoria foram criadas outras leis que também foram importantes no processo de conquistas dos direitos sociais como as leis do acidente do trabalho. Contudo, foi a partir dos anos vinte, com a aprovação da Lei Elói Chaves, que se criaram as Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAPs)¹⁷ e se desenvolveu um sistema de proteção social no interior das empresas (Cabral, 1986).

A CAPs é considerada a pioneira no regulamento das relações de trabalho no país, principalmente por proteger de forma abrangente a força de trabalho assalariada. A partir desse momento, os trabalhadores passaram a contar com assistência médica, aposentadoria-doença, assim como pensão para os familiares em caso de morte para assegurados (Cabral, *Op. Cit.*).

Posteriormente, nos anos trinta, durante o Governo de Vargas, o sistema de aposentadorias estendeu-se à maior parte das categorias profissionais. E em 1933, foi criado o primeiro fundo de aposentadoria por categoria profissional – o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos (IAPM)¹⁸. Após essa conquista dos marítimos, outras categorias profissionais fundaram seus próprios sistemas de assistência social. Nessa mesma década foram criados os Institutos de Aposentados e Pensões (IAPs)¹⁹. Seus beneficiados foram os trabalhadores que faziam parte do mercado de trabalho formal urbano. Os IAPs representavam, portanto, a segregação de direitos sociais aos conjuntos de leis trabalhistas implementados por Vargas como parte de seu projeto de reorganização social do processo

¹⁷ Doravante será utilizada a sigla CAPs.

¹⁸ A partir desse momento será utilizada a sigla IAPM.

¹⁹ Os Institutos dos Aposentados e Pensões serão representados pela sigla IAPs.

acumulativo, para controlar previamente o conflito entre capital e trabalho (Simões, 1998; Cabral, 1986).

Vale ressaltar que nesse período os idosos da zona rural não eram vinculados aos IAPs, seus direitos à Previdência Social só foram conquistados mais tarde na década de 70 (Cabral, 1986).

A criação em 1960 da Lei Orgânica da Previdência uniformizou as legislações dos diversos institutos da Previdência Social – aposentadorias e pensões – e abriu caminho para a criação em 1966 de uma nova lei reunindo as CAPs, IAPMs, IAPs em um só instituto – o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS)²⁰ (Cabral, 1986).

Segundo a literatura consultada, foi a partir de 1988, com a nova constituição brasileira, que se reafirmou a importância da questão da velhice e se estabeleceu que o valor da aposentadoria deveria basear-se no salário mínimo: “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de cuidar dos idosos, assegurando-lhes uma participação na vida comunitária, protegendo sua dignidade e bem estar, garantindo-lhes o direito à vida²¹”.

Segundo Cabral (1986), na França, com a constituição da aposentadoria no século XIX, a velhice dos trabalhadores estava vinculada à invalidez e à incapacidade de produzir. Para amenizar os estereótipos negativos aos quais estão submetidos os aposentados, foi necessário a criação de novos termos do envelhecimento que passaram a ter um aspecto mais respeitoso. As denominações “velhos” e “velhotes” são substituídas pelo termo “idoso”.

Pouco tempo depois foi necessário criar um novo termo para designar os jovens aposentados, daí surgiu a expressão “terceira idade” que passa a ser sinônimo de envelhecimento ativo e independente. A “terceira idade” é uma nova etapa da vida, onde a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo (Debert, 1997).

²⁰ A partir desse momento será utilizada a sigla INPS.

²¹ Política Nacional do Idoso. Lei nº 8.842, 1994 (Cap. II, Art. 3º).

Processo semelhante ao da França ocorreu no Brasil. A partir dos anos 60, o termo velho é designado para as pessoas de mais idade que pertencem às camadas populares, e idoso passa a ser um tratamento mais respeitoso, que designa aqueles que pertencem às camadas mais favorecidas (Cabral, 1997).

Posteriormente as instituições governamentais brasileiras também adotam outras representações para as pessoas envelhecidas. O termo idoso passa a ser designado por todas as pessoas de mais idade. A “terceira idade” também foi copiada da França, tendo o mesmo significado de “jovens velhos”. A criação dessa nova categoria contribuiu para o surgimento de novos mercados, tais como: turismo, produtos de beleza e alimentos (Cabral, 1997).

Segundo Debert (1999: 61), a generalização da aposentadoria nas sociedades atuais tende a cada dia aumentar o número de pessoas que, após trabalharem por um certo período de tempo ou a alcançarem determinada idade, passam para a “inatividade”. A instauração da aposentadoria restaura o ciclo de vida no qual estabelecem-se três etapas: a infância e adolescência – tempo de formação; a idade adulta – tempo de produção; e a velhice – tempo do “não trabalho”.

A instituição do trabalho assalariado influenciou a generalização da aposentadoria. De certa forma, modificou a noção de renda, isto é, de um lado difundiu-se a norma de remunerar o trabalho por um tempo de ação e não por uma tarefa específica. Por outro lado, o salário é pago por uma instituição e não diretamente por uma pessoa. A aposentadoria também tem uma relação direta com a produtividade. Ela além de evitar o conflito entre o capital e o trabalho conserva intocadas as condições de venda da força de trabalho, garantindo um certo poder aquisitivo, como condição de participação de outras classes no mercado interno. Como resultado de tais medidas acarreta-se posteriormente lutas por melhores condições de aposentadorias, a fim de que possam atrair mais rapidamente os trabalhadores para a inatividade, e pressões sobre os idosos ativos, no sentido que liberem seus lugares. A

aposentadoria criou um novo valor social e considera que os homens, após determinada idade, devem abandonar as atividades economicamente produtivas, garantido-lhes o direito de serem mantidos financeiramente pelo sistema. É uma situação natural que chega mesmo a ser aceita por todos e desejada por muitos (Simões, 1998).

O que se pode afirmar atualmente é que a aposentadoria no Brasil não condiz com as necessidades e com o bem estar da população idosa, diferentemente de outros países, onde a aposentadoria é considerada um momento de se retribuir ao cidadão aquilo que ele produziu durante o tempo de trabalho, ou seja, aquilo com que ele contribuiu para o desenvolvimento da sociedade, sua riqueza (Simões, 1998).

Recentemente, nos anos 90, no Governo de Fernando Henrique Cardoso foram aprovadas algumas reformas na Previdência Social. Segundo Simões (*Op. Cit.*), estas reformas são resultados do impacto do crescimento da proporção de idosos sobre a razão entre contribuintes e beneficiários da Previdência Social.

As principais aprovações até maio de 1998 foram as seguintes: os trabalhadores do setor podem se aposentar por período de contribuição (mínimo de 35 anos para homens e 30 anos para mulheres) ou por idade (os homens aos 65 anos e as mulheres aos 60 anos) e esses limites são reduzidos em cinco anos para os trabalhadores rurais de ambos os sexos; o trabalhador é obrigado a comprovar o tempo de contribuição à Previdência e, não mais o tempo de serviço; deixa de existir a aposentadoria proporcional por tempo de serviço; o limite máximo para o valor das aposentadorias do setor privado é de dez salários mínimos, reajustáveis de forma a preservar seu valor real, nem um benefício poderá ser inferior a um salário mínimo; as aposentadorias especiais (por 30 anos de contribuição, para os homens, e 25 anos para as mulheres) são mantidas para professores do ensino fundamental e médio e para os trabalhadores cujas atividades são consideradas insalubres; magistrados e militares

deixam de ter aposentadorias especiais e passam a seguir as regras vigentes para demais trabalhadores do setor público (Cabral, 2002).

A aposentadoria como instituição social é um direito que deve proporcionar benefício, assegurando aos indivíduos uma renda permanente para a manutenção do nível de vida e garantir as necessidades de segurança individual. Entretanto, não é isso que ocorre, a aposentadoria se constitui num período de empobrecimento e até mesmo de miséria, dada a depreciação de seu valor monetário. Além disso, há também a difícil possibilidade do aposentado de complementação de renda com um outro trabalho remunerado. Mesmo não existindo proibições legais ao trabalho do idoso aposentado, a sociedade não oferece muitas oportunidades de trabalho remunerado para os mais velhos. Outro problema da aposentadoria é a privação e a desvalorização do indivíduo no mundo social e o isolamento, face ao conjunto de estereótipos negativos impostos aos aposentados.

Luiza Erundina (1992), ao discutir no *Jornal Folha de São Paulo*, a condição do aposentado no Brasil afirmou que a “aposentadoria é um castigo”. Nas suas palavras:

castigo, porque no limite do miserável em que se situa enquanto dinheiro, enquanto salário que não cobre as necessidades da pessoa aposentada que é levada a continuar trabalhando até clandestinamente (...) (*Jornal Folha de São Paulo*, setembro de 1992).

Reconhece-se que a sociedade trata mal o aposentado que envelhece precocemente pela dureza das condições de trabalho e pela má remuneração ofertada. A situação do idoso é uma questão que precisa ser considerada nas políticas a serem encaminhadas nos diferentes níveis de governo e da sociedade. Através dessas circunstâncias questiona-se: o trabalhador ao aposentar-se terá realmente tempo livre para diversão ou para fazer o que não pôde fazer na juventude? Como uma pessoa que ganha um pequeno salário pode desfrutar do lazer proposto nos grupos?

Para aprofundar as reflexões sobre essa discussão registramos a contribuição de Subirats (1991: 11). Ao analisar a importância do lazer para a “terceira idade” na sociedade espanhola, tal estudiosa mostra como a aposentadoria é a condição para os trabalhadores aproveitarem o tempo livre que até então não tinham. Eles podem executar atividades físicas, manuais, artísticas e intelectuais, integrando-se aos grupos de idosos que são basicamente, grupos de lazer.

Conseqüentemente, o período da aposentadoria é um momento em que as pessoas têm oportunidade de recuperar laços de amizade e da família, oportunidade de fazer aquilo que sempre quiseram fazer, mas o trabalho produtivo não permitiu. Oportunidade para aprender e oportunidade também para trabalhar em coisas úteis para os demais e para si mesmo.

Neste caso, o tempo livre adquirido após a aposentadoria não é visto como problema e sim como oportunidade. Apesar disso, verificamos que nem sempre as pessoas quando são retiradas do processo de produção, aposentado-se, têm oportunidade de fazer o que sempre quiseram fazer, de descansar, mesmo tendo mais tempo livre. Para a grande maioria, esse tempo se torna um dilema. Surge, nesse momento de transição, uma situação de marginalização e uma sensação de inutilidade, de vazio, de dúvidas inevitáveis diante do desconhecido, do que está por vir.

Dessa maneira, a associação entre a aposentadoria e o binômio ócio-lazer, faz com que pessoas tenham dificuldade de adaptar-se à vida pós-trabalho. Esse é um momento de dilema para muitos, principalmente para aqueles que têm o trabalho como o único meio de dar sentido à vida. O indivíduo idoso afastado do trabalho produtivo perde não somente os amplos vínculos sociais, mas também a principal razão social da sua existência, que é o processo de manter as relações produtivas com o meio social e material. Nessa perspectiva, o idoso perde, não só os amigos, as obrigações ou o *status*, mas o direito de sua participação ativa num

processo de relações com o meio social que dê sentido à sua existência (Iwanowicz, 2000: 119).

3. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A VELHICE E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

3.1. Envelhecimento: construção histórico-social

Estamos vivendo num estágio histórico onde se manifesta um embaçamento de fronteiras entre a infância e a maturidade, atestados nos termos "crianças adultas" e "adultos infantis", "idosos jovens" e "jovens idosos" (Bruhns, 2000: 11).

Face à transformação do envelhecimento populacional em problema social, suas representações e suas imagens vêm constantemente se redefinindo. Os termos relacionados aos idosos “deixam” de estar vinculados à invalidez e à incapacidade de produzir, para tornarem-se mais respeitosos, como é o caso da utilização da palavra “idoso”. Há também a expressão “terceira idade”, que representa a imagem do envelhecimento ativo, e surge, para opôr-se ao antigo tratamento dos mais velhos: “terceira idade x velhice; aposentadoria ativa x aposentadoria passiva; centro residencial x asilo; gerontologia x ajuda social; animador x assistente social” (Debert, 1998a: 63).

A transferência dos encargos dos velhos da família para outras instâncias atingiu as relações entre as gerações nas diferentes classes sociais. A representação social da pessoa envelhecida conheceu várias modificações ao longo do tempo, uma vez que:

as mudanças sociais reclamavam políticas sociais para a velhice, políticas essas que pressionavam pela criação de categorias classificatórias adaptadas à nova condição moral, assim como a construção ética do velho (Peixoto, 1998: 70).

Ao estudar as categorias de idade, Debert (1998b) afirma que estudos sobre os períodos da vida mostram como:

o processo biológico é elaborado simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades (Debert, 1998b: 63).

Assim como Debert (*Op. Cit.*), consideramos aqui as categorias de idade construções históricas e sociais. Para essa discussão, nos remetemos a Ariès (1991), em obra clássica *História social da criança e da família*. Esse autor mostrou que a infância, como a conhecemos contemporaneamente, é uma categoria que foi sendo construída a partir do século XVI, alargando-se desde então a distância que separava as crianças dos adultos. Na França Medieval, as crianças não eram separadas do mundo adulto. Até as formas de se vestir eram iguais às dos adultos. A partir do momento em que sua capacidade física permitisse, e em idade relativamente prematura, participavam integralmente do mundo e da vida social.

Verificamos que, assim como a análise da padronização da infância deve levar em consideração as mudanças históricas e sociais, a análise das formas e das imagens do envelhecimento também precisa considerar as mudanças que ocorreram ao longo da história humana. Estas mudanças caracterizam a experiência contemporânea e levam à criação de uma série de etapas intermediárias entre a idade adulta e a velhice, como a “terceira idade” e a “aposentadoria ativa”. Estas etapas são as novas imagens do envelhecimento ativo da sociedade moderna.

Na França, no século XIX, a velhice era característica das pessoas que não podiam assegurar o seu futuro financeiramente. Segundo Peixoto (1998), velho era o indivíduo despossuído, o indigente; já as pessoas que possuíam patrimônio, designado por Ariès (1991: 21) como “os patriarcas com experiência preciosa”, detinham certa posição social, administravam seus bens e eram respeitados, chamavam-se idosos. Neste caso as pessoas mais velhas eram tratadas de forma diferenciada, dependendo de sua situação financeira,

existiam os velhos ou velhotes, que eram os indivíduos que não possuíam *status* social, e os que possuíam eram reconhecidos como “idosos”.

Peixoto (1998) traçou uma trajetória da redefinição dos termos, conceitos ou noções vinculadas ao envelhecimento, analisando também as nuances das representações sociais francesas e brasileiras a respeito das categorias: “velho”, “velhote”, “idoso” e “terceira idade”. Para Peixoto (*Op. Cit.*), foi no final do século XIX que os franceses passaram a dar um tratamento social à velhice, “ao distinguirem os velhos dos mendigos internados nos **depósitos de velhos**²² e nos asilos públicos” (Peixoto, 1998: 70).

No mundo moderno, nota-se que a velhice vem sendo representada por novas imagens. Esse estágio da vida é tratado como um momento privilegiado para novas conquistas e para busca do prazer. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que propiciam aos mais velhos a oportunidade de realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, de estabelecer relações mais propícias com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. As novas imagens do envelhecimento acompanham a construção da “terceira idade”, uma criação recente das sociedades ocidentais contemporâneas. Como discutido anteriormente, essa nova categoria de idade é sinônimo de envelhecimento socialmente ativo e independente (Cabral, 2002; Debert, 1999).

Contemporaneamente, verificamos que os signos do envelhecimento assumiram novas designações que se contrapõem aos estereótipos negativos, como por exemplo, “nova juventude”, “idade do lazer”. Ao mesmo tempo, observamos que os signos da aposentadoria também foram invertidos ela “deixou de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade, de lazer e de realização pessoal” (Debert, 1998a: 63).

Prosseguindo nessa discussão, Cabral (1997) e Debert (1999), consideram que o processo de perdas na velhice vem sendo substituído por novas oportunidades que os idosos

²² Grifo meu.

aposentados têm para aproveitar o “tempo livre” em atividades de repouso e divertimento, ou seja, em lazer. Atualmente, os estágios mais avançados da vida são considerados momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do “prazer e da satisfação pessoal”.

Ainda segundo Debert (1999), as idades no mundo moderno tornam-se um mecanismo cada vez mais poderoso e eficiente na criação de mercados de consumo, na definição de direitos e deveres e na constituição de atores políticos. Com isso, são criadas etapas intermediárias no interior da vida adulta, como a “meia idade”, a “terceira idade” e a “aposentadoria ativa”.

Se a modernidade, como mostrou Ariès (1991), assistiu à emergência de etapas intermediárias entre a infância e a idade adulta, assiste-se, atualmente, a uma formação de etapas do envelhecimento, correspondentes à transformação social da velhice, moldada pelos atores sociais – não idosos – que se constituem como profissionais dos entretenimentos, dos novos problemas sociais ligados ao envelhecimento populacional, e pelos capitalistas, interessados na segmentação de mercado que resulte em ampliação das possibilidades de expansão do consumo e, conseqüentemente, do lucro.

Temos também com a “terceira idade”, uma nova fase da vida existente entre a velhice e a aposentadoria. A “terceira idade” é, portanto, produto da universalização dos sistemas de aposentadoria e é representada por jovens aposentados. Esta nova categoria de idade é associada aos aposentados dinâmicos, que fazem atividades sociais, culturais e esportivas: são os “jovens velhos” (Cabral, 2001; Debert, 1999).

Uma característica marcante do termo “terceira idade” é a valorização da juventude e a supervalorização do lazer. Segundo Debert (1999), a construção da “terceira idade” é a nova imagem do envelhecimento que busca eliminar preconceitos aos quais estão submetidos os idosos, tais como: improdutivo, desocupado, inútil. A representação social do envelhecimento passa a ser dinâmica e ativa, os idosos agora participam de atividades sociais e esportivas.

Entretanto, essas aspirações se contrapõem à realidade vivida pelos idosos aposentados. A aposentadoria é um momento que irá espelhar a condição psicossocial de cada um. Se a pessoa preenche sua vida única e exclusivamente com o seu trabalho, ao se aposentar irá sentir-se desengajado e marginalizado do sistema social e produtivo, pois não terá mais nem um papel social, terá dificuldade para aceitar a nova fase da vida. Diante disso, têm sido organizadas muitas estratégias que visam assegurar aos idosos direito à existência digna, estímulo à participação sócio-cultural na comunidade e estruturação de pequenos serviços de auxílio e assistência.

Os grupos de convivência são a concretização dessas estratégias, que além de proporcionarem cuidados culturais e psicológicos, buscam também superar a condição marginalizada dos idosos. Para atingir esses objetivos desenvolvem-se várias atividades. A principal delas, a mais valorizada pelos organizadores e pelos participantes é a de lazer, esta é considerada o dispositivo mais eficiente da sociabilidade.

Em *A vida começa todo dia*, Cabral (1997) demonstra como as novas imagens do envelhecimento foram sendo construídas ao longo da história. Segundo a bibliografia consultada, a “terceira idade” é um termo que surgiu com o aumento da longevidade populacional. Ela está mais relacionada à juventude do que ao envelhecimento. Assim, a “terceira idade” é uma fase intermediária entre a idade madura²³ e o estágio do envelhecimento. Sua representação está associada a um envelhecimento dinâmico e jovial.

A representação da terceira idade contribui para diluir as fronteiras etárias, ao negar o processo de envelhecer, e criar novas e positivas expectativas para um período do curso da vida (Cabral, 1997: 160).

²³ Para Cabral (1997), nessa fase, o indivíduo está saindo das atividades profissionais.

A representação da “terceira idade” é produto tanto do aumento da expectativa de vida quanto da universalização dos sistemas de aposentadoria e do surgimento de instituições sociais, agentes e cientistas especializados no processo de envelhecimento. Cabe aos especialistas do envelhecimento prescreverem a esse grupo etário, maior vigilância alimentar, exercícios físicos, atividades culturais, sociais e psicológicas. Na França, por exemplo, já se institucionalizou a “quarta idade”, para representar as pessoas com mais de 75 anos. Os idosos que pertencem a esta fase da vida são os mais afetados pelo estigma de “muito velho”, sendo caracterizados pela imagem tradicional da velhice, que é a decadência ou a incapacidade física²⁴ (Peixoto, 1998).

Entretanto, a criação dessas denominações (terceira idade, quarta idade) é resultante do prolongamento da vida que conseqüentemente alargam as faixas de idade dos mais jovens. Na França já estamos vendo a construção da “quinta idade” para se referir aos indivíduos com mais de 85 anos (Peixoto, 1998).

Contudo, observa-se atualmente que a velhice é traduzida como uma fase de aposentadoria ativa, em que o declínio físico associado a ela constitui-se num fenômeno capaz de ser progressivamente eliminado. Estamos presenciando uma reconstrução do curso de vida com tendência a uma maior flexibilidade e variedade²⁵.

Nessa discussão observamos que as transformações do envelhecimento e suas imagens são construções sociais que ocorrem no decorrer da história. A bibliografia analisada mostra como os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude” e “idade do lazer”. Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso para se tornar um período de atividades recreativas e principalmente de lazer. Essas novas atividades, agora valorizadas,

²⁴ Ver Debert, G. G. A reinvenção da velhice: socialização do envelhecimento. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1999.

²⁵ Featherstone (2000: 93) aponta vários exemplos a esse respeito, como a finalização automática da transição entre a escola e o trabalho, maior número de mulheres no mercado de trabalho e iniciando a educação na meia idade, como maior variedade de modelos de parentesco, de educação infantil e família.

constituem uma das preocupações dessa pesquisa que busca conhecer como elas contribuem para sociabilidade dos mais velhos e como as novas categorias do envelhecimento são vivenciadas no cotidiano dos idosos das camadas populares participantes dos grupos de convivência.

Prosseguindo, discutimos a seguir o reconhecimento dos processos sociais como condicionantes da construção cultural da velhice, que até então era informada por uma abordagem centrada nos aspectos biológicos.

3.2. Um novo olhar sobre a velhice e o processo de envelhecimento

A velhice, enquanto tema de pesquisa, está marcada por três tipos de características: categorias culturalmente produzidas, que têm como referência supostos processos biológicos universais; questões que nas sociedades ocidentais contemporâneas se constituíram em problemas sociais; e temas em torno dos quais um discurso científico especializado é institucionalizado (Debert, 1998b: 07).

O envelhecimento populacional vem se tornando questão social de significativa importância no Brasil e no mundo, segundo vários estudiosos desse segmento etário. De acordo com as discussões advindas da gerontologia²⁶, das ciências sociais e de outros estudos afins, a velhice é considerada um problema social. Observamos atualmente que discussões relacionadas à família incluem a questão do envelhecimento e do papel sócio-familiar dos mais velhos, e também a relação deles com as políticas públicas (Cabral, 1997: 161).

Inicialmente, a discussão sobre a velhice e o envelhecimento estava baseada nos fenômenos biológicos. As características fisiológicas e psicológicas da velhice tinham importância central na produção do conhecimento e caracterizavam as formas de intervenção. Esta discussão era limitada, pois considerava as transformações que ocorriam nas

²⁶ O termo "gerontologia" significa o estudo sobre o envelhecimento. Foi criado em 1908 pelo médico Metchinikoff.

experiências de envelhecer, resultados das mudanças sociais e das culturas particulares de cada sociedade.

Como mencionado em capítulo anterior, em fins do século XIX ocorreram mudanças no que diz respeito à responsabilidade para com o idoso. A família, instituição responsável para cuidar do idoso, transfere seu papel para o âmbito do Estado. Paralela a esta transferência da responsabilidade da família do idoso para o Estado ocorreu a criação de novas instituições voltadas para esse segmento populacional.

Nesse contexto, verificamos a formação de outra vertente de observação e discussão do envelhecimento que enfoca a importância das mudanças sociais no processo de envelhecimento e as questões sócio-políticas que envolvem políticas públicas e sociais (Lima, 1998: 31).

A partir desse momento, verifica-se a constituição da gerontologia, que através de um trabalho lento se configurou como uma ciência dos estudos da velhice e do processo de envelhecimento. Preocupada com as questões sociais desse segmento populacional, a gerontologia investe na formação de profissionais em busca da compreensão das representações do envelhecimento e das práticas relativas a velhice (Souto, 1997: 14).

A gerontologia, construída por profissionais de várias formações nos Estados Unidos e na Europa desenvolveu duas teorias: a do "desengajamento" e a da "atividade". Ambas enfatizam a questão da perda de papéis sociais na velhice e tentam, através de seus trabalhos, resolver tal problema. Para a teoria do desengajamento, o lazer contribui para inserção social dos idosos, os quais, ao saírem do trabalho, perdem muito dos seus papéis na família e no campo profissional (Cabral, 1998).

Nessa ótica, a compreensão da velhice e do processo de envelhecimento vai além dos fatores fisiológicos e psicológicos. Reconhece-se a dimensão social como condicionante do

envelhecimento e dos problemas enfrentados na velhice. Temos com isso um novo olhar sobre a velhice e sobre o processo de envelhecimento (Lima, 1998: 34).

Entretanto, constitui-se um novo contexto de discussões sobre a velhice e o processo de envelhecimento. De um lado, há a formação de especialistas e profissionais da velhice; e de outro lado, são construídos novos espaços para atividades de lazer e Universidades da Terceira Idade (UNATI)²⁷.

Lima (1998: 38), ao elucidar a importância dos programas desenvolvidos para as pessoas da terceira idade, afirma que estes programas buscam uma identidade própria do envelhecimento, sem abrir mão do saber científico. O autor segue uma extensa linha de pesquisa que congrega muitos pesquisadores e considera que as mudanças ocorridas no campo do envelhecimento contribuíram para a inserção da reflexão sobre o envelhecimento nas esferas públicas e nas novas discussões acadêmicas (*cf.* Cabral, 1997).

Os primeiros grupos de convivência foram organizados no Brasil em meados dos anos 60, pelo Serviço Social do Comércio (SESC)²⁸. A discussão central dessa época aponta a sociedade moderna como culpada pela condição de marginalização social do idoso. A partir de então, crescem no Brasil, propostas de "socialização libertadora" e de propagação da cultura do lazer, considerado o melhor caminho para atender às necessidades da população idosa, surgindo ao mesmo tempo programas para combater os estigmas do envelhecimento como é o caso dos GCI (Lima, 1998).

Podemos afirmar que atualmente há a promoção da diversão e do lazer como alternativa de ocupação do tempo livre e da sociabilidade nesses novos espaços. Segundo Debert (1999), os grupos e as UNATIs são considerados espaços para sociabilidade mais gratificantes entre os idosos.

²⁷ Doravante será usada a sigla UNATI.

²⁸ A partir desse momento será utilizada a sigla SESC.

É importante salientar nessa discussão a distinção entre os GCI, nosso *locus* de estudo, e UNATIs. Os grupos²⁹ são espaços de realização de várias atividades, sobretudo de lazer. Nesses espaços são oferecidas palestras informativas, cursos artesanais, ginástica, festas comemorativas, viagens. As UNATIs, organizadas no Brasil a partir dos anos 80³⁰, estão voltadas à educação e oferecem vários cursos de artes plásticas, filosofia, línguas, gerontologia, entre outros. As Universidades para Terceira Idade estão estruturadas para desenvolver conhecimentos, principalmente sobre envelhecimento e para a velhice.

Segundo Néri (1998a: 92), o trabalho assalariado é geralmente o único significado da vida para a maioria da população brasileira. Isso é inculcado desde a infância no processo de socialização e escolarização que prepara as crianças para a vida adulta produtiva. Quando os sentimentos de inutilidade e invalidez surgem após a aposentadoria, o indivíduo sofre porque não terá mais uma vida ativa vinculada ao processo produtivo. E ainda, a aposentadoria é relacionada à invalidez ou à incapacidade de produzir, sendo vista, pela maioria dos trabalhadores, como um problema, pois não se terá mais nada para fazer nessa fase da vida.

Dumazedier (1976: 33)³¹ afirma que, na sociedade contemporânea, o indivíduo, através do lazer, se recupera do cansaço físico e nervoso, repousando. Dono do seu tempo livre, ele pode fugir do aborrecimento cotidiano, das tarefas parceladas, divertindo-se por fazer algo que o interessa e do qual ele gosta. As atividades de lazer emergem como uma possibilidade de construção da sociabilidade mais ativa para os mais velhos (Cabral, 2002).

Para Motta (1997), os grupos para idosos estão reforçando a separação dessa parte da população - categoria de idade - com o restante da sociedade. A participação dos idosos está restrita aos grupos e se existe sociabilidade, ela acontece apenas entre os idosos nos grupos, conclui essa autora.

²⁹ Essa pesquisa observa dois GCI populares em Campina Grande, o "Fios de Prata" e o "Cabelos Brancos".

³⁰ Mais informações sobre a origem da UNATI ver Lima (1998: 56).

³¹ Com mencionado Joffre Dumazedier é um dos primeiros sociólogos do lazer.

Nesse panorama, observamos que as novas reflexões sobre a velhice e o processo de envelhecimento a partir de uma perspectiva sociológica crítica, contribuíram para o aumento das propostas de cultura do lazer e com elas a propagação dos GCI. Muitos estudiosos afirmam ser este o melhor caminho para combater o estigma a que estão submetidos os idosos, e principalmente, contribuir para maior sociabilidade como conseqüente inserção social (Subirats, 1991).

4. O LAZER NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS

4.1. Prática renovada de sociabilidade prazerosa

As experiências estéticas e lúdicas, que valorizam os elementos do prazer, da afetividade, da emoção, da espontaneidade (e da sociabilidade), articuladas ao contexto cultural (são) promovedores essenciais para que o homem desenvolva-se de maneira significativa e articule positiva e significativamente sua ação no mundo (Gebara, 2000: 97).

Esse estudo aborda a questão do lazer nos grupos de convivência, entendendo-os como espaço e momento para sociabilidade do segmento populacional com mais de 60 anos. Particularmente estão sendo observados idosos das camadas populares, que não possuem outros meios ou recursos para desenvolverem outras atividades de lazer fora do âmbito familiar, exceto nos grupos.

Como analisado por Cabral (1997: 16), os grupos “são lugares onde os idosos tecem relações de proximidade e aconchego caloroso”. A participação dos idosos nos grupos contribui para construção de laços de amizades entre os participantes.

Como visto, essa prática de sociabilidade no grupo de convivência é fonte de prazer. Para analisar a questão do lazer como estratégia de sociabilidade essa pesquisa reporta-se a obra de Georg Simmel (1993)³², com sua importante contribuição teórica, que busca explicar os fatos sociais e históricos através dos fatores psico-sociais. Para esse autor, os fenômenos sociais supõem trocas entre os indivíduos, que compartilham ou disputam entre si sentimentos de ódio, de amor e de inveja. Esses elementos psíquicos existem em todas as relações humanas.

A sociologia, segundo Simmel (1993), para possuir um sentido definido, deve buscar seus problemas não na matéria da vida social, mas em sua forma. É a forma que dá o caráter social dos fatos de que se ocupam as ciências particulares (Simmel *apud* Moscovici, 1990).

³² É um dos mais importantes sociólogos alemães. Estudou filosofia e história na Universidade de Berlim (Moscovici, 1990).

Assim, caberia à sociologia o estudo das formas de vida social. Seria do seu domínio as formas que tornam os grupos de homens unidos para viverem uns ao lado, para, ou com os outros. Simmel (1993) propõe investigar as formas específicas pelas quais as sociedades como tais, se conservam. “A sociedade é possível de ser pensada apenas como um conceito-limite, como resultado das formas de sociação³³, ou da rede de relações sociais recíprocas” (cf. Souza & Ölze, 1998: 17).

Para Simmel (1993) a sociedade, ou seja, a sociação é o estar com o outro, para o outro e algumas vezes contra o outro. Essas formas de relações também são constitutivas da sociabilidade que é a reunião social entre os indivíduos.

Simmel (1993) define sociabilidade como uma forma autônoma ou lúdica de sociação, cujas manifestações não têm propósitos objetivos. Assim, sociabilidade é um trabalho social de arte, no qual o indivíduo só deve mostrar em suas ações o que a realidade lhe permite. Sem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Sua principal característica é o êxito do momento. Desse modo, as condições e os resultados desse processo são exclusivamente determinados pelas pessoas que se encontram numa dada reunião social, cujo caráter é determinado por qualidades pessoais, tais como: amabilidade, refinamento e cordialidade (Simmel, 1993: 168).

Para este autor, a sociabilidade é um espaço sociológico ideal onde o prazer de um indivíduo está ligado ao prazer dos outros. O mundo da sociabilidade é artificial, por ser um jogo no qual se “faz de conta que são todos iguais” e, ao mesmo tempo, “se faz de conta que cada um é reverenciado em particular”. O faz de conta não está contido na dimensão da mentira, devendo ser entendido como ação sociável, como mero instrumento das interações e dos eventos da realidade prática.

³³ Simmel substitui o conceito de sociedade pelo de sociação. Para este autor, a sociedade é constituída pelos interesses, pulsões, tendências, desejos, que são os conteúdos das formas sociais. Já a sociação é a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esse fenômeno transforma os conteúdos em formas sociais que são as interações sociais concretas (Souza & Ölze, *op. cit.*).

Como mostrado em outros estudos, os grupos de convivência são considerados pelos idosos os espaços da diversão, de laços de amizades e para esquecer os seus problemas (Cabral, 1997). Os idosos participantes dos grupos encontram lazer fora do âmbito familiar e doméstico. A tomada de posição frente a essa opção³⁴ (participar de grupos) surge em momentos significativos para os idosos, como por exemplo: a morte do marido ou esposa, a aposentadoria, a doença, os problemas familiares, ocasiões de mudança de vida em que sua própria vida deve ser repensada e redefinida. E essa opção de mudança no comportamento³⁵ vem no momento em que se confrontam com a própria velhice. Essa atitude não é algo imediato. O perceber-se velho não acontece num instante, é fruto de um desenrolar de eventos. Alguns desses eventos têm mais significado do que outros: uns porque representam uma mudança de participação social (aposentadoria, viuvez), e mudança familiar, outros porque constituem uma ameaça à vida e representam, de fato, uma mudança radical da vida para a morte (a doença) (Barros, 1998).

Barros (*op. cit.*), ao fazer um estudo antropológico de mulheres na velhice, afirma que as situações históricas e contextuais brasileiras influenciam nas opções de estilos de vida de cada pessoa. Para ela,

A noção da importância da própria biografia para a elaboração das decisões e opções atuais permite a elaboração da escolha da forma de viver e os casos (por ela estudados) exemplificam como, para as mulheres (e para os idosos aqui pesquisados) existe um acontecimento de sua trajetória de vida que fundamenta o próprio momento de formação de escolha de vida (Barros, 1998: 157).

Os participantes buscam os grupos para desfrutarem do lazer oferecido porque a forma de vida deles não está fora da realidade subjetiva; a biografia de cada um, a forma de

³⁴ No caso dos idosos pesquisados é a opção do lazer nos grupos.

³⁵ Os idosos deixam de ter uma vida totalmente doméstica para circular em espaços de lazer.

receber e reinterpretar a cultura de sua sociedade está no fundamento de suas escolhas. A possibilidade de reinterpretação e de manipulação do que é dado pela situação sócio-cultural localiza o indivíduo como elemento ativo e não apenas passivo da realidade. Como todos os indivíduos, os idosos não estão totalmente livres nas suas escolhas; suas famílias, seus estilos de vida e a própria sociedade os influenciam sempre.

4.2. Como o lazer pode “nuançar o envelhecimento” dos participantes dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”

No grupo fiz muita amizade. A gente faz passeios nos fins de semana, e se diverte muito (Senhora de 74 anos, participante do grupo Fios de Prata).

As primeiras experiências de grupos de convivência para idosos de que se têm notícias aconteceram em países do Continente Europeu, expandindo-se rapidamente para outros países. Essa foi, possivelmente, a primeira concepção mais aberta do atendimento à população longeva, oferecendo oportunidades de retorno à participação comunitária (Cabral, 1997: 159).

Entre as instituições brasileiras que atuam nessa área, o SESC, em São Paulo, foi pioneiro na implantação de grupos, os quais se expandiram rapidamente nos anos seguintes (anos 70, 80, 90). Para Salgado (1982: 60), a expansão dos Clubes ou Centros de Convivência para Idosos representa um estímulo à vida social, e pode significar também o ponto de partida para outras conquistas. Seus resultados poderão ser benéficos aos participantes e à comunidade em geral, na medida em que os idosos venham atuar em programas mais amplos voltados para setores necessitados das comunidades. Ainda segundo esse autor, a ação dos

clubes de idosos deve levar em consideração dois pontos básicos: estímulo à participação sócio-cultural na comunidade e estruturação de pequenos serviços de auxílio e assistência.

Atualmente várias instituições interessadas no tema “lazer na terceira idade” desenvolvem atividades voltadas para idosos, geralmente organizadas em três tipos de projetos: grupos de convivência, que objetivam expandir a sociabilidade; escolas abertas para a “terceira idade”, que propõem educação permanente, adequada à “terceira fase da vida”, contribuindo efetivamente para a descoberta de novos interesses, novas habilidades e propiciando, inclusive, a reformulação de planos de vida, nos quais os idosos se situam como pessoas participantes e capazes de contribuir para a solução de alguns problemas, quer do seu grupo familiar, quer das comunidades de que fazem parte; e trabalhos com pré-aposentados, envolvendo a circulação de um conjunto de informações que preparam os trabalhadores para as condições de vida que a aposentadoria traz, principalmente sobre as questões de saúde física e mental, mudanças de papéis, questões psicológicas, relacionamentos sociais (Néri 1998; Debert, 1998). Em todos os projetos, observa-se o papel destacado que ocupa a cultura do lazer.

A sociedade capitalista está sustentada na importância do trabalho para produção de bens, para fins mercadológicos. As relações sociais construídas sob a presença determinante de trabalho tornam as atividades de lazer insatisfatórias para aqueles que foram excluídos dos meios de produção.

Dumazedier (1976: 107) acredita que através das atividades de lazer o indivíduo pode mudar seu modo de vida, pois “o lazer tem o papel mediador entre a cultura de uma sociedade ou de um grupo e as reações de um indivíduo às situações da vida cotidiana”, contribuindo para a não marginalização social das pessoas (Dumazedier, 1976: 264). Esse autor observa ainda que as escolhas das atividades de lazer dependem do estilo de vida de cada um. Dependendo das situações cotidianas enfrentadas, os indivíduos podem escolher

atividades de lazer que lhes tragam um equilíbrio e lhes proporcionem recuperação da força física e mental, recreação e desenvolvimento pessoal e social. Assim, a pessoa escolhe as atividades de lazer de acordo com suas necessidades e responsabilidades e principalmente suas reais possibilidades.

Essa escolha levará o indivíduo a estabelecer uma hierarquia nas suas atividades físicas, intelectuais e sociais e em todas as oportunidades (que) fortaleçam a autonomia e a estrutura de sua personalidade, procurando ao mesmo tempo alcançar uma melhoria na sua participação consciente e voluntária na vida da sociedade (Dumazedier, 1976).

É possível pensar a ambigüidade do fenômeno lazer. Por um lado, a teoria afirma que o lazer é o melhor caminho da sociabilidade para as pessoas, principalmente das que saíram do processo de produção. Por outro lado, a experiência empírica confirma que a sociedade capitalista valoriza o homem por suas atividades profissionais e pelo seu trabalho. Entretanto, espera-se que as pessoas da “terceira idade” ao desenvolverem atividades de lazer possam ter além de desenvolvimento pessoal, maior convívio social.

O lazer realizado nos GCI é a atividade que os idosos escolheram para praticarem fora de casa. A sociedade não está estruturada para a população envelhecida e os grupos são criados para amparar esse segmento populacional. No entanto, eles não resolvem todos os problemas do idoso, tais como, o preconceito que a própria sociedade têm com relação a eles, principalmente a família (Cabral, 2002; Motta, 1998). A inserção nos grupos não é processo fácil para os idosos, às vezes é a própria família que tenta tolher sua liberdade de circulação, como aponta Cabral (1997). De acordo com seus familiares, “eles não precisam fazer nada, e nem precisam de lazer, já tiveram o ‘tempo’ deles”.

Alguns teóricos sobre a velhice a consideram como a última etapa da vida, fase em que as pessoas diminuem o convívio social. Entretanto, muitos idosos procuram dar sentido às

suas vidas com as atividades de lazer: “(...) ficar em casa pensando besteira não dá” (Senhora de 76 anos, participante dos grupos Fios de Prata e Cabelos Brancos).

Nos grupos pesquisados observam-se as expressões de prazer dos idosos ao participarem da dança e também como se referem às amizades uns com os outros. As festas comemorativas aparecem como as preferidas de todos, pela oportunidade de conhecerem pessoas diferentes e de manterem relações de proximidade com maior número de pessoas. Nas festas, aumenta a oportunidade de circulação social. Destaca-se que, durante as festas, o número de participantes é superior àqueles referentes aos encontros semanais rotineiros.

Nas festas de final do ano o número de idosos aumenta revelando mais ainda como estão em busca de diversão e lazer. Nessa época há também um número maior de passeios turísticos, outra atividade bastante valorizada pelos idosos dos grupos e não importa o lugar que irão conhecer, o importante é sair da rotina e se divertir (Souto, 1997).

Para os idosos pesquisados, os grupos de convivência são os lugares que os fazem saírem do espaço doméstico para a diversão, com exceção das saídas decorrentes das necessidades do cotidiano, fazer compras, ir ao médico, à igreja, e receber a aposentadoria ou pensão da seguridade social. Quando os grupos entram em recesso, no mês de janeiro, eles ficam contando os dias para retornar às atividades. Segundo os entrevistados, somente os grupos os fazem sair de casa para se divertir e por isso não deveriam entrar em recesso, “deveriam ficar abertos de janeiro a janeiro”:

Os grupos não pode fechar, o problema do idoso é continuado (...). Não pode fechar, mas a SEMAS vai e fecha, como agora fechou em dezembro para abrir em fevereiro³⁶. E a gente está aonde? E agora está fazendo o quê? Esse idoso que frequenta lá, agora está fazendo o quê? Jogado! (Senhor de 72 anos, participante do grupo Fios de Prata).

³⁶ No ano de 2004 houve uma exceção, os grupos voltaram a desenvolver suas atividades no mês de janeiro. A curadoria dos direitos do cidadão recebeu uma denúncia e obrigou os grupos a voltarem as atividades antes de fevereiro.

Os idosos que optaram pelo lazer nos grupos não têm outro meio de diversão, não tem outro motivo para sair de casa. Os grupos de convivência são oportunidades de encontro com outras pessoas e manutenção do contato com o mundo que fica além dos limites da própria casa. Estes grupos proporcionam aos idosos maior participação social, pois na medida que eles saem de casa em busca de lazer nos grupos eles estão se tornando pessoas ativas e relacionais. Eles também contribuem para uma relação mais próxima de gênero e intergeracional. Nos grupos observados, encontram-se pessoas de outras faixas de idade: são as netas e filhas das idosas que as acompanham, quando podem aos grupos (Peixoto, 1998; Motta, 1998; Cabral, 1997).

Da Matta (2001) mostra que na sociedade brasileira, as noções de pessoa e indivíduo coexistem. Na primeira noção, a pessoa está cheia de sentimentos, emoções, liberdade, espaço interno, capaz, portanto de pretender a liberdade e a igualdade, sendo a solidão e o amor dois de seus traços básicos, e o poder de optar e escolher um de seus direitos fundamentais. A noção de indivíduo, por outro lado, não desenvolve a ideologia de igualdade de todos, mas a da complementariedade de cada um para formar uma totalidade que só pode ser constituída quando se tem todas as partes.

Segundo Da Matta (*Op. Cit.*), a família tem sido vista como o espaço reservado por excelência para as relações de pessoa a pessoa. Os estudos sobre velhice, os enfoques básicos caracterizam essa fase da vida por uma perda de relações sociais, por uma diminuição das áreas de contato social e por um processo de reclusão na família; ou seja, a perda das áreas sociais através da aposentadoria ou da viuvez passa a conferir à família uma importância fundamental nas relações sociais dos idosos. Esse aumento da importância da família não se restringe apenas a um convívio maior dos idosos no grupo familiar, está ligado também a outras opções para a velhice, quer sejam elas concretizadas em asilos, em grupos ou em condomínios de velhos. Essas opções são, na verdade, uma forma de não-família, porque se

apresentam como uma impossibilidade ou um insucesso em circunscrever a velhice na família (Debert, 1999).

Participar das atividades de lazer é uma oportunidade para construir e estreitar laços de relações solidárias e afetivas extra-familiares. Como a última etapa da vida, a velhice instiga os idosos a participarem dos grupos para se divertirem, como afirma a participante do grupo do CMCI, de 77 anos: “temos que aproveitar o restinho da vida que nós temos”.

Assim como analisado por outros estudiosos do envelhecimento, percebe-se que nos grupos pesquisados também há a inversão dos signos do envelhecimento. Os participantes dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata” passam a assumir novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”, e a aposentadoria torna-se momento propício às atividades de lazer. Os idosos participantes dos grupos não se identificam como velhos e sim como idosos e principalmente como pessoas da “terceira idade”. Desse modo, os discursos dos entrevistados clamam por auto-afirmação constantemente:

Eu não sou velha, velho para mim é o que não presta, o que não tem mais utilidade. Como exemplo, um móvel velho, quando está velho jogamos fora. Eu sou uma pessoa ativa e ainda sou muito útil, sou eu quem faço minhas coisinhas dentro de casa, e ainda cuido de dois netos. E quando chega a hora de vim para o grupo eu venho me divertir, eu sou uma pessoa da “terceira idade” (Senhora de 67 anos, participante do grupo Fios de Prata).

Eu não gosto de ser chamado de velho, pra mim é mesmo que dizer morte. Eu ainda estou vivinho, ainda danço e se brincar e der mole eu ainda dou umas paqueradas, eu sou uma pessoa idosa, ou da “terceira idade”, velho não (Senhor de 73 anos, participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

Assim, percebe-se que nos GCI os novos signos da velhice são assumidos cotidianamente. Durante as visitas, não foi possível usar os termos “idoso” e tão pouco “velho”. O termo preferido, inclusive pelas estagiárias que coordenam os grupos, é “terceira idade”. Como pode ser observado a seguir, as respostas obtidas nas entrevistas apontam a negação do termo velho e a aceitação da “terceira idade”:

Minha filha, eu sou uma pessoa nova de espírito, eu faço tudo. Aqui não tem ninguém idoso, somos todos da “terceira idade”(Senhora de 78 anos, participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

(...) eu não sou velha, eu ainda sou muito jovem, saio todo dia para fazer ginástica e ainda nos finais de semana, vou dançar forró com meu filho. Quando ele não pode ir, eu até choro (Senhora de 68 anos, participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

Olhe minha filha, eu ainda *tô novinho*, já arranjei até uma namorada, já vai fazer 3 meses, nós dois estamos na 'terceira idade', e não gostamos quando chamam a gente de velho. “Velho” para mim, é aquele que não sai de casa, não faz nada, fica o dia inteiro assistindo televisão e reclamando da vida, só falando em doença (Senhor de 72 anos, participante dos grupos Fios de Prata).

Eu mesma não sou **velha** e nunca vou ser, minha filha, **velho é lixo**. Quando uma coisa é **velha** a gente joga no lixo porque não presta mais (Senhora de 58 anos, participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

Como se observa, o processo de perdas e os estereótipos de inutilidade na velhice parecem ter sido substituídos na sociedade moderna. A velhice torna-se o estágio da vida que possibilita aos indivíduos (idosos) novas conquistas, principalmente a satisfação pessoal e a sociabilidade guiada pela prática do lazer. Durante o trabalho de campo, constatamos que, para os idosos observados, a denominação “velho” expressa estereótipos depreciativos, os quais eles não podem aceitar. Os participantes dos grupos enfatizam o “espírito jovem” e cuidado estético. De acordo com seus diálogos, eles devem aproveitar o tempo para se divertir, passear, viajar. Todos se consideram ainda jovens para serem velhos, mesmo tendo aparência física diferente dos jovens, seus “espíritos ainda são joviais” afirmam. Aparecem como pessoas alegres e dinâmicas que fazem atividades sociais, culturais e físicas; reconhecendo-se somente como pessoas idosas ou da “terceira idade”.

5. PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO E CULTURAL DOS IDOSOS

5.1. Quem são os idosos participantes dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”

Um fichário³⁷ extenso sobre os idosos participantes dos grupos organizados pela Secretaria Municipal de Assistência Social forneceu dados para elaborar o perfil sócio-econômico e cultural dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”.

Os dois grupos possuem 136 (cento e trinta e seis) idosos cadastrados, sendo 33 (trinta e três) homens e 103 (cento e três) mulheres, o que equivale a 24% dos homens e 76% das mulheres. Entretanto, observa-se que a participação semanal é de aproximadamente 40 pessoas entre homens e mulheres. Mesmo sendo a quantidade de mulheres cadastradas superior a dos homens, durante os encontros observou-se que a participação de homens e mulheres é relativamente proporcional.

De acordo com os formulários verifica-se que as idades das pessoas variam de 55 anos a 90 anos, entre homens e mulheres. A maior participação é das pessoas com idades de 55 a 70 anos. No grupo “Fios de Prata” constata-se uma exceção que é a participação de uma idosa de 95 anos. Esta é considerada a mais velha participante dos dois grupos, enquanto o mais novo participante, é uma senhora de 55 anos.

Os quadros 2, 3 e 4 demonstram o perfil sócio-cultural dos idosos participantes dos grupos “Fios de Prata” e “Cabelos Brancos”.

³⁷ A SEMAS elaborou um formulário ao qual todos os idosos participantes dos grupos de convivência devem responder. São questões que buscam obter informações sobre as condições econômicas e sociais dos idosos. Veja exemplar do formulário em anexo.

Quadro 2- Grau de Escolaridade.

Grau de escolaridade	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental completo	Alfabetizados	Não alfabetizados	Não identificado	Total (%)
Homens (%)	4,1	9,4	10,3	5,9	8,8	38,5
Mulheres (%)	3,3	5,3	19,1	10,3	23,5	61,5
Total (%)	7,4	14,7	29,4	16,2	32,3	100

Quadro 3- Espaço familiar.

Com quem mora	Sozinho (a)	Com uma pessoa	Com a família	Não identificado	Total (%)
Homens (%)	1,5	14,7	6,6	1,5	24,3
Mulheres (%)	16,2	23,5	30,9	5,1	75,7
Total (%)	17,7	38,2	37,5	6,6	100

Quadro 4- Estado Civil.

Estado civil	Casado (a)	Solteiro (a)	Separado (a)	Viúvo (a)	Total (%)
Homens (%)	14,7	2,2	4,4	2,9	24,2
Mulheres (%)	22,8	25,0	13,2	14,8	75,8
Total (%)	37,5	27,2	17,6	17,7	100

Quadro – 2, 3 e 4: Perfil sócio-cultural dos idosos participantes dos grupos “Fios de Prata” e “Cabelos Brancos”
Fonte: coleta direta.

Quanto à participação por sexo, observa-se que o número de mulheres cadastradas é maior do que o dos homens. Mesmo com o número menor de homens cadastrados, eles apresentam a maior frequência do sexo masculino, se comparado aos outros grupos do Programa Conviver. Nos encontros semanais, a participação masculina está entre 30% a 40% do total de participantes. É uma proporção de participação relativamente igual às das idosas do sexo feminino. Essa característica se diferencia dos demais grupos de convivência

estudados por Motta (1998) e Cabral (1997) onde a participação das mulheres é predominante e a masculina alcança apenas 13%.

A discussão do envelhecimento humano não leva em consideração as diferenças de envelhecimento entre homens e mulheres (Debert, 1999). Existem em todas as sociedades formas diferenciadas dos homens e das mulheres viverem. Há fatos que distinguem a mulher idosa do homem idoso e, como tais, afetam seus processos de envelhecimento e diferenciam suas vidas. A idade não é um fator que homogeneiza as condições entre os idosos (Cabral, 1997). Ao contrário, à medida que envelhecem, homens e mulheres se tornam menos parecidos e todas as conseqüências das diferenças de gênero, raça, classe social, situação marital, cuidados prévios com a saúde, entre outros, se juntam e aparecem como determinantes para a saúde, longevidade e também para as escolhas do modo de vida.

Segundo a Coordenação do Centro Municipal de Convivência do Idoso, a menor participação dos homens nos demais grupos se dá,

porque os homens eles são mais tímidos em participar de grupos, (...). Eu acho que existe muito preconceito, o homem acha que só quem envelhece mais é a mulher. “Ah! Não, eu não sou velho”. Muitas vezes a gente convida o homem para participar do grupo da terceira idade, “ah! Não, que eu não sou velho”. Quer dizer, existe ainda aquela barreira do homem não participar.

De acordo com Dumazedier (1994), há uma inversão de papéis masculinos e femininos na velhice. Enquanto os homens na vida adulta passam maior parte de seu tempo trabalhando fora de casa, a mulher dedica-se somente ao trabalho doméstico. Ao envelhecer o homem tende a passar mais tempo no espaço familiar, principalmente após a aposentadoria, e a mulher parece tender a circular em espaços não-domésticos. Além disso, existem outros espaços de circulação para os idosos do sexo masculino, como é o caso do calçadão localizado no centro de Campina Grande. Diariamente encontramos nesse espaço uma média de 40 a 50 idosos com idade variada entre 60 a 90 anos. Eles passam o dia “jogando conversa fora e

matando o tempo com jogos” como afirma um freqüentador do calçadão. Não encontramos mulheres idosas circulando nesse local. O calçadão é um espaço para sociabilidade somente masculina. Segundo Cabral (2002: 81), essa formação de diferentes espaços com fronteiras nítidas entre homens e mulheres é herança de antiga tradição. Outro fator que acarreta a maior participação das mulheres nos demais grupos é a questão da solidão.

Observa-se que a preferência dos homens idosos nos grupos pesquisados é exatamente a dança de forró. Provavelmente, a maior participação dos homens nos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata” possa ser explicada pela dança de forró a qual culturalmente incentiva a formação de pares de homens e mulheres e é muito praticada nos grupos.

Reconhecidamente, homens e mulheres, sofrem perdas com o avançar da idade, além de enfrentarem preconceitos e estereótipos. Porém, os recursos com que contam para enfrentar a velhice são diferentes. As mulheres, mais do que os homens se deparam nesta fase com todas as desvantagens acumuladas ao longo de uma vida de discriminação e desigualdade estruturais. Este é o caso das mulheres idosas pesquisadas, onde a maioria não teve trabalho remunerado³⁸ e conta com benefícios mínimos de aposentadoria ou pensão, como única fonte de renda. Mesmo entre as que conseguiram trabalhar, estas tiveram salários equivalentes à metade ou pouco mais que os homens e acabam como as mais dependentes e pobres entre os idosos. Esses são um dos fatores explicativos da maior participação das mulheres na maioria dos grupos de convivência, elas buscam diversão e entretenimento fora do lar onde passaram grande parte de suas vidas (Cabral, 2002; Goldani, 1999).

Quanto à relação dos idosos pesquisados com suas famílias, percebe ser esta o foco principal de suas conversas. Segundo Lima (1997: 95), a família é a instituição que possibilita a “retificação de atitudes negativas em relação aos velhos”. Em estudos sobre a revolução

³⁸ Grande parte desses idosos migrou do campo para a cidade. Ao chegarem na cidade por não terem especialização e estudos encontraram dificuldades para trabalhar.

cultural do tempo livre, Dumazedier (1994) mostra a importância do idoso na educação dos netos. Este autor também discute a liberdade dos idosos na França em aproveitarem o tempo livre que dispõem após a aposentadoria. A família é menos autoritária e conservadora. Os idosos se tornaram mais autônomos e menos controláveis. Vale ressaltar que este não é o caso dos idosos pesquisados. Independentemente de morar com a família ou não, os idosos participantes dos grupos não estão totalmente livres. Muitos enfrentam a família para desfrutar do tempo livre em atividades de lazer. Vejamos um exemplo:

Minha vida é um inferno. Depois que meu marido morreu eu não tenho sossego (Choro). Eu moro com uma irmã mais nova. Para ela, isso aqui (se refere ao grupo de convivência) é um cabaré (Senhora de 68 anos, participante dos grupos Cabelos Brancos, Fios de Prata e Unidos Viveremos).

Outros idosos, principalmente os homens, afirmam que saem para os grupos para evitar conflitos em casa. Os netos são as principais fontes de intrigas deles. É o que vemos na fala que apresentamos a seguir:

a criação de hoje em dia é diferente. Veja! (aponta o neto de oito anos brincando de bola na parte de fora da casa). A gente fala (o senhor já havia reclamado e pedido para o neto parar de jogar bola) e eles nem ouvem (o neto mesmo com o pedido do avô não interrompeu a brincadeira). Se fosse no meu tempo, meu pai só precisava olhar a gente saia com o “rabinho entre as pernas”. Hoje em dia se a gente brigar os pais ficam até com raiva (Senhor de 72 anos, participante do grupo Fios de Prata).

Mesmo com todos os problemas apontados pelos idosos, a família ainda é considerada a garantia de uma velhice segura (Cabral, 1998). Ela se constitui em um recurso importante e necessário para os idosos das camadas populares de Campina Grande, que ainda lhes oferecem ajuda material, instrumental e funcional.

Os novos arranjos familiares parecem ameaçar a intensidade das relações e/ou convívio intergeracional. As pesquisas apontam que, apesar da diversificação dos arranjos

familiares e da tendência dos idosos morarem cada vez mais sós, existe uma permanente troca e assistência entre os membros da família a partir de um novo tipo de relação, facilitado pelos meios de comunicações e transportes, que não implica mudanças qualitativas nas relações entre os idosos e seus familiares. De acordo com Goldani (1999), tais tendências se ratificam com os dados brasileiros, onde, desde os anos 70, crescem taxas de chefia de família entre os idosos e se verifica que não existem barreiras geográficas no intercâmbio de ajuda material dos filhos para com os pais idosos e vice-versa. Segundo Cabral (2002: 102), o apoio familiar é importante, principalmente para as camadas populares, para enfrentar os desafios impostos pela sociedade. A moradia do idoso é o lugar de articulação das diferentes trajetórias de seus membros jovens, adultos e velhos. Esses arranjos familiares sugerem um cotidiano compartilhado entre as gerações (Cabral, 2002: 89).

Quanto aos idosos pesquisados que moram sozinhos, que equivalem a 17,7%, eles não expressam em seus diálogos que vivem na solidão. O que mais enfatizam é a independência, a autonomia e a liberdade de ir e vir.

Eu moro sozinha. Meus filhos casaram. Tenho uma filha que é minha vizinha. Ela não se incomoda em nada que eu faço. Eu vou para onde eu quero, na hora que eu quero. Eles acham é bom porque eu venho me divertir nos grupos. Ficar em casa olhando para as paredes não dá (Senhora de 65 anos, participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

Os idosos que mais reclamam da solidão e falta de liberdade são os que moram com um ou mais membros da família. Estes afirmam que não têm liberdade para fazer suas escolhas. A família interfere em suas saídas para os grupos e passeios turísticos e, principalmente, nas suas escolhas pessoais.

Eu e ele casamos escondido de meu filho. Ele nem sabe. Nós moramos sozinhos. Eu em minha casa e ele na dele. A gente não mora junto porque meu filho não quer (Senhora de 72 anos, participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

Percebe-se que o fato dos idosos morarem sozinhos ou com a família não é garantia de respeito e prestígio (Debert *apud* Cabral, 2002: 181). Os idosos que moram sozinhos, independente da solidão, parecem ter experiências mais positivas do envelhecimento do que os que moram com a família.

Com relação ao estado civil dos idosos pesquisados, estão entre casados 37,5%, viúvos 17,7%, separados 17,6% e solteiros 27,2%. Constatou-se que o número de viúvas é bem maior do que o de viúvos. A porcentagem é de 14,8% para as mulheres viúvas e 2,9% para os homens. Goldani (1999) explica esse fato afirmando que as mulheres idosas vivem mais do que os homens. A maior expectativa de vida faz com que muitas mulheres idosas estejam sós. Além da longevidade das mulheres, há maior probabilidade dos homens viúvos se casarem novamente, mais do que as mulheres, e de se casarem também com mulheres mais jovens. Contudo, há menos homens idosos, “são apenas 78 para cada 100 mulheres nas idades de sessenta anos e mais” (Goldani, 1999: 04).

A longevidade das mulheres é característica de todas as sociedades modernas, desenvolvidas ou não³⁹. As hipóteses explicativas para o fato dos homens morrerem mais cedo variam desde aquelas que envolvem diferenças sociais e estilos de vida associados a fatores de risco, tais como: fumo, má alimentação e ocupações de risco, maior competição entre os homens, passando por explicações biológicas que incluem os efeitos protetores dos hormônios femininos e o ciclo menstrual, as diferenças de metabolismo associadas às lipoproteínas⁴⁰ (Goldani, 1999).

³⁹ Sobre a longevidade das mulheres idosas ver Goldani, A. M. (1999). *Muito além dos sessenta: os novos idosos*.

⁴⁰ Durante o III Seminário Teórico/Prático em 2003 organizado pelo SESC-Centro⁴⁰ de Campina Grande realizaram palestras e apresentações artísticas dos grupos da terceira idade da própria instituição. Numa palestra sobre: “O idoso e a saúde”, registrei o seguinte fato. O palestrante perguntou “Por que no auditório não há um homem?” e imediatamente, duas senhoras de aparência idosa responderam: “Porque o homem não fica idoso”; “Porque falta a eles a coragem de assumir a idade”. Então o palestrante sugeriu que são várias as explicações para esse fato. Uma delas seria a estatística demográfica, os homens morrem mais cedo. Em seguida, mostrou as causas das mortes. Entretanto, não se discutiu a questão cultural e a separação do “mundo masculino” do “mundo feminino”.

Com relação ao número de idosos casados nos grupos, mesmo havendo um grande número de pessoas casadas 37,5%, são apenas quatro casais participantes nos grupos observados⁴¹. Os idosos estão em sua maioria sós, tanto homens quanto mulheres. No grupo “Fios de Prata” há uma especificidade, as idosas vêm acompanhadas de suas netas adolescentes⁴². Elas aproveitam junto às avós⁴³, o lazer nos grupos. Sempre que podem estão com as avós nos eventos. Cabral (2002) ao estudar os idosos das camadas populares de João Pessoa também evidenciou esse fato. O que pode sugerir que os grupos de convivência também estão contribuindo para o cultivo de relações intergeracionais, diferentemente do que apontam outras pesquisas.

Observei que as netas das idosas parecem não se incomodar com a diferença de geração, entre elas e os idosos nos grupos; participam das festividades e do lazer junto às avós tanto dançando forró e compartilhando com os idosos, e ainda, dançam tanto com as mulheres quanto com os homens.

⁴¹ Vale ressaltar que três desses casais se conheceram nos grupos de convivência.

⁴² Há também a participação de uma filha adolescente da idosa mais nova. Ela tem 55 anos e a filha 13 anos.

⁴³ Essa especificidade é característica apenas das mulheres e de suas netas.



Figura 1: Filha e mãe no ritmo do forró.

Com relação ao grau de escolaridade dos idosos pesquisados, observa-se que o maior número está entre os alfabetizados⁴⁴ 29,4%, os que fizeram o ensino fundamental incompleto 7,4% e completo 14,7%. Quanto aos que não sabem nem ler e nem escrever, são 16,2% dos idosos. Os idosos entrevistados têm baixos níveis de escolaridade, e mesmo quem é alfabetizado, tem baixos níveis de alfabetização e poucos anos de estudos. Dessa forma, o índice de analfabetos, somados aos poucos anos de estudo de quem teve acesso ao sistema educacional, resultaram numa formação escolar muito restrita dessas pessoas.

Os idosos participantes dos grupos observados são pessoas sobreviventes de coortes de uma época em que o acesso à educação era mais difícil e precário, além de ser privilégio das classes sociais mais elevadas (Cabral, 2002). A falta de estudos explica o baixo nível econômico desses idosos que não tiveram oportunidades de se especializarem e de terem um

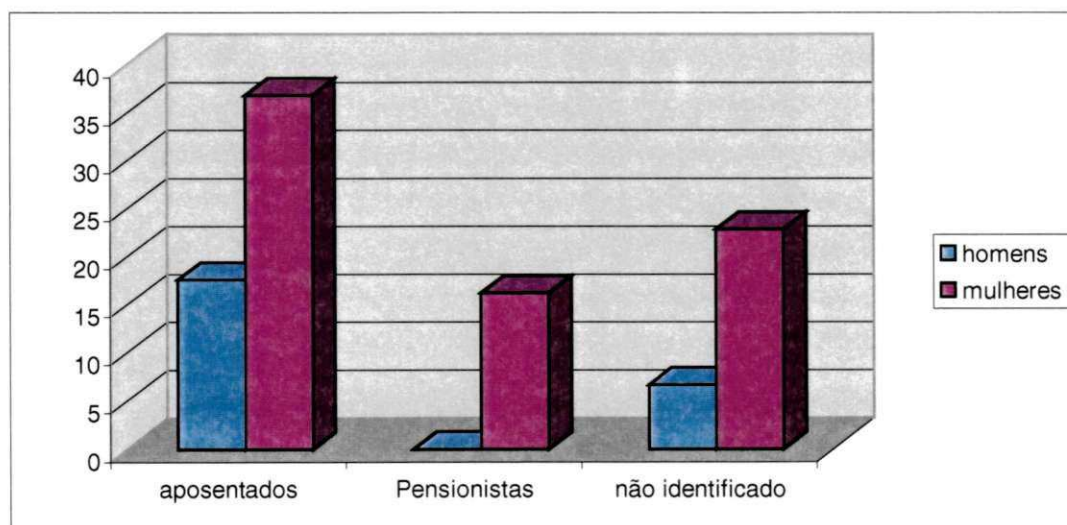
⁴⁴ Os idosos considerados alfabetizados pela SEMAS são os que sabem assinar o próprio nome.

lugar no trabalho formal de boa qualidade. Assim, sobre o grau de escolaridade dos idosos das camadas populares da sociedade brasileira, Cabral (2002) afirma:

Na sociedade brasileira, a massificação da escolaridade fundamental é uma conquista recente que beneficiou mais as faixas etárias jovens nascidas nos últimos trinta anos. (...) As mulheres enfrentaram maiores dificuldades para obter os mais elementares níveis escolares, agravadas pelas condições de classe, que obrigavam as mais pobres a se integrarem precocemente ao mercado de trabalho ou restringir-se ao trabalho doméstico (Cabral, 2002: 83).

Na figura 2, tem-se uma demonstração espacial do perfil sócio-econômico dos idosos envolvidos na pesquisa:

Figura 2: Gráfico do perfil sócio-econômico dos idosos participantes dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”.



Fonte: coleta direta.

Conforme a figura 2, constata-se que os idosos participantes estão entre pensionistas, no caso das mulheres 16,2% (não constatei nem um idoso do sexo masculino recebendo pensão) e aposentados entre homens 17,6% e mulheres 36,8%. Todos recebem apenas um salário mínimo cujo valor é de R\$ 240,00 (duzentos e quarenta reais) e vivem em condições

precárias de saúde e alimentação. A renda auferida da seguridade social é a principal fonte econômica desses idosos como já apontado antes.

Observa-se nos dois grupos, duas idosas aposentadas que aproveitam esses espaços para comercializar balas e sorvetes. Segundo elas, o dinheiro da aposentadoria não é suficiente para a família. A comercialização pelos próprios idosos nos grupos das camadas populares de Campina Grande é bastante freqüente, é uma forma de complementar a renda familiar.

Apesar da precariedade de suas condições de vivência os idosos tentam ter uma vida digna e respeitada. E essas condições econômicas parecem não constituírem obstáculo à participação nos grupos, onde tentam amenizar as dificuldades experimentadas, tanto no âmbito familiar, quanto na sociedade, como analisado por Cabral (2002).

6. OS GRUPOS POPULARES DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS EM CAMPINA GRANDE

Este capítulo aborda o cotidiano dos grupos observados, em especial os encontros, as atividades, a organização interna e as festas comemorativas consideradas mais importantes para a descrição analítica.

O que leva os idosos a saírem de casa para os grupos todas as semanas? Como eles se apresentam e se comportam durante os encontros de lazer⁴⁵ nos grupos de convivência? O que realmente esses idosos participantes buscam ao sair do mundo da casa⁴⁶, espaço familiar, para o mundo da rua? Estas são questões que nos servirão como “balizas” para as nossas considerações.

De acordo com Da Matta (2001), há uma separação clara entre os espaços da casa e da rua. O mundo da casa é o da família, do lar e da moradia. Nesse espaço somos classificados pelo sexo e pela idade, estando inseridos numa teia de relações através do qual são transmitidos todos os valores morais e sociais, todos são considerados pessoas.

Já o espaço da rua é o lugar do movimento, do trabalho, do conflito, das lutas. Neste mundo também existem espaços de lazer, de diversão, de relações, de amizades e todos são considerados indivíduos, como afirma Da Matta (*Op. Cit.*). Este é o caso dos grupos de convivência. Seu espaço encontra-se no mundo da rua e é lugar de lazer, seus participantes estão unidos por laços de amizades. A única contradição da afirmação de Da Matta é que nos grupos todos se conhecem e se tratam como pessoas e não como indivíduos. O GCI está localizado no mundo da rua e suas relações são parecidas com as associadas ao espaço da casa.

⁴⁵ Considero lazer nesse momento a dança de forró realizada em todos os encontros.

⁴⁶ Segundo Da Matta, a casa é o espaço da calma e tranquilidade ao contrário do mundo da rua que é o lugar do movimento (Da Matta, 2001: 23).

6.1. A organização institucional dos grupos de convivência para idosos em Campina Grande

6.1.1. Secretaria Municipal de Ação Social (SEMÁS)

A Prefeitura Municipal de Campina Grande é composta por várias secretarias. A SEMÁS é uma delas. A ela compete oferecer assistência social à população campinense. A SEMÁS é o órgão que implementa as políticas públicas para os segmentos pobres da população, atendendo a infância, ao idoso e ao portador de deficiência física.

Nessa secretaria existem vários programas, os quais são organizados de acordo com os segmentos a serem assistidos. Estão assim distribuídos:

- Agente Jovem
- Casa da Esperança
- Casa da Mulher
- Casa de Passagem
- Criança e Adolescente
- Núcleo de Apoio à Família
- Portador de Necessidade Especial Ruanda
- **Programa Conviver**
- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)
- Programa de Alimentação Integrada
- Programa Municipal de Lavadeiras
- Programa Sentinela
- Projeto Cidadão
- Projeto Cooperando e Reciclando

Os grupos de convivência observados nesta pesquisa são coordenados pelo Programa Conviver da SEMÁS. Eles funcionam nos bairros da cidade de Campina Grande e atendem os idosos pertencentes às camadas populares.

A SEMAS, através de suas ações, encaminha para os idosos a aposentadoria e a pensão junto à Previdência Social e ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)⁴⁷. Além disso, intervém junto aos órgãos públicos em favor da população idosa buscando seus direitos, como exemplo, podemos citar, a conquista da gratuidade da passagem do idoso em transportes urbanos e inter-urbanos. Atualmente, há uma luta desse segmento para conseguir junto às empresas rodoviárias a gratuidade da passagem de viagens inter-estaduais para idosos. Até o momento, já conseguiram obter duas vagas para os idosos em cada viagem.

A população idosa não está satisfeita com o atendimento desta secretaria que só se dá em um turno. Alguns idosos entrevistados demonstram em seus diálogos a insatisfação desse racionamento da Prefeitura.

A SEMAS só trabalha de tarde, um expediente. (...) Então, fica difícil para o usuário (receber)⁴⁸ o benefício da parte de lá, porque não funciona. Se (o idoso) vai de manhã, não tem expediente (ele) não vai mais à tarde. Eu não sei por que a SEMAS está funcionando? Se não pode resolver nada. (...) nós temos o seguinte, de qualquer maneira a SEMAS está fechada apenas à assistência, mas ela está aberta o dia todo. Lá tem gente funcionando. Então, quer dizer que nós não temos economia em energia, (...). Que era para ser mas não tem porque está funcionando. Deixa o rádio ligado, deixa os ventiladores ligados. Têm as próprias lâmpadas ligadas, então não existe economia de energia. O que existe aí, e você me desculpe. **Não vai me desculpar não porque é isso mesmo, é mal administração do Município**⁴⁹. (Senhor de 72 anos, participante do grupo Fios de Prata).

A SEMAS é um órgão gestor de políticas públicas e munida de programas assistenciais busca beneficiar toda população pobre da cidade através de suas ações. Conforme vem sendo reivindicado e pelo depoimento dos gestores ela deve rever seu horário de trabalho. Pois as pessoas precisam de assistência social em tempo integral, principalmente os idosos.

⁴⁷ A partir desse momento será utilizada a sigla INSS.

⁴⁸ As palavras entre parênteses são acrescentadas por nós, isto porque não temos segurança na transcrição do conteúdo áudio-gravado.

⁴⁹ Esta parte está em negrito para demonstrar a alteração emocional do idoso nesse momento.

6.1.2. Programa Conviver (PC)

O PC é uma iniciativa criada pela SEMAS, que visa a inserção da pessoa idosa em programas governamentais para melhoria da qualidade de vida. Também viabilizam condições para que as pessoas da “terceira idade” venham usufruir de maneira digna o envelhecimento com amparo nos seus direitos como cidadãos.

O Programa também busca, através da política de Assistência Social, garantir às pessoas idosas o acesso aos bens e serviços de qualidade emanados das políticas públicas (Souto, 1997). O número de idosos da cidade de Campina Grande beneficiados por esse Programa são atualmente 660 (seiscentos e sessenta). O PC exige ainda do idoso sua participação nos grupos de convivência.

A obrigação de proteção e inclusão social do idoso estão expressas na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS)⁵⁰, e da Política Nacional do Idoso. Ali são explicitados os princípios que visam impedir omissões e impõem novos padrões de atenção à pessoa idosa, considerando-a portadora de direitos, merecedora de relações sociais; sendo vista como sujeito único. Segundo os dirigentes, a SEMAS partiu desses princípios e do reconhecimento da velhice como uma fase importante da vida e assim desenvolveu o PC, desde o início dos anos 90, para executar atividades voltadas aos idosos (Cabral, 2002).

O PC realiza suas atividades através dos GCI. Segundo eles, utilizam estratégias metodológicas⁵¹ de grupo e realizam atividades diversas, como passeios turísticos, encontros intergrupais, atividades recreativas, laborais e artísticas.

⁵⁰ A LOAS (1999: 05) estabelece, dentre suas diretrizes, que as ações de assistência social sejam organizadas em sistemas descentralizado e participativo.

⁵¹ Estas estratégias são desenvolvidas de acordo com as atividades realizadas pelo profissional que as executam.

O principal objetivo do PC é promover a inserção dos idosos e ampliar suas relações sociais. Os GCI estão localizados em bairros onde os idosos beneficiados residem com o intuito de facilitar o acesso (Souto, 1997).

Uma equipe multiprofissional, composta de psicólogos, geriatras, fisioterapeutas, pedagogos, assistentes sociais, educadores físicos, sociólogos, odontólogos, enfermeiros, servidores da prefeitura municipal, atuam junto ao PC. Pessoas a partir de 50 anos de idade podem participar desse Programa. Além dos profissionais, existem também os voluntários e estagiárias que colaboram com a realização dos trabalhos nos grupos.

De acordo com a gerência do PC, este programa funciona em dois momentos: junto ao Centro Municipal de Convivência do Idoso, onde há um grupo de idosos, e junto aos doze GCI, localizados em diversos bairros da cidade. Tanto os grupos quanto o Centro possuem equipe remunerada pela Prefeitura, através da SEMAS. Entretanto, “o referencial do PC é o Centro de Convivência”, segundo a coordenação. Pode-se observar que o Centro de Convivência é o espaço privilegiado para a execução de todas as atividades do PC. É o espaço em que se concentra a maioria das atividades multiprofissionais, os grupos realizam, principalmente palestras informativas e dança de forró. Os quadros 3 e 4 demonstram as propostas e as atividades dos grupos do PC.

Propostas do Programa Conviver
Intensificar os trabalhos e a formação de outros grupos na comunidade
Criar condições para a realização de cursos de Alfabetização de idosos
Intensificar atividades culturais e terapias ocupacionais
Criar mais parceria junto ao Programa, no sentido de proporcionar melhores condições de trabalho
Promover atividades educacionais
Criar boletim informativo

Quadro – 5: Propostas do Programa Conviver.

Fonte: coleta direta junto a SEMAS

Atividades Desenvolvidas Pelo PC Junto aos Grupos de Idosos
Entrevistas
Visitas Domiciliares
Dinâmicas de Grupos
Trabalho de Grupo
Trabalho de Pesquisa
Intercâmbio entre grupos de idosos
Atividades Culturais
Comemorações
Participação em Eventos
Palestras Educativas
Curso de Alfabetização
Cobertura Vacinal

Quadro – 6: Atividades desenvolvidas junto aos grupos.
Fonte: coleta direta junto a SEMAS

A Previdência Social assegura o material pedagógico do CMCI e a merenda distribuída a todos os grupos. A verba da Previdência é repassada para SEMAS para comprar material didático e alimentos que compõem a merenda. A quantia dessa verba se tornou uma incógnita. Em diálogos com o senhor Antônio⁵², um idoso que participa do grupo “Fios de Prata” e do CMCI, busquei informações sobre a verba advinda da Previdência Social para o PC e, conseqüentemente, para os grupos vinculados a esse programa. Segundo esse informante, que além de participar de dois grupos é também secretário do Conselho Municipal do Idoso,

vem para os idosos uma quantia de R\$ 42.500,00 (quarenta e dois mil e quinhentos reais) por ano, que equivale a uma média de R\$ 3.540,00 (três mil quinhentos e quarenta reais) por mês. Esse dinheiro é gasto com o lanche distribuído nos grupos em todos os encontros⁵³ e com os funcionários públicos que atuam junto aos grupos.

Já a gerência do Programa Conviver afirma que a verba advinda da Previdência Social é de R\$ 900,10 (novecentos reais e dez centavos) por mês e não R\$ 3.540,00 (três mil quinhentos e quarenta reais) como afirmara seu Antônio. Ela afirma que esse valor não cobre

⁵² Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade dos informantes.

⁵³ O lanche fornecido pela SEMAS aos grupos é composto por biscoitos, leite, café e açúcar.

todas as despesas do Programa e que por isso a SEMAS arca com o restante das despesas. A gerência ainda conclui que esse convênio deve ser revisto:

Esse convênio chegou nas nossas mãos, ele dava condições para manter o Programa, mas a medida que os grupos foram crescendo e também foi implantado o Centro de Convivência, então praticamente esses recursos estão assim bastante escassos para manter o Programa (Coordenação do PC).

Busquei esclarecer sobre o convênio na Previdência Social com os servidores que entrevistei. Porém, todos demonstram insegurança e não quiseram comentar, muitas vezes se calaram sem falar qualquer coisa que possa esclarecer sobre o valor da verba: “Eu não sei sobre esse dinheiro⁵⁴”, “(...) eu trabalho aqui, mas não sei nada dessa verba⁵⁵”.

No que diz respeito à participação do idoso no PC, esta não é gratuita, é exigido de cada idoso o valor de R\$ 2,00 (dois reais) por mês. Além dessa quantia, é cobrada dos idosos uma contribuição em períodos festivos. Assim, para a realização de qualquer evento extra nos grupos, os idosos participantes, devem contribuir com o valor de R\$ 1,00 (um) real, uma taxa considerada simbólica.

Questiono o por quê cobrar do idoso uma mensalidade para a sua participação? Uma vez que o PC faz parte de uma instituição pública e seu funcionamento é mantido pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e pela Previdência Social. Em alguns diálogos com participantes dos grupos percebi que a maioria é desinformado sobre a verba concedida pela Previdência Social:

Olhe na terça-feira tinha uma senhora lá (no grupo) falando assim, bem agitada, num sabe. Porque diz que tem um rapaz que mora lá perto dela, ele é entendido, ele é Sargento do Exército. Ele disse que vem um dinheiro para esses idosos. E esse dinheiro nunca ninguém viu, a gente nem sabia. (...) nós não vê esse dinheiro, nós apenas tira do bolso para pagar, agora quando eu vir para o forró eu não vou pagar mais (Senhora de 67 anos, participante do grupo Fios de Prata).

⁵⁴ Senhora de 62 anos participante dos grupos “Fios de Prata” e “Unidos Viveremos”.

⁵⁵ Funcionária da Previdência Social.

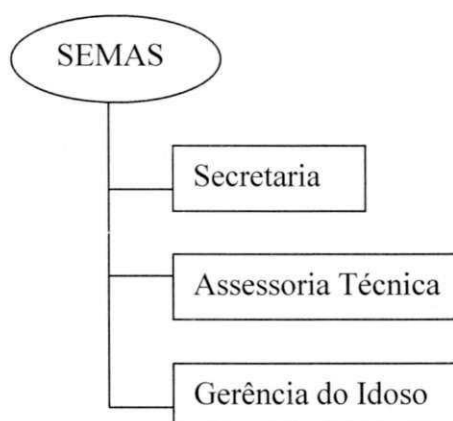
Outros mais inconformados sugeriram a autonomia dos grupos:

Os grupos (...) é preso dentro da SEMAS. Ele é preso na Assistência Social. Ele não tem força de lutar (para resolver o problema da verba). Vai ter força se for independente (Senhor de 72 anos, participante do grupo Fios de Prata).

Não foi possível ter acesso a documentações que comprovem realmente o valor da verba da Previdência Social, por isso, não podemos comprovar através de documentos essa contradição. Apesar desse problema a gerência do PC garante o funcionamento das atividades nos grupos para os idosos que usufruem de benefícios e se mostram satisfeitos com os grupos dos quais participam.

6.1.3. Centro Municipal de Convivência do Idoso (CMCI)

A formação do CMCI é originário de um antigo projeto da Prefeitura Municipal de Campina Grande desde o início dos anos 90 e se organiza segundo o organograma.



O CMCI desenvolve atividades desde o ano de 2000 e sua sede está no Bairro dos Cuités, um local de difícil acesso, por não existir transporte urbano (ônibus) que circule nessa área. No Centro de Convivência funciona um grupo (o maior) com 130 (cento e trinta idosos) participantes. Suas atividades são realizadas de segunda a sexta feira, das oito horas da manhã às onze e trinta. Os que participam desse grupo se deslocam até a SEMAS no início da manhã para pegar um ônibus especial cedido pela Secretaria, que sai diariamente, às oito horas. Os retardatários, quando perdem o ônibus, deixam de ir para o encontro porque não há outro meio de transporte público, e perdem as atividades do programa naquele dia.

O CMCI é o espaço onde o Programa Conviver realiza a maioria das atividades. Ali são oferecidos atendimento médico clínico geriátrico, aulas de alfabetização duas vezes por semana, atendimento psicológico, fisioterapêutico e educação física todos os dias, além de assistência social. Somente o atendimento odontológico não acontece no CMCI. Por enquanto, no CMCI só há atendimento preventivo com os idosos. Quanto àqueles que precisam de tratamento dentário, devem dirigir-se ao consultório da dentista que trabalha junto ao CMCI. Segundo a gerência do Programa Conviver, a SEMAS contribui com o material necessário para o atendimento odontológico.

O espaço do CMCI é bastante acolhedor. É uma casa de arquitetura italiana que possui uma entrada com muitos jardins. Ao lado da casa há uma piscina onde os idosos fazem hidroginástica duas vezes por semana. Atrás da casa, em área cimentada, fica uma enorme mesa de madeira onde os idosos jogam baralho⁵⁶. A casa tem uma estrutura dotada de pátio de eventos, refeitório, sala de descanso, além de diversas dependências de estudos coletivos, onde, cotidianamente, são realizadas palestras, seminários e aulas sócio-educativas.

⁵⁶ Nos GCI as mulheres não praticam nem um tipo de jogo.



Figura 3: Frente do Centro Municipal de Convivência do Idoso⁵⁷.



Figura 4: Chegada dos idosos ao Centro de Convivência⁵⁸.

Em um dia de visita, observei um grupo de quatro homens jogando baralho⁵⁹ enquanto os outros estavam fazendo atividades físicas. Aproximei deles e indaguei: “Por que vocês estão jogando baralho em vez de fazer educação física como os outros?”. Um senhor de 72 anos me respondeu: “eu venho para cá matar as horas e me divertir não gosto de fazer educação física e nem meus amigos, por isso resolvemos jogar baralho, a gente não precisa fazer tudo que elas mandam”. Verifica-se que, não são todas as atividades realizadas no grupo

⁵⁷ Foto adquirida pela internet, página: <http://www.pmcg.pb.gov.br>.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ O jogo que os idosos praticavam era a Sueca, que é um jogo de pontuação, bastante comum em Portugal e no Brasil. Embora o seu nome pareça revelar as suas origens, não se sabe onde ele foi inventado. Diz um mito bastante popular que ele fora inventado por surdos-mudos, o que justificaria a linguagem de sinais existente no jogo. É um jogo para quatro jogadores, distribuídos em duas duplas que disputam entre si. O total de cartas do jogo é de quarenta, distribuídas igualmente, dez para cada jogador (Sousa, inédito).

do CMCI, que lhes agradam. Os homens se recusam a fazer grande parte das atividades realizadas no grupo. Mesmo com pouca participação, alguns homens ainda saem de casa para os grupos. Ao questionar o que eles buscam nos grupos, a resposta é unânime: “nós estamos aqui para matar o tempo, a procura de uma boa amizade” (Senhor de 77 anos, participante do grupo “Fios de Prata” e do grupo do CMCI). Cabral (1997), ao analisar os grupos populares de João Pessoa, constata que as atividades desenvolvidas nos grupos são predominantemente femininas, esta é uma das causas da dificuldade para mobilizar os idosos do sexo masculino para participação nos GCI.

As atividades do grupo são sempre realizadas na região externa da casa. Os idosos não têm acesso ao interior da casa. Segundo a administração do CMCI, “Não é proibido o acesso dos idosos dentro da casa, mas para facilitar o trabalho dos funcionários e das realizações das atividades tudo é realizado lá em baixo”. Este local é exatamente a garagem da casa que foi separada em três compartimentos: a primeira sala é a de fisioterapia, que tem espelhos enormes que cobrem quase todas as paredes, há também alguns aparelhos para fisioterapia e uma cama para a realização de massagem. Encontra-se também nessa sala colchonetes para aulas de fisioterapia e cadeiras para realização de palestras informativas da área de saúde.



Figura 5: Sessão de fisioterapia no Centro de Convivência⁶⁰.

A segunda sala é a de alfabetização. Nesta, encontram-se carteiras, um quadro negro e uma grande mesa. Nas paredes são expostas pinturas feitas pelos próprios idosos e quadros artesanais.



Figura 6: Aula de alfabetização no Centro de Convivência⁶¹.

A terceira sala é a do atendimento psicológico, é a menor dentre as salas. Nela há um birô e uma cadeira para o paciente. Segundo a psicóloga, em breve terão um divã para análise psicológica dos idosos.

⁶⁰ Foto adquirida pela internet, página: <http://www.pmcg.pb.gov.br>.

⁶¹ Foto adquirida pela internet, página: <http://www.pmcg.pb.gov.br>.

O consultório geriátrico fica no interior da casa e está situado numa das melhores salas. Ele é bastante arejado e claro com uma varanda que dá vista para o jardim da casa. Na parede está exposta a dieta “para ser um idoso feliz”, é uma espécie de dinâmica terapêutica que indica várias formas de viver e ser um idoso feliz. Na sala vizinha estão expostas várias fotografias que foram tiradas em momentos festivos, em passeios, em palestras e encontros. Há também a sala de repouso com três camas para uso de idosos quando não se sentirem bem.

O almoxarifado é o local onde são guardados os materiais de limpeza do Centro de Convivência e também o lanche que é distribuído para todos os grupos do Programa. O lanche distribuído aos grupos é comprado pela SEMAS, que encaminha para o CMCI, responsável pela divisão e distribuição aos grupos dos diversos bairros. Os líderes dos grupos devem receber o lanche no Centro de Convivência ou na própria Secretaria. Depois que o CMCI recebe e faz a divisão do lanche em pacotes, cada um especificando o nome do grupo de destino, envia-os para a SEMAS por ser este local mais acessível aos líderes dos grupos. Mas se os líderes querem receber o lanche com urgência eles podem ir até o CMCI e recebê-lo. Há também as salas da coordenação do CMCI e do Programa Conviver e uma sala para reunião dos funcionários que trabalham junto ao grupo de idosos.

Os idosos que não participam do grupo do Centro Convivência também podem desfrutar do atendimento que é oferecido. É importante ressaltar que os idosos devem ser participantes de algum grupo para se beneficiar do CMCI.

Existem idosos que afirmam não ir ao CMCI porque suas atividades são realizadas pela manhã esse é o horário mais difícil para sair de casa, principalmente para as mulheres que fazem as tarefas domésticas.

Fiquei muito triste, me arrependi muito porque lá é ótimo. Lá eu fazia ginástica, me sentia muito bem, daí parei porque, assim, de manhã para quem é dona de casa é difícil. Eu era sozinha mais uma neta. Agora foi que chegou a minha filha, mas ela trabalha sai de manhãzinha e eu não posso nem sair porque eu tenho que cuidar do almoço (Senhora de 72 anos, participante do grupo Fios de Prata e ex-participante do grupo do Centro de Convivência).

De acordo com diálogos dos participantes dos grupos, o PC e o Centro Municipal de Convivência devem repensar o horário de realização de suas atividades. Assim como os demais grupos de convivência dos bairros, o grupo do CMCI deveria funcionar no horário da tarde ou mesmo em horário integral. À tarde, no CMCI não há as mesmas atividades realizadas pela manhã, mas está aberto para que os grupos vinculados ao PC possam visitá-lo e desfrutar de uma tarde de lazer.

O CMCI faz um calendário de visitas para os grupos do PC e organiza para cada dia de visita dois grupos. Segundo a administração do PC, os idosos não gostam quando vão apenas os componentes do grupo do qual participam. “Eles querem conhecer pessoas de outro grupo, de outra comunidade” (Coordenação do CMCI). O calendário leva em consideração o tamanho do grupo (a quantidade de idosos participantes⁶²) e o horário de encontro de cada um.

6.1.4. As atividades desenvolvidas no Centro Municipal de Convivência do Idoso

Vários profissionais desenvolvem no horário da manhã atividades pedagógicas e preventivas junto aos idosos. Essas atividades são interdisciplinares. Os beneficiários são os idosos que fazem parte do grupo do CMCI. A frequência diária é de aproximadamente 40 a 50 idosos, um número consideravelmente grande de participantes com relação aos demais grupos do PC.

As aulas acontecem três vezes por semana. São aulas de alfabetização para os idosos que não tiverem oportunidade de ir à escola e de acordo com a professora o que está sendo

⁶² A coordenação do CMCI sempre une um grupo maior com um menor para facilitar a realização das atividades.

ensinado “é o básico, que é ler e escrever”. Os que não precisam ou não estão interessados em aulas de alfabetização aproveitam esse momento para dançar forró na sala vizinha.

Durante as sessões há também aula de artesanato, nos quais os idosos aprendem a confeccionar os mais variados tipos. Eles fazem pinturas com sementes de arroz, casinhas de palito de picolé, flores com garrafas de refrigerantes, pinturas em tecidos, entre outras.



Figura 7: Aula de pintura com sementes de arroz⁶³.

A sessão de fisioterapia e as aulas de educação física acontecem duas vezes por semana. Primeiro é feito o aquecimento e alongamento do corpo junto com a educadora física e, em seguida, os exercícios físicos. Após uma hora de exercícios são feitas atividades com a fisioterapeuta. Depois de realizarem essas atividades é servido um lanche, o qual finaliza todos os dias as atividades do CMCI.

⁶³ Foto adquirida pela internet, página <http://www.pmcg.pb.gov.br>.



Figura 8: Sessão de alongamento⁶⁴.

Durante o período da tarde há somente atividades de lazer. Nesse período os idosos de outros grupos podem participar no Centro de Convivência. Elas fazem dinâmicas de grupo, brincadeiras com músicas e, algumas vezes, palestras rápidas. De acordo com as profissionais que atuam junto aos grupos, a maioria dos idosos não gosta de palestras, não importa o tema – saúde, direitos, constituição, família. Eles não gostam de palestras a não ser que sejam rápidas.

Pensa que eles gostam muito de palestras? A gente dá aquelas informações, aqueles encaminhamentos, né. (...) Eles gostam da música, eles gostam demais de música e de dançar. Já está no sangue deles, já está na própria realidade deles, da comunidade (Gerência do PC).

Os idosos aos quais ela se refere são exatamente os participantes dos grupos observados nessa pesquisa. São idosos que passaram a vida inteira trabalhando, não tinham tempo e nem dinheiro suficiente para o lazer. Segundo o perfil sócio-econômico, a maioria dos idosos envolvidos nos grupos veio da zona rural do Estado da Paraíba ou de Estados vizinhos em busca de trabalho e para melhorar suas condições de vida. Suas memórias expressam a dificuldade daqueles que foram migrantes.

⁶⁴ Idem.

Com relação às mulheres, a maioria destas viveu somente em função de suas famílias e das tarefas domésticas. Ao chegarem nessa fase da vida, tentam desfrutar de todo tempo que ainda têm para o lazer, apesar de quase todas ainda trabalharem em casa, e o ritmo de suas tarefas cotidianas continuar o mesmo. Ainda assim dão um “jeitinho” para ir aos grupos apreciar algumas horas de lazer.

7. AS EXPERIÊNCIAS DE LAZER NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA “CABELOS BRANCOS” E “FIOS DE PRATA”

7.1. Campina Grande: espaço de lazer para os idosos

A base, o princípio e a meta de nossa vida é o lazer, a mais nobre das atividades, aquela que por si justifica estar vivo, aquela que é o único motivo perceptível para continuarmos vivos (Aristóteles *apud* Featherstone, 2000: 150).

Campina Grande é um pólo comercial, com uma população de cerca de 400 mil habitantes, que polariza o Compartimento da Borborema, região constituída por 58 municípios, cuja população ultrapassa um milhão de pessoas que se utilizam, direta e indiretamente, do seu comércio, dos seus serviços e também de sua vida cultural e de entretenimento. Ela é considerada a cidade do Estado da Paraíba que possui o maior número de idosos. Existem 33.000 (trinta e três mil) pessoas de ambos os sexos com mais de 60 anos de idade. São aproximadamente 11% da população total⁶⁵.

Nessa cidade existe uma média de 44 grupos de convivência⁶⁶ os quais objetivam atender segmentos da população com mais de 55 anos, encorajando-os à busca da auto-expressão e da cidadania de um modo que era exclusivo da juventude. A concretização desses novos espaços indica que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento (Debert, 1999).

Segundo Cabral (1997), os primeiros grupos de convivência foram implantados em Campina Grande há bastante tempo. Sua formação resultou da política de assistência aos idosos “carentes” desenvolvida pela Secretaria do Trabalho e Ação Social da Prefeitura Municipal de Campina Grande (SETRAS)⁶⁷. O primeiro grupo formado foi “Cabelos de Neve”, em 1990 (Cabral, 1997: 159; Souto, 1997: 28). Na antiga SETRAS, atual SEMAS, há,

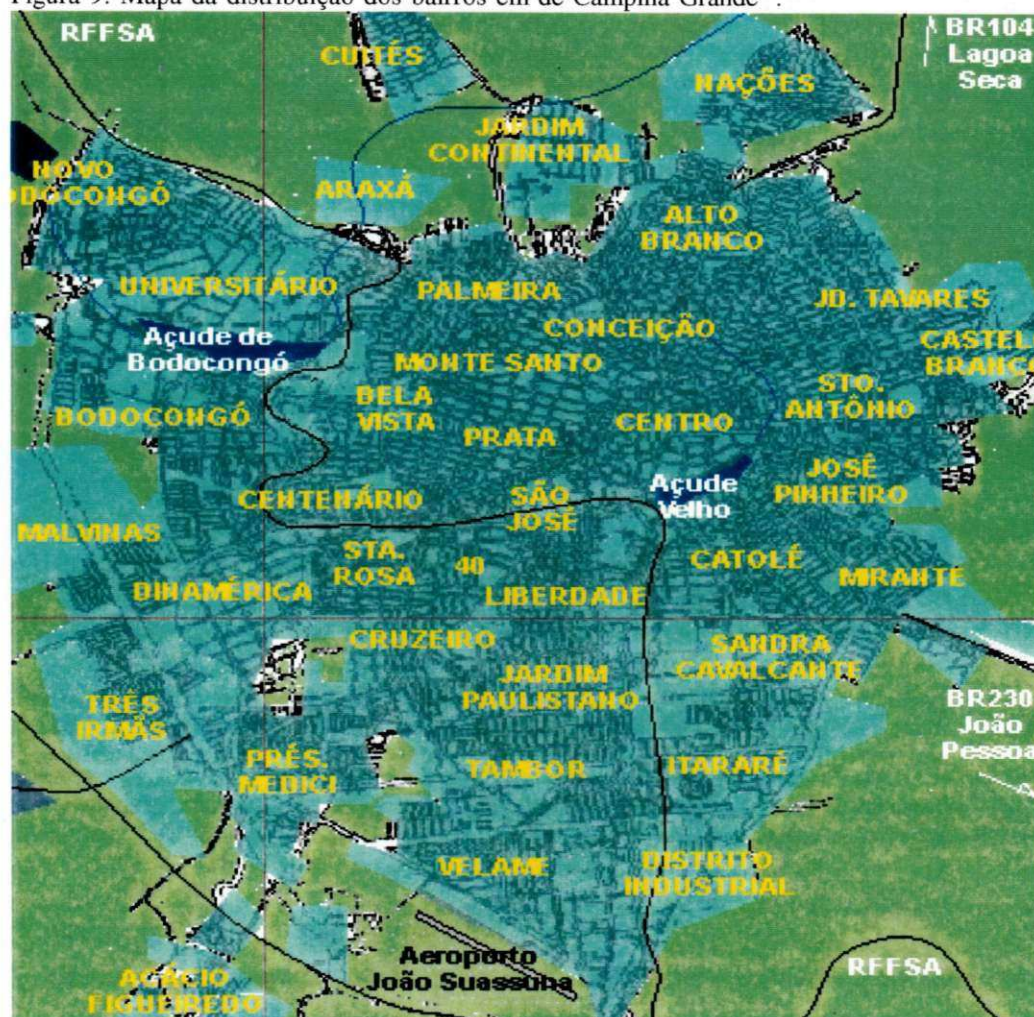
⁶⁵ Dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): 2000.

⁶⁶ Fonte: pesquisa de campo.

⁶⁷ Doravante será usada a sigla SETRAS.

no Programa Conviver, 12 grupos⁶⁸ distribuídos pelos bairros periféricos da cidade. O mapa da cidade ilustra a distribuição dos bairros de Campina Grande.

Figura 9: Mapa da distribuição dos bairros em de Campina Grande⁶⁹.



Fonte: Pesquisa na internet.

Para participar dos grupos populares os candidatos devem apresentar “boas” condições físicas para a realização das atividades oferecidas nos grupos. Não são todos os grupos de idosos que exigem esse aspecto. Nos grupos do SESC, que também observei, constatei, por exemplo, a frequência de uma idosa em cadeira de rodas, que não tinha condições físicas para desenvolver qualquer atividade. Notei ainda que a mesma recebia o

⁶⁸ Vide anexo B, local e horário dos grupos de convivência do Programa Conviver.

⁶⁹ Fonte internet: <http://www.ibpinet.net/helder/paraiba/campina/urbana.html>.

auxílio de uma acompanhante, uma moça que a família contratara para apoiá-la durante as atividades nos grupos⁷⁰, segundo relatou-me na entrevista.

Existem também outros grupos que estão vinculados a instituições religiosas, aos Programas de Saúde na Família (PSF), além do Serviço Social do Comércio e a instituições particulares, que também buscam atender a população com mais de 60 anos⁷¹.

Todos os grupos realizam atividades semanalmente. Somente o grupo do CMCI tem atividades diárias. Constatei idosos que preenchem a semana visitando os grupos de comunidades⁷² diferentes. Dentre eles, estão em maior número os idosos que participam dos grupos Cabelos Brancos, Fios de Prata e Unidos Viveremos, localizados nos bairros, Quarenta, Santa Rosa e Centenário, respectivamente. Os que participam de um desses grupos praticamente visitam os outros dois nos outros dias da semana.

Apesar dos três grupos estarem localizados em bairros diferentes geograficamente eles estão próximos⁷³ uns dos outros. Decidi observar dois desses grupos o “Cabelos Brancos” e o “Fios de Prata” para entender esse comportamento peculiar de circulação entre grupos.

A partir de várias observações, constatei que os participantes dos dois grupos possuem o mesmo perfil sócio-econômico. As atividades desenvolvidas nesses grupos são as de lazer, principalmente a dança de forró. A dança atualmente é a única atividade realizada nos dois grupos. Quando promovem alguma palestra, sua duração tem que ser rápida para não tomar todo o tempo que os idosos têm para a dança. De acordo com Souto (1997), a procura de mais de um grupo permite estender os laços de sociabilidade entre pessoas que se identificam pelos mesmos problemas sociais, pela idade e pelos estilos de vida.

⁷⁰ Sobre a importância do lazer para os idosos comerciários de Campina Grande ver Oliveira, 2000. In: Lazer na “terceira idade”: estudo sobre os comerciários idosos de Campina Grande – PB.

⁷¹ De acordo com Cabral (1997: 160), as atividades desenvolvidas nesses grupos possuem objetivos pedagógicos, lúdicos, produtivos e terapêuticos e as relações de amizade são as mais valorizadas.

⁷² O termo comunidade é utilizado para designar um bairro da cidade

⁷³ Ver mapa da distribuição dos bairros de Campina Grande.

Uma psicóloga que foi oferecer uma palestra lá (se refere ao grupo Cabelos Brancos), disse: eu terminei a palestra nas carreiras, eles estavam inquietos e olhavam o relógio o tempo todo (Gerente do PC).

Como observei os idosos dos dois grupos estão sempre em busca de diversão, distração, divertimento, de lazer. Todos têm a aparência da dureza de uma vida de muito trabalho e luta pela sobrevivência. São pessoas humildes, generosas, extremamente carinhosas, receptivas e reconhecem o Programa Conviver, como relatado a seguir:

quando eu entrei no grupo eu acho que eu fiquei mais nova muitos anos, uns trinta anos. Eu era uma pessoa sem alegria, sem prazer, só criando filho, trabalhando, naquele sufoco. Aí depois que entrei no grupo, me aposentei e entrei no grupo, aí pronto, aí eu tô vivendo a minha vida (Senhora de 72 anos, participante dos grupos Unidos Viveremos e Cabelos Brancos).

Os grupos que fazem parte dessa pesquisa mantêm relações intergrupais. Os idosos têm relações de amizades entre si. Entre os grupos “Fios de Prata” e “Cabelos Brancos” os laços afetivos são mais estreitos se comparados aos outros grupos. Os dois grupos parecem um só em espaços diferentes já que, são praticamente os mesmos integrantes e as mesmas atividades.

De acordo com várias pesquisas e tal como relatou Souto (1997), os idosos, ao compartilhar as experiências cotidianas, na realização das atividades, danças e até mesmo brincadeiras, permitem uma solidariedade de situações e compreensão dos problemas de cada um.

Como analisado por Cabral (1992, 2002) e Motta (1998), entre os idosos, a relação de amizade e cumplicidade se dá em espaços fora dos grupos, que também são lugares de diversão, de lazer e de manter o calor humano, e às vezes estes fatores eles não encontram dentro de suas próprias casas. Nos diálogos dos idosos que moram ou não com suas famílias, o motivo é unânime: todos saem de casa para esquecer os problemas existentes nesse espaço, que deveria ser lugar de harmonia e aconchego.

Ao visitar idosos em suas residências, confirmei o que já fora apontado por outros pesquisadores. Os trabalhos domésticos não diminuíram como muitos imaginam. Para algumas eles até aumentaram, pois, além de cuidar dos netos pequenos (Cabral, 1998), que requerem cuidados especiais, elas têm que cuidar também de seus maridos, que têm problemas de saúde, ou de filhos com problemas mentais⁷⁴. Sobre este último caso observei um fato interessante: uma senhora com um filho de cinquenta anos de idade, portador de problemas mentais, que é totalmente dependente. Segundo ela, “foi uma namorada dele da Bahia que fez uma coisa, um trabalho para ele. Toda vez que eu saio só Deus sabe a minha preocupação”. Perguntei se alguém fica com ele quando ela vai às atividades dos grupos e ela respondeu: “ele fica trancado minha filha, eu levo a chave comigo” mostrando-me a chave de que falava.

Quanto aos homens entrevistados na própria residência, todos contam que trabalharam muito durante toda a vida, nunca tiveram oportunidades de se divertir e que “agora é o momento”, como afirma um senhor de 72 anos, participante do grupo “Cabelos Brancos”. Eles afirmam ainda que vão para os grupos para se divertirem porque não agüentam mais ficar em casa.

Com todo sacrifício de sair de casa, os idosos, principalmente as mulheres, que a dificuldade de sair de casa é maior do que para os homens. Elas devem dar conta de todas as tarefas domésticas. Enquanto os homens não são responsáveis por esse trabalho. Nesse sentido, eles possuem mais tempo livre do que as mulheres, que dão sempre um “jeitinho” para ir aos grupos se divertirem. É ali que eles esquecem por algum momento de todos os problemas. O lazer, principalmente a dança, é uma terapia para eles que vão aos grupos em busca de ocupar o “tempo livre”.

⁷⁴ Essa realidade é observada no cotidiano dos idosos pesquisados.

Segundo Cabral (2002: 147), “o grupo aparece como lugar de satisfação pessoal e forma de romper temporariamente compromissos familiares assumidos pela maioria das mulheres”. Entretanto, os grupos de convivência são considerados terapias para os idosos participantes porque aparecem como alternativa de esquecer temporariamente os problemas que enfrentam no cotidiano.

Quando eu entrei no grupo (...) minha vida mudou. (...) Os sacrifícios, as coisas, os aperreios de dentro de casa, a gente sai para o grupo e esquece eles em casa. Em casa a gente fica todo tempo se lembrando e quando tá lá esqueceu os problemas de casa **tudinho**⁷⁵. Na verdade a gente fica mais nova, eu me sinto mais nova. A idade aumentando e eu me sinto mais nova, Graças a Deus (Senhora de 72 anos, participante do grupo Cabelos Brancos).

De acordo com Eckert (1998: 194) os grupos de convivência asseguram aos idosos participantes

tempos e espaços para práticas de sociabilidade e de lazer, nas quais os (grand-combianos⁷⁶) podem costurar diferentes redes, que recompõem o tecido urbano, reordenando o lugar dos personagens sociais em cena e permitindo o sentimento de pertencimento local. Rituais de interação no espaço público reagrupam as pessoas por interesses comuns, ainda que as vezes invisíveis: a vida associativa é um trabalho que permite restabelecer as relações de amizade, de afinidade e de reciprocidade (*Op. Cit.*).

Este é também o caso dos idosos pesquisados neste estudo. Nos grupos eles se divertem com as atividades de lazer e, ao mesmo tempo, aumentam as redes de amizades e estreitam os laços de relações solidárias e afetivas e, conseqüentemente, são considerados como novas formas de sociabilidade para esse segmento (Debert, 1999; Cabral, 2002, 1997).

Nas entrevistas percebi que a família é muito importante para eles, ao mesmo tempo em que é considerada problema, pois tende a retirar dos idosos a liberdade que eles precisam para viverem em harmonia com os que convivem diariamente. Os que moram com a família,

⁷⁵ Grifo meu para demonstrar o entusiasmo do informante.

⁷⁶ É o grupo de idosos que a autora observou.

mesmo que esta não seja extensa, demonstram em seus diálogos uma série de conflitos. Para outros, que moram sozinhos, a família também interfere em suas vidas, em suas escolhas, em seus modos de vida.

Nós nos encontramos no grupo e começamos a namorar, estamos casados a dois anos e sete meses. Mas moramos separados. Meu filho não aceita ele. (...) mas passamos o dia juntos. A gente se casou escondido por causa do meu filho. No grupo tem muitos idosos assim, que namora escondido da família. (Senhora de 73 anos, participante dos grupos Fios de Prata e Cabelos Brancos).

Eu venho para cá contra a vontade da minha família, eles não querem que eu saia para os grupos. Dizem que eu não tenho mais idade para isso. Vou muito ficar em casa olhando para as paredes (Senhora participante dos grupos Fios de Prata, Cabelos Brancos e Unidos Viveremos).

Meus filhos não gostam que eu saia, nem a minha velha. Eles são evangélicos, gostam de coisa de igreja. Eu não gosto por isso vou para os grupos ter um momento de lazer (Senhor de 67 anos, participante dos grupos Cabelos Brancos, Fios de Prata e Unidos Viveremos).

Os idosos tendem a perder os contatos sociais que tinham, principalmente quando são retirados do trabalho produtivo. A partir desse momento, a participação social torna-se menor ou se extingue. Familiares dos idosos pesquisados parecem não gostar que eles participem dos grupos. Declaram que os idosos não precisam sair, não têm necessidade de contatos sociais, de lazer. Dizem que “o tempo deles já passou”. Nessa perspectiva, os idosos devem ficar em casa, assistindo televisão e dormindo e o único lugar para onde devem sair é para igreja. Tal posicionamento contribui para os grupos se tornarem refúgio dos problemas que os afetam cotidianamente. É nos grupos onde os idosos podem se divertir, ter orgulho da sua idade, compartilhar com os outros idosos seus problemas e aflições, além de contribuir na luta por uma vida digna, compartilhando idéias com pessoas da mesma idade, que compreendem os seus problemas e conhecem as suas necessidades (Cabral, 2002, 1997; Lima, 1997; Souto, 1997).

Segundo Debert (1999: 83), o fato do idoso viver com a família não é garantia da presença de respeito e prestígio, nem tampouco, da ausência de maus-tratos. Desse modo, os grupos de convivência estimulam a sociabilidade do idoso para além do círculo familiar. Eles representam a existência de um espaço que possibilita os encontros, trocas de experiências e circulação de sentimentos como o afeto, a dor e as alegrias presentes no cotidiano.

Os encontros realizados duram em média três horas, e além das atividades normais, os grupos fazem passeios turísticos como viagens à cidades próximas de Campina Grande, onde passam o dia divertindo-se em lugares diferentes. Eles valorizam as viagens. Declaram gostar de mudar a rotina das atividades nos grupos. Segundo relato dos coordenadores, um passeio turístico é a melhor coisa para mudar o cotidiano dos idosos.

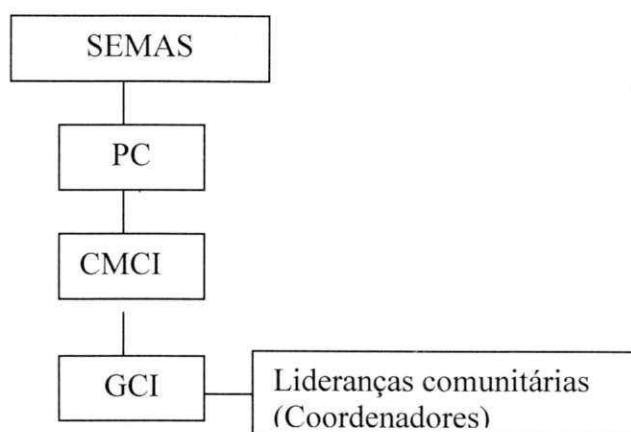
7.2. Os encontros semanais dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”

Os grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata estão organizados desde os anos noventa, e são localizados, respectivamente, no Bairro do Quarenta e no de Santa Rosa. Esses grupos, assim como os demais, foram formados a partir do interesse da própria comunidade. Segundo os gestores, são as lideranças, principalmente do Clube de Mães e da Sociedade dos Amigos do Bairro (SAB)⁷⁷, que procuram o Programa Conviver para organizar grupos de idosos em seus bairros.

Para vincular-se ao PC, o grupo de idosos para vincular-se ao PC deve, *a priori*, estar formado e o bairro precisa ter um número considerável de idosos interessados em participar de um grupo. O líder do bairro deve procurar a coordenação do PC e mostrar interesses e necessidades para a formação de um GCI em sua comunidade. Após o comunicado da

⁷⁷ A partir desse momento será usada a sigla SAB.

liderança é realizada uma reunião no bairro e se avalia se realmente a comunidade necessita e tem capacidade de organizar um grupo. O funcionamento dos grupos de convivência obedece a seguinte hierarquia:



O grupo “Cabelos Brancos”, sediado no Clube de Mães do bairro do Quarenta, possui um espaço amplo, arejado e iluminado. Nas paredes são expostos quadros artesanais confeccionados pelos integrantes do Clube e na sala há uma grande mesa de madeira forrada com uma toalha de renda branca e com um jarro de flores artificiais. Ornamentadas em círculos ficam distribuídas cadeiras de plástico brancas que foram doadas pela prefeitura. No cantinho da sala há um aparelho de som em mal estado de conservação que ainda toca as músicas para os bailes.

Já o grupo “Fios de Prata”, realiza os encontros na SAB do bairro Santa Rosa. Antes, os encontros aconteciam em uma antiga casa, hoje em ruínas. Era um espaço pequeno, escuro e abafado, não havia circulação de ar, mesmo assim os idosos não deixavam de ir aos encontros para se divertirem. Hoje, o grupo tem um dos melhores espaços comparado aos outros grupos de convivência do Programa Conviver. A sala é ampla, clara e ventilada. As

cadeiras novas e confortáveis. Há uma cozinha, onde se prepara o lanche que é servido no final dos encontros.

Vale salientar que os dois grupos realizam apenas atividades de lazer nos encontros semanais, principalmente a dança de forró e em alguns dias especiais (aniversário de algum idoso, dia do Idoso, dia das mães, dia dos pais, entre outros) fazem passeios turísticos. Como assinalei as palestras não são bem vindas e quase não acontecem. Como eles mesmos afirmam, saem de casa somente para dançar e divertir-se.

7.2.1. No ritmo do forró: o momento do encontro

Como analisado por Cabral (1997), o ritual do encontro do grupo demonstra o entusiasmo dos participantes. Nos grupos, a hora marcada para iniciar o encontro é quatorze horas, entretanto, os idosos só começam a chegar a partir das quatorze e trinta. Aos poucos, vão se aproximando, vestidos em roupas leves. As roupas das mulheres são estampadas e coloridas. Os homens usam roupas com tons mais suaves, alguns usam chapéus ou bonés. Os calçados são baixos e, um pouco desgastados. Nem mesmo um dia bastante chuvoso impede os idosos de participarem dos encontros. Numa tarde chuvosa acreditei que poucos iriam comparecer foi surpreendente que todos estavam presentes.

Eles capricham na forma de se vestirem. Um senhor de 75 anos, participante dos grupos, sempre usa um blaser e calça social⁷⁸. As senhoras usam roupas de tons coloridos, floridos e alegres e a forma de se vestir revela o estilo de vida de cada uma. A roupa que cada

⁷⁸ Este senhor trabalhou na delegacia de Campina Grande. Parece que com esse modo de se vestir ele tenta manter a mesma aparência de seu tempo de trabalho. Acredita-se que esta é uma estratégia de auto-afirmação. Ele foi um funcionário importante da sociedade. Assim, através da vestimenta ele considera que mantém a imagem de uma pessoa importante. Todos os idosos os chamam de delegado.

indivíduo escolhe para usar representa a imagem social que vem construindo e à qual vem se adaptando ao longo do tempo (Monteiro, 2003).

Há diferenças entre o visual dos que participam dos grupos e dos que nunca participaram. Os que não participam dos grupos usam roupas de tons suaves e discretos, geralmente preto e branco, as mulheres não usam maquiagem, no máximo um batom de cor clara. De modo contrário, os idosos dos grupos tentam passar uma imagem de alegria, demonstrando que estão de bem com a vida através dos tons coloridos de suas roupas e também da maquiagem nos rostos, as mulheres usando batons de cores fortes. As mulheres usam acessórios como colares, brincos, pulseiras, entre outros. Os homens são mais tradicionais, praticamente não há diferença entre a forma de se vestir dos que não participam dos grupos.

Depois de quase duas horas de dança, faz-se um círculo para verificar a frequência e posteriormente começa o ritual de oração. Eles iniciam a reunião cantando a “Oração pela Família⁷⁹” e logo após rezam o Pai Nosso, a Ave Maria e, no final os idosos fazem suas próprias orações, esse momento é de bastante seriedade e concentração. Assim que termina a oração, a liderança dá os informes do dia e começa a agitação. Todos ficam inquietos e conversam ente si. Na primeira visita a esses grupos, as coordenadoras fizeram as devidas apresentações após a oração e antes dos avisos. É uma estratégia que a líder utiliza para os idosos prestarem atenção ao que está sendo dito.

⁷⁹ Vide Anexo.



Figura 10: Momento de oração⁸⁰.

Depois dos informes e quando a líder finalmente liga o som, descobri na primeira visita o motivo da inquietação dos idosos. Eles ficam ansiosos para dançar forró. Este é o momento mais esperado pelos participantes. Antes de ligar o som para os idosos dançarem, já existem aqueles que estão com os pares formados⁸¹. Constatase que nem todos os homens participantes dançam forró o que torna difícil a formação dos pares de dança. As mulheres que não conseguem um parceiro dançam umas com as outras, ou sozinhas (Cabral, 1997).

⁸⁰ Foto adquirida pela internet, página <http://www.pmcg.pb.gov.br>.

⁸¹ O forró é uma dança que culturalmente deve-se dançar um homem com uma mulher. No momento da dança existe uma hierarquia de gênero, o homem é quem deve escolher a parceira e conduzi-la no salão, cabe à mulher aceitar a dança ou não.

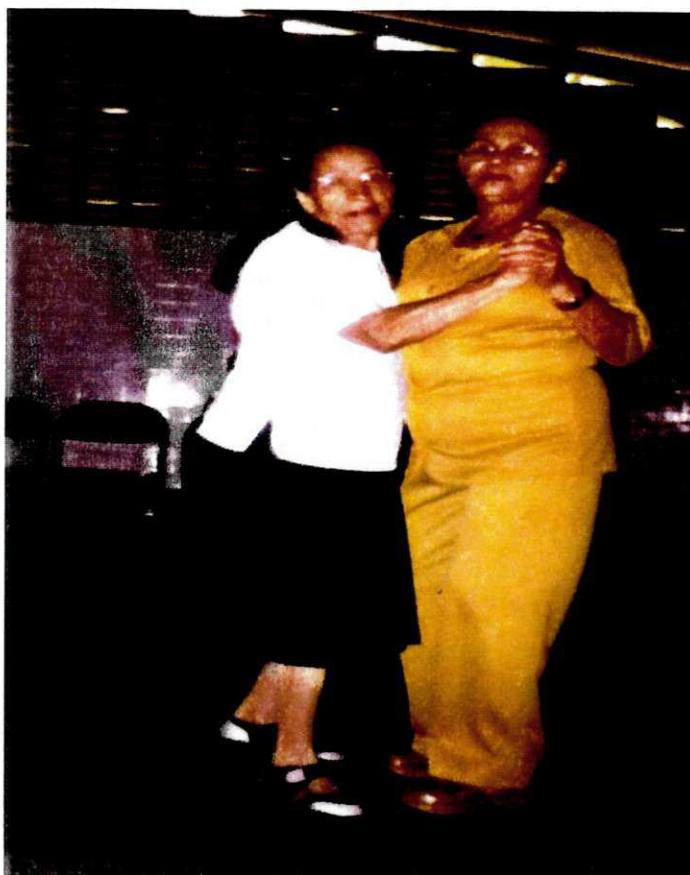


Figura 11: Idosas compartilhando a dança de forró no grupo.

Os homens não têm esse comportamento, se eles não conseguirem uma parceira para dançar eles não dançam um com o outro e muito menos sozinhos. Quando existem relações de amizades mais concretas entre as mulheres elas revezam entre si o mesmo parceiro. Cada uma tem o direito de dançar uma música com o parceiro compartilhado.

Com o início da música começa a dança e todos querem mostrar as boas condições físicas, fazendo diferentes passos. Na dança de forró, passos significam as coreografias que mudam de acordo com o ritmo da música. Eles requebram os quadris, principalmente as mulheres, e mexem os pés de um lado para o outro, rodopiam espetacularmente no salão e mostram-se leves, como se flutuassem. Orgulhosos de si e de sua dança, olham para mim a fim de certificarem-se que observei os passos considerados por eles difíceis de realizar, principalmente se estiver registrando a dança com a máquina fotográfica.

Os dançarinos que conseguem ficar mais tempo dançando no salão são considerados os melhores e isto é motivo de orgulho. Eles não levam em consideração a dificuldade de alguns passos que os idosos são capazes de fazer, suas coreografias, e sim a resistência física que devem ter para ficar bastante tempo dançando no salão, mesmo reconhecendo que já perderam habilidades físicas e diminuíram as resistências.

As roupas parecem molhadas de suor pelo esforço que fazem. Neste momento, eles começam a sair do salão para “tomar um arzinho e respirar um pouco”, como relatou uma senhora. Sem demonstrar cansaço físico retornam para a dança. O motivo para sair por alguns instantes do salão é o calor.

As mulheres usam um papel de textura rígida para abanar o rosto, da mesma forma os homens fazem com os chapéus. Não são todos os idosos que usam chapéu. Aqueles que estão sem chapéu secam o rosto e utilizam as mãos para se abanar. Assim que se sentem preparados para voltar para o salão eles retornam e continuam dançando. Os participantes não saem do salão todos de uma vez. Enquanto uns estão fora, outros estão dançando, o salão nunca fica vazio, nem mesmo na hora do lanche. Se tiver música tocando, há pessoas dançando.

As expressões dos seus rostos aparecem diferentes após a dança. Antes de dançarem, na hora da oração, eles se mostram sérios e tensos, dependendo do tipo de oração, até choram. Isto sempre acontece quando a oração é dedicada a um colega do grupo que está doente. A dança parece modificar a fisionomia e as expressões corporais, eles parecem indicar que estão satisfeitos.

Minha filha, eu vou dizer o que mais me interessou no grupo foi a dança porque a dança é uma terapia ótima para esquecer os problemas (Senhora de 72 anos, participante do grupo Cabelos Brancos).

Como se observa, os dois grupos observados são caracterizados pelo gosto da dança e o ritual da dança é desejado por eles e referidos como sendo uma estratégia para esquecer os

problemas. A dança parece também proporcionar aos idosos maior desenvolvimento social e pessoal na ausência de outros meios para diversão.

As práticas de lazer podem melhorar a forma de vida e resolvem grande parte de seus problemas, quais sejam: solidão, baixa auto-estima, sentimento de inutilidade, desocupação, entre outras. Para os idosos participantes dos grupos observados o lazer dá sentido as suas vidas. Depois que passaram a participar dos grupos os idosos se consideram mais felizes e têm vontade de viver intensamente. O lazer, portanto, proporciona o aumento da auto-estima dos idosos e contribui para diversificar as teias de amizades entre eles.

7.3. A importância das festas nos grupos de convivência

As festas se constituem em momentos privilegiados para reconhecer como a máscara do envelhecimento esconde pessoas capazes de superar limites e viver outras possibilidades. Os instantes de alegria observados parecem desafiar os estereótipos sobre os idosos e as imagens construídas sobre eles (Cabral 2002: 127).

As atividades festivas são constantes no Programa. Comemoram-se datas e eventos. As festas comemorativas observadas durante esta pesquisa foram muitas. Farei a descrição analítica das mais importantes para a pesquisa.

Para Souto (1997: 78), as festas nos grupos de convivência são momentos de reencontros entre os idosos que não participam com frequência dos encontros semanais. São consideradas, portanto, uma das atividades que quebram a rotina dos grupos.

Os idosos participam de dois tipos de festas: as que são realizadas no local de encontro, ou seja, no interior do grupo do qual participam; e as que são realizadas fora dos grupos, as festas externas.

As festas realizadas no próprio grupo geralmente são comemorações de aniversariantes do mês, dia dos pais e das mães, dia do idoso (comemorado no dia 27 de setembro), e confraternizações de final de ano. Com relação às festas comemoradas fora dos grupos, em espaços públicos, temos: o carnaval, o São João, o “Mexe Campina⁸²”.

Assim como Souto (1997), também constatei que o momento das festas são cenários para discursos políticos. Em toda festa há a presença de pelo menos um representante político. Eles aproveitam esse momento para mostrar os seus trabalhos comunitários, suas preocupações para com os idosos e também fazer campanha eleitoral. Existem relações de apadrinhamento nos grupos por parte dos políticos, que escolhem um grupo voluntariamente para prestar serviços de ajuda, contribuindo com transporte em alguns passeios turísticos e com ajuda financeira para a realização das festas comemorativas.

Os preparativos para a realização das festas acontecem dias antes. Os idosos ensaiam nos grupos as quadrilhas juninas e as danças folclóricas para apresentações públicas. Se a festa acontecia no interior do grupo eles ensaiavam peças teatrais que enfatizam em estilo cômico a vida do idoso e seus conflitos sociais. As peças geralmente são organizadas pelos próprios idosos e os coordenadores dos grupos. Há também as recitações de versos e poesias pelos idosos. Alguns ensaiam antecipadamente, outros fazem de improviso: o importante é participar. Cabral (1997, 1998) descreve e analisa com profundidade a dinâmica das festas comemorativas.

As festas são motivos de lembranças nas conversas dos idosos. Elas marcam o tempo dessas pessoas e estão recheadas de significados (Dumazedier, 1994). Os idosos sempre relembram com alegria das festas que foram realizadas, das danças que apresentaram e que ainda apresentam, principalmente em espaços públicos. As festas são, portanto, uma das práticas mais esperadas e valorizadas pelos idosos participantes dos grupos, não importando

⁸² O Mexe Campina é um programa realizado pela Prefeitura Municipal de Campina Grande que ocorre no mês do idoso (setembro) e tem como objetivo promover atividades físicas para a comunidade em geral.

onde sejam realizadas, se é interna ou externa. O importante é a diversão, é a comemoração. Os encontros com os amigos e a apresentação de suas habilidades é o que eles mais enfocam em suas lembranças das festas.

7.3.1. O momento da festa fora do grupo

Fui convidada pela Coordenadora do programa para participar de uma festa de comemoração de posse de uma coordenação do grupo “Aurora da Vida”, do Bairro de José Pinheiro. Foi uma festa diferente porque era animada pela banda de Pífanos, chamada Andorinhas, composta apenas por idosos do programa.

Naquela oportunidade observei os momentos mais valorizados pelos idosos. Tratava-se de uma festa fora do espaço do grupo, na qual havia música de forró, tocada pelos próprios idosos. Observei também como acontece a interação entre idosos de diferentes grupos. Estavam presentes os grupos “Aurora da Vida”, “Fios de Prata”, “Cabelos Brancos” e do “CMCI”.

Ao chegar na SEMAS, local de onde sairia o transporte dos integrantes e instrumentos da banda de Pífanos, encontrei a coordenadora do CMCI e sete idosos (dois homens e cinco mulheres) que compõem a banda de Pífanos. A banda de Pífanos é composta por 17 integrantes que devem fazer parte dos grupos de convivência do PC.

Os idosos que lá se encontravam estavam esperando o restante do pessoal, que também integrava a banda. Aproveitei o momento enquanto esperávamos e conversamos com os que já estavam no local. Naquela ocasião, pude ouvir os assuntos que conversavam. Nesses diálogos com os informantes pude compreender melhor alguns aspectos de suas vidas.

Percebi que queriam me identificar⁸³ e não tinham coragem de perguntar. Perguntavam entre si sobre quem eu era. O Professor e também membro da banda perguntou se era parente de um dos idosos. Respondi que não e aproveitei a pergunta para me apresentar como pesquisadora da Universidade onde estudo. Logo, todos demonstraram, através de um sinal com a cabeça, que compreendiam e me cumprimentaram: “seja bem vinda minha filha; a gente precisa mesmo de vocês”; “agora eu tô te reconhecendo, estou lembrando da sua carinha” diziam. Após a apresentação me aceitaram e continuaram as conversas, sem se preocuparem com a minha presença.

Os que estavam sentados ao meu lado esquerdo brincavam com as baquetas⁸⁴ do tambor, instrumento da banda. O clima de brincadeira era forte e o professor da banda pegou as baquetas para guardar em sua mochila quando uma senhora disse: “eita que ele tá com o pau na mão” e o professor respondeu: “o que adianta o pau na mão, nessa idade a gente não faz coisa com coisa”, e ela confirmou: “é verdade, a gente não faz mais coisa com coisa”. A sexualidade parece ser uma preocupação na velhice e motivo de brincadeiras e ironias. Enquanto eles parecem querer demonstrar também que o sexo já não existe entre eles.

No grupo “Cabelos Brancos” sentei ao lado de várias mulheres e alguns homens e começamos a conversar. Uma das mulheres que estava entre nós ficou observando a conversa dos homens. Pouco tempo depois, ela levantou e falou “minha filha esses homens são muito safados, olha o tamanho da barriga desse”. O homem imediatamente respondeu “eu quis namorar com você, mas você não quis me dá”. Perguntei “me dá o quê?”. O senhor riu e a senhora também, e respondeu “o negócio dela”. A senhora tímida e com vergonha saiu dançando e respondeu “eu não quis te dá porque você é safado”. Pude perceber que a sexualidade também está presente entre eles e é motivo de brincadeira e piada.

⁸³ Os idosos que estavam na SEMAS eram participantes dos grupo do CMCI e não me conheciam.

⁸⁴ Vareta curta de madeira para percutir tambores e afins (Dicionário Houaiss, 2001).

Um assunto presente nas conversas dos idosos é as doenças. Um dos integrantes da banda de Pífanos, no dia da apresentação, se encontrava doente. Mas sua esposa, que também fazia parte da banda, compareceu. Uma colega perguntou-lhe quem estava cuidando dele enquanto ela estava na festa e ela respondeu que a filha ficaria até ela retornar. Para participar dos grupos eles dizem enfrentar pessoas da família, principalmente as mulheres, face às tarefas domésticas que as ocupam muito (Goldani, 1999).

Uma das integrantes da banda de pífanos contou que teria uma visita a receber na mesma tarde da festa, porém ela não deixaria de participar por esse motivo. Perguntei se alguém em sua casa receberia a visita e ela respondeu em tom irônico “ficou gente em casa, eu saí logo, antes da visita chegar. Eu mesma não ia deixar de participar da festa para receber uma visita, saí foi cedo, deixei pessoas lá. Eu avisei que não ia estar em casa”. As mulheres idosas das camadas populares ainda ocupam grande parte de seu tempo com os compromissos domésticos. Estes parecem não ter diminuído para a grande maioria. Ao contrário, têm idosas que além de cuidar das tarefas domésticas, devem cuidar dos netos pequenos (Goldani, 1999).

Aos poucos foi chegando o restante dos integrantes da banda. Às quatorze e trinta, meia hora depois do horário combinado, a coordenadora contou o número de idosos que estavam presentes. Havia, ao todo, quatorze idosos, ainda faltavam três. As senhoras avisaram que os idosos que não puderam ir estavam doentes. Então, a coordenadora avisada ligou para o taxista que levaria todos para o local da festa⁸⁵.

Os que não puderam ir na primeira viagem do táxi pegaram os instrumentos e decidiram cantar um pouco na SEMAS. Um garoto, que também estava na SEMAS pegou um pandeiro⁸⁶, o professor, o outro, e começaram a tocar. As senhoras animadas pegaram os instrumentos que já estavam guardados em sacolas de plásticos, pegaram os chocalhos⁸⁷ para

⁸⁵ A festa foi realizada no salão da Igreja de São José localizada no Bairro do José Pinheiro.

⁸⁶ É constituído por um aro de madeira, metal ou plástico, recoberto por uma membrana, com aberturas no aro onde se colocam soalhas ou guizos (Dicionário Houaiss, 2001).

⁸⁷ É um instrumento oco que contém pedras para produzir sons ao serem sacudidos.

acompanhar os pandeiros. A maioria das idosas toca chocalho ou flauta⁸⁸. A primeira música que tocaram foi “Acorda Maria Bonita”, transcrita a seguir:

Acorda Maria Bonita, levanta vai fazer o café
 Que o dia já vem chegando e a polícia já está de pé
 Se eu soubesse que chorando empato a tua viagem
 Meus olhos eram dois rios que não te davam
 passagem
 Cabelos pretos anelados, olhos castanhos delicados
 Quem não ama a cor morena, morre cego e não vê
 nada (Música de Antônio dos Santos).

Eles cantavam e tocavam músicas da sua época de juventude e o tipo de forró praticado é chamado de “pé de serra” (estilo antigo). Ainda estavam tocando quando o carro retornou da primeira viagem para levar os demais.

Chegamos ao local da festa e logo a apresentação do grupo foi iniciada, observei que os idosos do grupo “Aurora da Vida” estavam uniformizados⁸⁹, vestiam camisetas estampadas com o nome do grupo e o nome da Secretaria e sentados aguardavam o início da festa. Os integrantes da banda de Pífanos pegaram os seus instrumentos e todos pareciam agitados e orgulhosos pela apresentação, entraram em cena tão logo fora anunciados, cantando músicas antigas de forró. Nesse momento, todos revelam seus talentos como analisado por Cabral (1997).

Enquanto a banda tocava, as mulheres do grupo “Aurora da vida” dançavam. Era um número pequeno se comparado aos que estavam presentes. Só as mulheres dançavam. Segundo as informantes, esse grupo não tem a dança de forró como uma das atividades

⁸⁸ As flautas da banda de Pífano dos Andorinhas são confeccionadas pelo próprio Professor da Banda. São feitas de alumínio. Este instrumento tem o formato de um tubo oco com orifícios num dos quais o tocador sopra, ao mesmo tempo em que ocupa os dedos em tapar ou destapar os demais, para obter sons variados (Dicionário Houaiss, 2001).

⁸⁹ Sobre a uniformização dos idosos participantes dos grupos ver Cabral (2002). In: Recriar laços: estudo sobre idosos e grupos de convivência nas classes populares paraibanas.

principais. Observei que nenhum homem dançou nessa festa e a todo momento só as mulheres dançavam e pareciam se divertir.



Figura 12: Apresentação da banda de Pífanos “Andorinhas”.

O ritual de posse, motivo da festa, começou após tocarem algumas músicas. Durante o discurso os integrantes da banda sentaram um próximo aos outros e não quiseram sentar ao lado dos participantes do grupo “Aurora da Vida”. A banda de Pífanos Andorinhas tocou novamente após a posse e pareciam empolgados com o que faziam.

A festa fora do grupo de convivência é a oportunidade dos idosos revelarem seus talentos para um público diferente. Desse modo, a festa se torna o cenário para as apresentações das habilidades dos idosos, além de sair da rotina dos encontros semanais e das festas no interior do grupo. Este momento contribui para o estabelecimento de relações com pessoas diferentes. Enfim, os idosos mostram nessas festas suas artes culturais e aproveitam o momento para manter laços de amizade com outros idosos fora dos grupos dos quais participam.

7.3.2. O momento da festa no interior do grupo

A primeira festa de confraternização do final de 2003 foi realizada no Centro Municipal de Convivência do Idoso. Esta festa reuniu os idosos de todos os grupos de convivência dos bairros vinculados ao Programa Conviver. Estava programada para iniciar às oito e trinta horas e findar às onze e trinta da manhã.

Nas proximidades da SEMAS, local de onde sai diariamente o ônibus com destino ao CMCI, um senhor passou por mim às pressas falando: “tenho que pegar aquele ônibus que está saindo”. Ao olhar de qual ônibus ele estava tratando percebi que era o mesmo ônibus que também pegaria. Era o ônibus que transporta os idosos para o CMCI. Não tive coragem de correr para tentar alcançá-lo, mas o senhor sim, ele não queria perder o ônibus e conseqüentemente a festa, correu e conseguiu embarcar. Para sua sorte, o ônibus parou em um sinal. Ele acenou e quando os idosos que estavam dentro do ônibus o viram correndo e pedindo para pararem o ônibus, começaram a gritar para o motorista parar. Este atendeu ao pedido de todos e parou, o senhor então, conseguiu alcançar o ônibus e não perdeu a festa.

Os idosos assim que chegaram na casa do CMCI procuraram um lugar para se sentar, mas não havia cadeiras suficientes no local. O espaço se tornou pequeno para tantas pessoas, que ao todo somava 108 idosos. A Coordenação do CMCI providenciou mais cadeiras para os idosos que estavam sentados do lado de fora e para aqueles que estavam sentados no degrau da escada.

Antes do início da festa permaneci entre os idosos para ouvir um pouco de suas conversas. Na oportunidade duas senhoras estavam conversando sobre a próxima festa de confraternização que seria realizada no grupo delas. Pareciam ansiosas para que o dia da festa chegasse logo: “Ave, estou doida para que chegue logo quinta-feira o dia da nossa festa”, comentava a senhora do grupo Fios de Prata.

Quando todos pareciam estar sentados, iniciou-se a oração e agradeceram pelo ano que estava terminando (2003) e pediram um ano novo melhor (2004). Pediram também o restabelecimento da saúde de um idoso⁹⁰ que na época se encontrava doente e chegou a falecer dias depois. Observamos, nesta ocasião, que a doença e a morte são muito referidas pelos idosos.

Ao término da oração, foi lida a programação da confraternização. Para os idosos, uma festa deve ter música e no CMCI não se ouviu nenhuma música. Conforme a definição do dicionário os idosos têm razão de não considerar a confraternização do CMCI uma festa. De acordo com Dumazedier (1994), a festa é a união formal e informal, em espaços públicos ou privados com objetivos recreativos e deve ser acompanhada de música, comida e bebida. Na festa do CMCI não observamos a presença de nenhum desses aspectos, só havia a comida, uma torta que seria servida no final da confraternização.

A chamada do “amigo-oculto⁹¹” foi a primeira tarefa a ser realizada em meio à confusão, pois alguns não lembravam a quem deveriam presentear e outros não haviam comparecido. Mas ao final todos pareciam satisfeitos e ninguém ficou sem receber um presente.

Ainda foram recitados versos e poemas. Observamos que muitos idosos gostam de recitar versos de autoria própria. A seguir apresento exemplo de mensagem poética recitada naquela ocasião.

⁹⁰ Participante do grupo Cabelos Brancos. Este grupo em solidariedade ao doente não realizou a festa de confraternização de fim de ano.

⁹¹ É uma espécie de sorteio entre amigos e familiares, que se realiza, sobretudo por ocasião do Natal, quando cada participante recebe por sorteio sigiloso o nome de outro ao qual oferece um presente (Dicionário Houaiss, 2001).

Era uma vez, um grande homem que nasceu em nosso meio e veio com uma nobre, bela e humilde missão “nos ensinar o amor”.

Toda a sua vida foi dedicada a estabelecer para nós o caminho do amor, da compreensão, da fraternidade, da união e do perdão.

Espelhados neste homem, desejo de coração que todos trilhemos esse caminho em busca da luz eterna.

Que em 2004, sejamos mais irmãos uns dos outros no espírito do nosso mestre maior “Jesus”.

Feliz Natal para todos, Raimunda 77 anos.

Como analisado por Cabral (1997), os participantes aproveitam o momento das festas para mostrarem os seus talentos nas poesias e nos versos que são declamados orgulhosamente.

Após as declamações foram distribuídas lembrancinhas de final de ano para todos. Os idosos que tiveram condições de retribuir⁹², também distribuíram lembranças aos funcionários do Centro de Convivência.

A prática da reciprocidade, a troca de presentes é característica de todas as sociedades. Mauss (1974) em obra clássica estudou o dom na sociedade Samoa da Polinésia, analisando como as trocas e os contratos sociais fazem-se sob a forma de presentes, teoricamente voluntários, mas, na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos. Neste caso, os idosos agradecem ao trabalho que tiveram com eles durante o ano e presenteiam como podem coordenadores (líderes), estagiários e voluntários com presentes simples, mas ricos em simbologias que expressam a gratidão declarada.

Observei que os presentes retribuídos pelos idosos são em sua maioria: imagens de santos, em gesso ou em papel, fitinhas do Senhor do Bonfim⁹³, panos de prato confeccionados

⁹² Sobre a reciprocidade de presentes ver Mauss, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, 1974.

⁹³ Esta deve ser amarrada no braço com três nós, ao mesmo tempo, deve-se tradicionalmente fazer três pedidos ao Santo. Segundo a crença, os pedidos serão realizados assim que a fita romper e cair do braço. São meses de espera para a realização do pedido.

pelas próprias idosas, flores artificiais, e enfeites, os mais variados, para casa. Os trabalhos voluntários⁹⁴ que os idosos fazem nos grupos são também trocas de retribuição. Este tipo de trabalho é aparentemente livre e gratuito, mas, na verdade, visa retribuir as dívidas que eles consideram ter para com os outros (Mauss, 1974).

De acordo com Mauss (*Op. Cit.*), essas atitudes são inconscientes. Elas têm tomado a forma de presentes retribuídos, do regalo ofertado generosamente, mesmo quando, no gesto que acompanha a transação, há tão somente ficção, formalismo e mentira social; quando há, no fundo, obrigação de retribuir o trabalho que fazem junto aos idosos. Na verdade o trabalho voluntário tem princípios semelhantes à forma de troca⁹⁵.

A reciprocidade de presentes entre os idosos e entre os coordenadores dos grupos de convivência é semelhante ao *Potlatch*⁹⁶ estudado por Mauss (1974). Assim, como a sociedade polinésia, os idosos não trocam entre si e entre os coordenadores dos grupos bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas de utilidade econômica, mas gentilezas, danças, festas, ritos e objetos sem muito valor econômico. Enfim, estas prestações e contra-prestações são feitas de uma forma, sobretudo voluntária, por presentes, regalos, embora sejam também obrigações de retribuição.

As lembrancinhas trocadas na festa de confraternização simbolizam a gratidão de uns aos outros, as alegrias, as tristezas, as experiências que foram compartilhadas durante um ano de trabalho juntos.

Após a troca dos presentes entre todos (ninguém ficou fora do ritual nem mesmo a pesquisadora), foi servida a torta com refrigerantes. A confraternização foi encerrada com a partilha da torta. Onze e trinta todos estavam dentro do ônibus de volta para casa. Observei

⁹⁴ São ajudas com a limpeza do grupo e com o lanche.

⁹⁵ Um exemplo, de trabalho voluntário como princípio de troca é o mutirão encontrado nas periferias das grandes cidades, para ajudar um amigo a construir ou aumentar a casa. Os amigos do dono da casa os ajudam no que podem na construção. O dono da casa em construção em reforma deve lhes dar alimentação e bebidas em troca do trabalho voluntário. E deve também retribuir com seu trabalho se um dos amigos precisarem.

⁹⁶ É o nome que Mauss (1974) deu às prestações totais de tipos agonísticos. Obrigações que os indivíduos da Polinésia têm de receber e retribuir presentes.

que eles não demonstravam o mesmo entusiasmo quando iam para festa, como aquele que enfrentou uma maratona para pegar o ônibus e não perder a festa.

7.3.3. O espetáculo: a festa esperada pelos idosos

A festa é um contexto social onde as pessoas podem ter direitos de expressão, proibidas na vida cotidiana, ela é a ocasião para a pessoa se divertir mais livremente, cometendo excesso de todos os tipos, de comida, de bebida ou de luxúria, permitidos ou tolerados, até encorajados, dentro dos limites deste quadro social (Dumazedier, 1994).

A festa realizada no grupo é um dos meios dos idosos saborearem mais a alegria de viver. Eles não se contêm apenas em sobreviver, querem dar um sentido à vida e o lazer aparece como a maneira de viver a vida com alegria.

A confraternização do grupo “Fios de Prata” foi uma festa bastante animada, se comparada à do CMCI. Participaram deste evento 130 (cento e trinta) idosos que dançaram durante toda a festa. Antes mesmo de começar o ritual, os idosos já estavam fazendo os espetáculos da dança de forró no salão da SAB que estava enfeitado com balões de ar.

Assim como na confraternização do CMCI, houve também o amigo-oculto. Para não haver transtornos como no anterior, a líder do grupo pediu que todos aqueles que levaram presentes⁹⁷ colocassem em cima da mesa da recepção. A própria líder comprou algumas lembrancinhas⁹⁸ para qualquer eventualidade. O ritual aconteceu sem problemas, o sorteio aconteceu na hora e todos receberam presentes.

⁹⁷ Não são todos os idosos que têm condições de comprar um presente.

⁹⁸ A líder comprou presentes para evitar alguém que levou o presente não sair sem receber.

Após o amigo-oculto, os idosos voltaram a dançar. Diferentemente da outra festa de confraternização, esta foi para eles uma festa com músicas, bebidas não-alcólicas⁹⁹, comidas, doces e salgados. Houve ainda as trocas de presentes entre os idosos e os coordenadores dos grupos. A festa se prolongou até a noite. Nesse grupo, enquanto tivesse música tocando os idosos dançavam. Eles não se cansaram. Para finalizar a festa, foi preciso alguém (a líder) desligar o som, senão, não terminava, isso acontece em todas as festas promovidas com o grupo.

Na festa as pessoas se reencontram, e é oportunidade para ampliar a rede de sociabilidade espontaneamente. Para os participantes, a festa é também válvula de escape para as tensões do cotidiano (Magnani, 1998). Ao saírem da casa para a festa, eles constituem laços de amizade e aumentam os espaços de circulação para além do âmbito familiar (Debert, 1999).

Parece que os idosos temem o tédio, maior inimigo do lazer. Através das festas os idosos acabam com o tédio, pois estão fora dos ritos familiares. Segundo Magnani (1998), a classificação das formas de festas (lazer) e entretenimento é feita pela oposição casa *versus* fora de casa.

Nos dois espaços há circulação de significados cujos efeitos são, de um lado, a constituição de um espaço concreto de relações e, de outro, o estabelecimento de passagens entre espaço da festa, que Magnani (*Op. Cit.*) nomeia de pedaço, e a sociedade mais ampla.

Os grupos e suas atividades de lazer (principalmente as festas) dão sentido à vida dos idosos. A busca pelos grupos de convivência é uma estratégia para melhor vivenciar o envelhecimento, etapa da vida estigmatizada pela sociedade como a pior porque apresenta uma identidade com vários atributos negativos conhecidos, como: declínio, fraqueza, dependência, deficiência, impossibilidade e assim por diante. Ninguém quer envelhecer.

⁹⁹ Nos grupos são oferecidos somente refrigerantes. Não é permitida a bebida alcoólica.

Todas as pessoas temem a velhice. Esta é vista pela sociedade como o momento de esperar a morte, “E todos exorcizam o fantasma de seu futuro afastando-se dele ou até ensaiando destruí-lo” (Motta, 1998: 129). Produziu-se uma imagem social do envelhecimento e da velhice tão desfavorável, que até os idosos saudáveis e lúcidos não se reconhecem nela (Debert, 1999). A sociedade precisa rever seus conceitos sobre a velhice que não é somente a espera da morte.

O lazer pode contribuir para a melhoria da vida dos idosos e preencher o “tempo livre¹⁰⁰” com muitas atividades. O “tempo livre” aproveitado nos grupos é exatamente o intervalo entre trabalhos familiares domésticos e não domésticos que desaparecem e retornam sem cessar. Os idosos pesquisados aproveitam esse momento para se divertir e ao mesmo tempo manter relações de amizade com pessoas de idade relativamente igual. O lazer pode proporcionar aos idosos maior sociabilidade geracional, pois se relacionam com pessoas relativamente da mesma idade (Cabral, 1997; Motta, 1997). Como exposto antes a participação masculina é relativamente igual a das mulheres; nestes grupos estudados diferentemente, de todas as pesquisas publicadas, há mais companheirismo, existem idosos que se conheceram e se casaram nos grupos.

Minha filha para mim a vida mudou em tudo. Porque primeiramente eu acho que eu estou vivendo a minha vida agora. Depois que eu entrei no grupo eu fiquei uma pessoa assim, mais feliz da vida porque eu era uma pessoa assim caidinha, não sabe? E agora não, eu sou uma pessoa realizada. Eu mudei, para mim eu mudei para melhor (Senhora de 72 anos, participante do grupo Cabelos Brancos).

Contudo, o lazer nos grupos expressa ou institui, comumente, uma sociabilidade, dirigida e substitutiva da verdadeira, espontânea (Motta, 1998). Os idosos participantes dos grupos pesquisados estão em busca de preencher o tempo com diversão, distração, passeios,

¹⁰⁰ Segundo Dumazedier (1994: 141), o tempo livre é um conjunto de intervalos que se dá entre os tempos obrigatórios impostos pela sociedade e que retornam sem cessar a cada manhã ou a cada segunda-feira, ou a cada volta das férias e que são pagas pelo mais importante dos tempos obrigatórios: o tempo de trabalho profissional.

aprender alguma coisa, como acontece no grupo do CMCI. De acordo com seus diálogos, suas vidas passaram a ter significado depois que começaram a participar do lazer nos grupos. Dessa forma, participar ativamente dos grupos é viver intensamente uma nova etapa da vida, os idosos consideram-se mais felizes, suas vidas, a partir do momento que entraram no grupo, passaram a ter sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa pesquisa estou consciente de que não se trata de uma produção concluída. Assim como toda pesquisa social, o estudo do envelhecimento constitui-se em campo vasto de análise. Contudo, esperamos contribuir através dessa pesquisa para novos conhecimentos do lazer na velhice e do processo de envelhecimento.

Sabemos que o envelhecimento é um processo em constante construção. O estudo desse segmento deve levar em consideração os fatores sócio-econômicos e culturais, concernentes a cada sociedade em diferentes momentos históricos. Não podemos considerar a velhice como um processo universal e homogêneo. Entretanto, essa pesquisa não pretende dar resultados generalizados, sua análise constitui-se apenas do universo de um grupo de idosos praticantes de lazer nos grupos de convivência e pertencentes às camadas populares de Campina Grande-PB, em busca de observar as experiências de lazer nesses grupos.

Estudei a velhice como uma categoria social e culturalmente construída. As diversas sociedades constroem diferentes práticas e representações sobre a velhice, a posição social dos velhos na comunidade e nas famílias, e o tratamento que lhes deve ser dispensado pelos mais jovens. Entretanto, é preciso levar em consideração que o envelhecimento é vivenciado de forma diferenciada em cada pessoa.

A partir da observação participante, de entrevistas semi-estruturadas realizadas junto aos idosos participantes dos grupos de convivência “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata” e também da análise dos formulários respondidos por esses idosos, foi possível organizar a análise interpretativa dos dados obtidos de várias fontes.

Através da análise dos formulários concedidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social tracei o perfil sócio-econômico e cultural dos idosos observados. São pessoas pertencentes às camadas populares de Campina Grande, cuja fonte de renda principal

é a aposentadoria ou a pensão concedida pela Previdência Social, no valor de um salário mínimo. Verificamos também que a grande maioria não teve oportunidade de frequentar uma escola, considerando-se pessoas com baixo nível escolar. Além disso, são idosos que vivem em condições precárias, estigmatizadas pelo sistema capitalista como inúteis, incapazes e improdutivos, e que já “tiveram o tempo deles na sociedade” e sofrem as conseqüências de uma sociedade capitalistas que está sustentada na importância do trabalho para produção de bens, para fins mercadológicos.

Observei que os grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata” apresentam peculiaridades que não são percebidas nos demais grupos até então estudados. A primeira, diz respeito à participação masculina, que é relativamente igual a feminina, ela representa uma proporção de 30% a 40% da freqüência nos encontros semanais. A segunda é a presença de adolescentes nos grupos. Entretanto, constata-se que há nesses grupos interação tanto de gênero quanto de geração.

Viver e observar o cotidiano desses grupos é também conhecer o seu ritmo de vida, os eventos marcantes, as festas significativas. À medida que minha estada nos grupos se prolongava, pude observar os eventos repletos de significações e de forte interação social que têm lugar na esfera da vida pública. Percebi que o lazer realizado nos grupos de convivência aparece para minimizar a dureza da vida desses idosos. Eles parecem estar se (re)descobrimdo e buscando a auto-realização, obstinados a melhorar sua qualidade de vida.

Em busca de compreender o que o lazer proporciona aos idosos, percebi a partir de seus próprios diálogos que suas vidas mudaram para melhor. O lazer, principalmente a dança de forró realizado nos grupos, parece ser uma terapia para esquecer momentaneamente seus problemas cotidianos, além de estabelecer um convívio mais próximo com pessoas relativamente da mesma idade e com os mesmos problemas. O lazer é considerado dispositivo de sociabilidade para além do âmbito familiar e doméstico.

Ao longo dessa pesquisa, os idosos compartilharam suas histórias, suas necessidades e suas experiências do envelhecimento e, principalmente, as de lazer. Assim, ao estudar o lazer nos grupos de convivência encontrei a maneira de ser e de viver de alguns idosos. Eles se reconhecem como pessoas ativas, dinâmicas e alegres, características da “terceira idade”. Observa-se que o lazer ajuda “nuançar” o envelhecimento que se torna uma fase da vida mais alegre e divertida.

Percebe-se que os novos signos do envelhecimento são assumidos cotidianamente pelos participantes dos grupos pesquisados. Todos parecem se considerar ainda jovens para serem velhos e tentam através de seus comportamentos e representações superar os estereótipos negativos impostos pela sociedade. Os idosos querem marcar uma nova imagem, tentando superar os estereótipos da caduquice e da apatia; e dá ênfase na condição de provedor e arrimo da família, superando a imagem de velho como peso.

A sociedade também precisa superar a discriminação e o preconceito para com a pessoa idosa. Afinal de contas essa é a fase da vida que por natureza um dia eventualmente pertenceremos. Como afirma o Senador da República Paulo Paim (2003) “o idoso vive no futuro de cada um de nós”.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA-ORJUELA, Guilherme Maurício. "O uso da televisão como fonte de informação sobre a velhice: fatos e implicações". In: **Velhice e sociedade**. Néri, Anita Liberalesso & Debert, Guita Grin (Org.). Campinas, SP: Papirus, 1999.
- ALMINO, João. **O segredo e a informação**. Brasília, DF: Brasiliense, 1983.
- ALVES, Paulo César. "Nervoso e experiência de fragilização: narrativa de mulheres idosas". In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.
- AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros: atualidade da antropologia**. Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1999.
- ARANTES, A. A. **Consumo e entretenimento: hipóteses para uma Antropologia do tempo livre**. Cadernos IFCH, Campinas, Unicamp, n. 27, 1993.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1991.
- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo, SP: Martins Fonseca, 1993.
- BALIBAR, Étienne. **A filosofia de Marx**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1995.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2001.
- BARROS, Myrian Moraes Lins de. (Org.). "Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice". In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BASSIT, Ana Zahira. "História de mulheres: reflexão sobre a maturidade e a velhice". In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.
- BECKERS, Theodorus. "O capital humano em lazer". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
- BERGER, P. **Perspectiva sociológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- BERREMAN, G. "Por detrás de muitas máscaras". In: **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves/ S. A. 1980.
- BERQUÓ, Elza. "A mulher e a terceira idade". In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo**. Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.
- _____. "Envelhecimento populacional no Brasil e suas conseqüências". In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo**. Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.
- BOOTH, Wayne C. **A arte da pesquisa**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.
- BORDIEU, Pierre. "A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região". In: **O poder simbólico**. Lisboa: Difel/ Bertrand Brasil S. A. 1989.
- _____. "Espaço social e gênese das classes". In: **O poder simbólico**. Lisboa: Difel/ Bertrand Brasil S. A. 1989.

_____. “Introdução”. In: **Meditações pascalinas**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1930.

_____. “Crítica da razão escolástica”. In: **Meditações pascalinas**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1930.

_____, CHAMBOREDON, Jena-Claude & PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRUHNS, Heloisa Turini (Org.) “Lazer e motricidade: dialogando com o conhecimento”. In: **Temas sobre lazer**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção educação física e esportes).

BRUYNE, Paul de. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

CABRAL, Benedita Edina da S. Lima. **Recriar laços: estudo sobre idosos e grupos de convivência nas classes populares paraibanas**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Unicamp [s.n.], 2002.

_____. “O idoso e a família”. In: **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2002.

_____. “Solidariedade intergeracional: uma experiência dos grupos de convivência de idosos”. In: **Especiaria**- Revista da UESC/ Universidade Estadual de Santa Cruz, ano 4, n. 7 (jan/jun, 2001) Ilhéus, BA: Editus, 2001.

_____. “Alegria de talentos: a festa de comemoração das(os) idosas(os)”. In: **Olhares e diversidades: os estudos de gênero no Norte e Nordeste**. Álvares, M. L. M. & Santos, E. F. Dos. (Orgs). GEPEM/IFCH: Universidade Federal do Pará – REDOR – NINE – Belém, 1999.

_____. “Família e idosos no nordeste e brasileiro”. In: **Dossiê: Gênero e família**. Salvador, BA: UFBA. Cad. CRH, n. 29, 1998.

_____. “A vida começa todo dia”. In: **Revista de estudos feministas**. Rio de Janeiro, RJ. 1997.

_____. “Idosos e família no Nordeste brasileiro” In: **Dossiê Gênero e Família**. Motta, Alda (Org.). Salvador, BA: UFBA. Caderno do Centro de Recursos Humanos-CRH, n. 29, 1992.

_____. **De trabalhadores e aposentados do prorural: as contradições da política social e concessão tardia de direitos**. Dissertação de mestrado em sociologia. Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, PB, 1986.

CALDAS, Célia Pereira. “O idoso em processo de demência: o impacto na família”. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.

CALDEIRA, Tereza. P. R. **A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia**. Novos estudos Cebrap, n. 21. Julho de 1989.

CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer?** São Paulo, SP: Brasiliense, 1992 (Coleção Primeiros Passos).

CANCLINI, N. G. “Antropólogo sob a lupa: ou como falar das tribos quando as tribos são eles mesmos”. In: **Ciência Hoje**. Vol. 15, n. 90, 1993.

- CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). "Aventuras de antropólogo em campo ou como escapar das armadilhas do método". In: **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1988.
- CARVALHO, Yara Mmaria de. "Imagens e lazer". In: **Temas sobre lazer**. Bruhns, H. T. (Org.). Campinas, SP, Autores Associados. 2000. (Coleção educação física e esportes).
- CERTEU, Michel de. "Artes de fazer". In: **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CLIFFORD, James. "A autoridade etnográfica". In: **A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 1998.
- COELHO, Texeira. "Um decálogo, dois teoremas e uma nova abordagem para o lazer". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
- COHEN, Lawrence. "Não há velhice na Índia: os usos da gerontologia". In: **Textos didáticos: antropologia e velhice**. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, n. 13, janeiro de 1998.
- COSCO, Nilda Graciela & MOORE, Robin. "Vidas ricas em bairros". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
- DA MATTA, Roberto. **O Que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro, RJ: Rocco. 2001.
- _____. **Relativizando: uma introdução a antropologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.
- _____. "O ofício do etnólogo, ou como ter 'Antropological Blues'". In: **A aventura sociológica. Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. 1978.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-Fapesp, 1999.
- _____. "A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade". In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Barros, Myrian Moraes Lins. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998a.
- _____. (Org.). "Pressuposto da reflexão antropológica sobre a velhice". In: **Textos didáticos: antropologia e velhice**. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, n. 13, janeiro de 1998b.
- _____. "Envelhecimento ou representação sobre velhice". In: **Anais do VI encontro nacional de estudos populares**. Rio de Janeiro, RJ: IFCS, 1988c.
- _____. (Org.) & SIMÕES, J. A. "A aposentadoria e a invenção da 'terceira idade'". In: **Textos didáticos: antropologia e velhice**. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, n. 13, janeiro de 1998d.
- _____. **Envelhecimento e curso da vida**. Rio de Janeiro, RJ: IFCS, 1997.
- DICIONÁRIO HOUAISS DE LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.
- DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo, SP: Studio Nobel: SESC. 1994.
- _____. **Lazer e cultura popular**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1976
- _____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1973.
- DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Presença, 1997.
- _____. **As regras do método sociológico**. São Paulo, SP: Nacional, 1990.

_____. **Sociologia**. Rodrigues, José Roberto (Org.). São Paulo, SP: Ática, 1984.

_____. **Sociologia e filosofia**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1981.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1991.

ECKERT, Cornelia. "A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre". In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.

_____. "A vida em um outro ritmo". In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Barros, Myrian Moraes Lins. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ELIAS, Nbert. "A sociedade dos indivíduos". In: **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1994a.

_____. "Problemas da autoconsciência e da imagem do homem (os anos 1940 e 50)". In: **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1994b.

FAMÍLIA, caderno especial. Jornal Folha de São Paulo, 20/09/1998.

FEATHERSTONE, Mike. "A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

_____. "O curso da vida: corpo, cultura e imaginário no processo de envelhecimento". In: **Textos didáticos: antropologia e velhice**. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, n. 13, janeiro de 1994.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1987.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. "Memória e velhice: do lugar da lembrança". In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Barros, Myrian Moraes Lins. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FRIDMAN, Milton. **Capitalism and freedom**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

GALLIANO, A. G. **Introdução à sociologia**. São Paulo, SP: Harper & Row do Brasil, 1981.

GEBARA, Ademir. "Nobert Elias e a teoria do processo civilizador: contribuição para a análise e a pesquisa no campo do lazer". In: **Temas sobre lazer**. Bruhns, H. T. (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2000 (Coleção educação física e esportes).

GEERTZ, A. C. "Os usos da diversidade". In: **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2000.

_____. "A situação atual". In: **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Negara. O Estado Teatro no século XIX**. Lisboa: Difel, 1991.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, SP: UNESP, 1991.

_____. "A forma da avaliação explicativa". In: **Novas regras do método sociológico: uma crítica positiva das sociologias compreensivas**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, s/d.

- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1985.
- _____. **Manicômio, prisões e conventos**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1961.
- GOLDANI, Ana Maria. "Mulheres e envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero". In: **Muito além dos sessenta: os novos idosos brasileiros**. Camarano, A. A. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 1999.
- GUTIÉRREZ, Gustavo Luis. "Lazer, exclusão social e militância política: um ensaio a partir de aspectos do contemporâneo". In: **Temas sobre lazer**. Bruhns, H. T. (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção educação física e esportes).
- HARADA, Munchiko. "Política de redução da jornada de trabalho, a Lei do Resort e o lazer no Japão". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
- HADDAD, Eneida G. de Macedo. **O direito à velhice: os aposentados e a previdência social**. São Paulo, SP: Cortez, 2001.
- HECK, Rita Maria & LANGDON, Esther Jean Matteson. "Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural". In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.
- HERBENAS, Paulo. **Aprendendo: da sociologia a paixão do conhecimento**. São Paulo, SP: Loyola, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999.
- IWANOWICZ, J. Barbara. "O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial". In: **Temas sobre lazer**. Bruhns, H. T. (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção educação física e esportes).
- INTERNET: <http://www.pmcg.pb.gov.br>. Setembro de 2003.
- _____: <http://ipbinet.net/helder/paraiba/campina/urbana.html>. Setembro de 2003.
- JORNAL. **Folha de São Paulo**. 09 de setembro de 1996.
- KIRK, J. & MILLER, J. **Reability and reality in qualitative research**. Beverly Hills, California: Sage, 1986.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1982.
- KURZ, Robert. "A ditadura do tempo abstrato". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas, 1988.
- _____. **Sociologia geral**. São Paulo, SP: Atlas, 1985.
- LEFEBVRE, Henri. **Sociologia de Marx**. Rio de Janeiro, São Paulo: Forense, 1968.
- LÉVI-STRAUSS, Claud. "O etnólogo perante a condição humana". In: **O olhar distanciado**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- _____. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

LIMA, Daisy Área. Q. **Além do apenas velho: aspectos sócio-culturais da velhice**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

LIMA, Marcelo Alves. "A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a UNATI/UERJ". In: **Textos sobre envelhecimento**. Rio de Janeiro, RJ: UERJ, UnATI, 1998.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A fábrica dos sonhos: a festa do maior São João do Mundo – Campina Grande – PB**. Tese de doutorado. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2001.

LOAS: **Lei Orgânica da Assistência Social**. Brasília, DF: MPAS, Secretaria de Estado e Assistência Social, 1999.

LÖWY, Michel. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. São Paulo, SP: Busca Vida, 1987.

_____. **Ideologia e Ciência Social**. São Paulo, SP: Cortez, 1985.

LUBISCO, Nídia M. L. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. Salvador, BA: EDUFBA, 2003.

MAFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre, RS: Artes e ofícios, 1995.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O lazer na cidade**. In: [file:///A:/ O lazer na cidade – José Guilherme magnani.htm](file:///A:/O%20lazer%20na%20cidade%20-%20Jos%C3%A9%20Guilherme%20magnani.htm), 05/06/2002.

_____. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, SP: Hucitec, 1998.

MALDONADO, Simone Carneiro. "George Simmel: uma apresentação". In: **Revista política e trabalho**. João Pessoa, n. 12 setembro de 1996.

MCPHERSON, Barry. "O capital humano em lazer". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. "Objeto, método e alcance desta pesquisa". In: **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, S. A. 1996.

MANTERO, Juan Carlos. "Turismo e lazer". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

MARCUS, G & FISHER, M. **Antropology as cultural critique. An experimental moment in the Human Sciences**. Chicago, The University of Chicago Press. 1986.

MARTZ, S. II. **Quando envelhecer eu vou usar púrpura**. São Paulo, SP: Marco Zero, 1997.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro, RJ: Cátedra, 1987.

_____. **O capital**. Livro I, Vol. I. Rio de Janeiro, RJ: Difel, 1980.

_____. **Introdução à crítica da economia política**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1981.

MASCARO, S. de M. **O que é velhice**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos).

MASI, Domenico de. "Perspectivas para o trabalho e o tempo livre". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

MAUSS, Marcel. **Antropologia**. Oliveira, Roberto Cardoso de (Org.). São Paulo, SP: Ática, 1979.

_____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, SP: EPU, 1974.

MEDEIROS, Suzana & VAPSCB, Ursula Margarida. "Sistema social de apoio ao idoso no bairro da Lapa". In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo**. Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.

MENDRAS, Henri. **Princípios de sociologia: uma iniciação a análise sociológica**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1978.

MENEZES, M. A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes**. João Pessoa, JP: Relume Dumará, 2002.

METCHNIKOFF, Élie. Introduction à l'étude scientifique de la vieillesse. In: **Étude sur la nature humaine**. Paris: A. Maloine et Fils Editeurs, 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1996.

_____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

MILLS, Theodore M. **Sociologia dos pequenos grupos**. São Paulo, SP: Pioneira, 1970.

MILLS, W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1975. MONTEIRO, P. P. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer: história, encontros, transformações**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

MOSCOVICI, G. **A máquina de fazer deuses: sociologia e psicologia**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990.

MOTTA, Alda Brito. "Envelhecimento e sentimento do corpo". In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.

_____. "Chegando pra idade". In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Barros, Myrian Moraes Lins. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998a.

NERI, A. L. "Gênero, família e fases do ciclo da vida". In: **Dossiê: Gênero e família**. Salvador, BA: UFBA. Cad. CRH, n. 29, 1998b.

_____. "Palavras e conveniências: idosos hoje". In: **Revista de estudos feministas**. Dossiê: gênero e velhice. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 1997.

_____ & DEBERT, G. G. "O uso da televisão como fonte de informação sobre a velhice". In: **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

_____. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas, SP: Unicamp, 1991.

_____. "Como viver melhor a partir dos 60 anos". In: **Viva saúde: a revista do bem-estar para toda a família**. 1988.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. "Trabalho, não-trabalho e contradições sociais". In: **Temas sobre lazer**. Bruhns, H. T. (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2000 (Coleção educação física e esportes).

A Prefeitura Municipal de Campina Grande através da Secretaria Municipal de Assistência Social - SEMAS, e do Programa Conviver, traz a todos os segmentos da Sociedade de Campina Grande, informações sobre mais um serviço direcionado a pessoa idosa, além dos que já vem sendo executado junto aos grupos de convivência e no Centro Municipal de Convivência do Idoso. Trata-se do DISQUE-IDOSO.

o que vem a ser o DISQUE-IDOSO

Sistema de escuta e atendimento, de âmbito municipal direcionado à pessoas idosas, em situação de risco, abandono e violência. O telefone é liberado para receber também informações de trabalhos que vêm sendo realizados com a 3ª. Idade, eventos e todas as ações de interesse desse segmento social

Objetivo

- Facilitar o acesso as informações sobre os direitos dos idosos e situações que comprometam sua segurança e bem -estar social.
- Desempenhar a solidariedade através do serviço de escuta.

Recursos financeiros

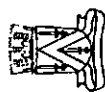

MPAS - Ministério da Previdência e A. Social
PMCG/SEMAS

Parcerias

Conselho Municipal do Idoso
Curadoria dos Direitos do cidadão
Secretaria Municipal da Saúde
Casa de Repouso S. Vicente de Paulo

Local de Atendimento

Secretaria M. de Assistência Social - SEMAS
Setor de Amparo e Proteção ao Idoso
Horário: 08:00 às 12:00 e 14:00 às 18:00 hs
Telefone: (83) 310.6277

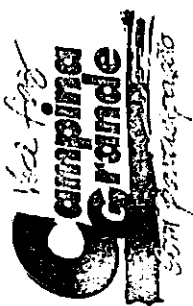

PREFEITURA MUNICIPAL DE
CAMPINA GRANDE

SECRETARIA MUNICIPAL DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL



DISQUE
IDOSO

310-6277

“Todo cidadão tem direito à informação”.



Cozete Barbosa
Prefeita

Maria do Socorro Ramalho
Secretária Municipal de Assistência Social

Ana Cleide Farias Rotodano
Diretora do Departamento Criança e Adolescente,
Idoso e Portadores de Deficiências

Chefe de Divisão Lidicléia Sá Cabral de Melo
Divisão de Amparo ao Idoso e PPD

Programa Conviver
Gilma Souto Maior Nunes
Coordenadora

GRUPO DE IDOSOS FIOS DE PRATA	
Fundado em 14-04-94	
BAIRRO: SANTA ROSA	
Nome _____	Fotografia
Endereço _____	
Nasc. ____/____/____	
_____	_____
Coordenadora	Sócio

APRESENTAÇÃO

A política de Assistência Social tem a responsabilidade e competência de garantir às pessoas idosas, o acesso aos bens e serviços de qualidade emanados desta e das demais políticas públicas.

A proteção e inclusão deste segmento estão expressas na Lei Orgânica da Assistência Social-LOAS, e na Política Nacional do Idoso.

A Política Nacional do Idoso visa impedir omissões e introduzir novos padrões de atenção ao idoso, pautados em alguns princípios:

- idoso sujeito de direitos
- idoso é um ser total
- idoso é sujeito de relações
- idoso é um sujeito único

A partir destes princípios e do entendimento sobre velhice e envelhecimento como sinônimos de qualidade de vida e direito de cidadania, a SEMAS está apresentando o Programa CONVIVER, que consiste em atividades voltadas para a terceira idade.

O trabalho com os grupos de convivência é uma estratégia metodológica que visa a nucleação do grupo, realização de atividades, incluindo passeios turísticos, encontros intergrupais, atividades recreativas, laborais e artísticas, com o objetivo de promover a participação e integração efetiva do idoso na sociedade e ampliar as relações sociais, bem como possibilitar a autonomia dos grupos, em espaços próximos ao local de residências dos idosos.

A SEMAS executa o Programa CONVIVER através de uma equipe multiprofissional, distribuída nos bairros da cidade. Nele, pode se incluir pessoas a partir de 60 anos ou voluntários que queiram colaborar com o trabalho.

Raimundo Augusto de Oliveira

Secretário Municipal de Assistência Social

Horário das Reuniões

14:00 as 17:00 horas

Local de Funcionamento

MONTE CASTELO

Grupo Sagrado Coração de Jesus
Rua Gonçalves Dias, S/N
Segundas-feiras

SANTA CRUZ (Clube de Mães)

Grupo da Saudade
Rua Francisco Lopes de Almeida, S/N
Segundas-feiras

CATOLÉ (Próximo à feirinha)

Grupo Renacer
Rua Elpidio de Almeida
Terças-feiras

MONTE SANTO (C. Saúde Comunitário)

Grupo Nova Vida
Rua Antonieta Cavalcante, S/N
Terças-feiras

CENTENÁRIO

Grupo Unidos Venceremos
Rua Edson do Ó, 79
Terças-feiras

SANTO ANTONIO (Lavanderia Pública)

Grupo Cabelos de Neve
Rua Hortêncio Ribeiro, S/N
Quartas-feiras

Horário das Reuniões

14:00 às 17:00 horas

Local de Funcionamento

CENTENÁRIO

Grupo Paraíso da 3ª Idade
Rua Osvaldo Cruz, 435
Quartas-feiras

SANTA ROSA

Grupo Fios de Prata
Rua Antonio Arruda, 40
Quintas-feiras

CONCEIÇÃO (Clube de Mães)

Grupo Vida Nova
Rua Franklin Araújo, S/N
Quintas-feiras

JOSÉ PINHEIRO (GE Assis Chateaubriand)

Grupo Aurora da Vida
Rua Joana Darc, S/N
Quintas-feiras

QUARENTA (Clube de Mães)

Grupo Cabelos Brancos
Rua do Sol, 119
Sextas-feiras

SÃO JOSÉ

Grupo das Trabalhadoras Domésticas
Rua Sulpino Colaço, 23
Sextas-feiras *não existe.*

ATIVIDADES EXECUTADAS

- ✓ Lazer
- ✓ Seminários
- ✓ Caminhadas
- ✓ Cadastramento
- ✓ Atividades Culturais
- ✓ Palestras educativas
- ✓ Dinâmicas de Grupo
- ✓ Atividades Recreativas
- ✓ Visitas domiciliares e às instituições que lidam com a 3ª Idade
- ✓ Encaminhamentos do Benefício da Prestação Continuadas/BPC e de Aposentadoria junto ao INSS

PARCERIAS INSTITUCIONAIS

- ✓ Universidades Estadual e Federal
- ✓ Conselhos Municipais
- ✓ Curadoria dos Direitos do Cidadão
- ✓ Secretarias Municipais

RECURSOS FINANCEIROS

- ✓ Prefeitura Municipal de Campina Grande/PMCG/SEMAS
- ✓ Ministério da Previdência e Assistência Social/MPAS-SEAS

RECURSOS HUMANOS

- ✓ Assistentes Sociais
- ✓ Educador Físico
- ✓ Socióloga
- ✓ Estagiárias
- ✓ Lideranças Comunitárias

Prefeitura Municipal de Campina Grande
Cássio Cunha Lima
Prefeito

Cozete Barbosa
Vice-Prefeita

Secretaria Municipal de Assistência Social
Raimundo Augusto de Oliveira
Secretário

Jordeana Daví Pereira
Secretária Adjunta

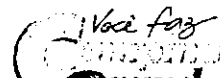
Depto. Criança e Adolescente, Idoso e Deficiente
Jandira Rodrigues de Lima
Diretora

Divisão de Amparo ao Idoso e Deficiente
Lidiclécia Sá Cabral de Melo
Chefe

Programa Conviver
Gilma Souto Maior Nunes
Coordenadora

Inform@r.t. • 975-3059

PROGRAMA
CONVIVER



SEMAS

10- Como você vê essa prática?

11- Por que não participa dos grupos?

12- Realiza alguma atividade de diversão? Qual?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS JUNTO AOS COORDENADORES DOS GRUPOS OBSERVADOS

1- Idade

2- Endereço

3- Escolaridade

4- Profissão

5- O que motivou a trabalhar nos grupos?

6- O que o grupo oferece para os idosos?

7- Qual a importância dos grupos na vida dos idosos?

8- O que entende por lazer?

9- O que entende por sociabilidade.

10- Qual a importância das atividades de lazer desenvolvidas nos grupos de convivência?

11- O que pensa da não participação dos homens nos grupos

12- Por que as mulheres constituem a maioria nos grupos?

ROTEIRO DE ENTREVISTA JUNTOS AOS IDOSOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

- 1- Idade
- 2- Qual o grupo que participa?
- 3- Endereço
- 4- A casa é própria?
- 5- Sabe ler ou escrever?
- 6- Qual o salário que recebe?
- 7- Núcleo familiar: mora com a família; com quantas pessoas mora?
- 8- Quem chefia a família? Ou quem é o dono da casa?
- 9- Qual a profissão? Ainda trabalha?
- 10- Quando entrou no grupo de convivência? Quanto tempo participa dos grupos?
- 11- O que mais interesse? Qual é a atividade que mais participa?
- 12- Você gosta de todas as atividades desenvolvidas nos grupos?
- 13- Tem alguma coisa no grupo que você não gosta?
- 14- Gostaria que tivesse outras atividades nos grupos? Quais?
- 15- O que busca no grupo?
- 16- O que você acha do lazer no grupo? Por quê?
- 17- Qual a importância do lazer nos grupos?
- 18- Quais outras atividades de lazer você participa além dos grupos?
- 19- O que mudou na sua vida após participar dos grupos?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS AOS IDOSOS DOS SEXOS MASCULINO E FEMININO QUE NÃO PARTICIPAM OS GRUPOS

- 1- Idade
- 2- Endereço
- 3- Sabe ler e escrever?
- 4- Com quantas pessoas mora? E quem são?
- 5- Quem chefia a família?
- 6- Qual é o salário?
- 7- Qual é a profissão?
- 8- O que faz no cotidiano?
- 9- Você conhece os grupos? O que você acha sobre eles?

ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – SEMAS
PROGRAMA CONVIVER

CRONOGRAMA DOS GRUPOS DOS IDOSOS

N. ORDEM	NOME DO GRUPO	LOCAL	DIA	HORÁRIO
01	SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	Salão da Igreja de Monte Castelo Rua: Gonçalves Dias, s/n	Segunda	14:00 às 17:00
02	SAUDADE	Salão da Igreja ao lado da SAB de Santa Cruz Rua: Francisco Lopes de Almeida, s/n	Segunda	14:00 às 17:00
03	RENASCER	Prédio da antiga UAC, Na feirinha do Catolé	Terça	14:00 às 17:00
04	NOVA VIDA	Centro de Saúde Comunitário de M. Santo B. Filho Rua: Antonieta Cavalcante, s/n	Terça	08:00 às 11:00
05	UNIDOS VIVEREMOS	SAB do Centenário Rua: Edson do Ó, 79 – Centenário	Terça	14:00 às 17:00
06	CABELOS DE NEVE	Lavanderia Pública do bairro do Santo Antonio Próximo a Creche	Quarta	14:00 às 17:00
07	IDADE NÃO TEM LIMITE	Associação ded Moradores Malvinas Rua: Das Canoas s/n (Caruás)	Quarta	14:00 às 17:00
08	FIOS DE PRATA	SAB do Santa Rosa Rua: Do Sol s/n	Quinta	14:00 às 17:00
09	VIDA NOVA	Clube de Mães da Conceição Rua: Franklin Araújo s/n – Conceição	Quinta	14:00 às 17:00
10	AURORA DA VIDA	Salão da Igreja de São José Rua: Joana Darc – José Pinheiro	Quinta	14:00 às 17:00
11	CABELOS BRANCOS	Clube de Mães do Bairro do 40 Rua: Do Sol, 119 – Quarenta	Sexta	14:00 às 17:00
12	ESPIRITO RENOVADO	Clube de Mães do Tambor	Sexta	14:00 às 17:00
13	DEDUS CONOSCO	Salão Paroquial – Bodocongô Rua: Vicente Gomes Almeida, 981 – Ramadinha II	Sexta	14:00 às 17:00

Oração Pela Família

Que nenhuma família comece em qualquer de repente.

Que nenhuma família termine por falta de amor.

Que o casal seja um para o outro de corpo de mente.

E que nada no mundo separe um casal sonhador.

Que nenhuma família se abrigue debaixo da ponte.

Que ninguém interfira no lar e na vida dos dois.

Que ninguém os obrigue a viver sem nem um horizonte.

Que eles vivam do ontem, no hoje e em função de um depois.

Refrão: Que a família comece e termine sabendo onde vai.

E que os homens carregue nos ombros a graça de um pai.

Que a mulher seja um céu de ternura aconchego e calor e que os filhos conheçam a força que brota do amor.

Abençoa Senhor as famílias amém.

Abençoa Senhor a minha também. (Bis)

Que marido e mulher tenham força de amar sem medida.

Que ninguém vai dormir sem pedir ou sem dar seu perdão.

Que as crianças aprendam no colo o sentido da vida.

Que a família celebre a partilha do abraço e do pão.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE – PMCG
SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - SEMAS
DEPARTAMENTO DE AÇÃO COMUNITÁRIA – DAC
DIVISÃO DE ASSESSORIA A GRUPOS COMUNITÁRIOS

PROGRAMA DO IDOSO

FICHA DE CADASTRAMENTO

Nº _____

Nome _____

Data de nascimento ____/____/____.

Estado Civil _____

Naturalidade _____

Grau de escolaridade _____

Endereço _____

Participa de outra atividade comunitária? _____

Quanto tempo participa no grupo? _____

É aposentada? () SIM () NÃO

Profissão _____

Qual é a renda que recebe mensalmente? _____ e a renda da família _____

Mora com quem? _____

Tem algum problema de saúde? () SIM () NÃO

Quais? _____

Quando está doente você procura:

- () médico
- () auto-medica
- () hospital
- () farmácia

Campina Grande, ____/____/____.

ANEXOS

WAGNER, Elvira C. A. M., FERRARI, Maria Auxiliadora Cursino & QUÉIROZ, Zalli Pinto Vasconcelos. "Metropolitanas no Brasil e no Distrito Federal". In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo**. Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.

_____. "As menções individuais no envelhecimento" In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo**. Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.

WEBER, Max. **Economia e sociedade. Fundamentos de sociologia compreensiva**. Brasília, DF: UNB, 1991.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, SP: Pioneira, 1987.

WERTHEIN, Jorge. "A necessidade de uma nova ética". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

- SOIHET, Rachel. "Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas". In: **Estudos feministas**. Campinas, SP: IFCH/UFRJ, Vol. 5, n. 1/ 1997.
- _____. "A subversão do riso". Fundação Getúlio Vargas s. d.
- SOUSA, Emilene Leite. **Dois de paus: uma análise dos símbolos e significados no jogo de sueca**. Inédito.
- SOUTO, Enequina Maria. **Cabelos de neve na Serra: estudo antropológico dos Grupos de Convivência em Campina Grande – PB**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba: UFPB, João Pessoa, 1997.
- SOUZA & ÖLZE, B. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UNB, 1998.
- SOUZA, Edinilza Ramos de, MINAYO, Maria Cecília de Souza, XIMENES, Liana Furtado & DESLANDES, Suely Ferreira. "O idoso sob o olhar do outro". In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.
 - SOUZA, Jessé. "Uma interpretação alternativa do dilema brasileiro". In: **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília, DF: UNB, s/d.
 - SPINK, M. J. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectivas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
 - STOKOSWKI, Patricia. "O dilema das comunidades". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
 - STUCCHI, Deborah. "O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria". In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Barros, Myrian Moraes Lins de. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
 - SUBIRATS, Joan. **La vejez como oportunidad**. Barcelona: Ministerios de asuntos sociales, 1991.
 - TÔRRES, J. C. **Lazer e cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
 - UCHÔA, Elizabete, FIRMO, Josélia ° " & LIMA-COSTA, Maria Fernanda F. de. "Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural". In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.
 - VASH, Carolyn. "Atitudes em todas as latitudes face a pessoas deficientes". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
 - VEAL, Anthony. "Formação e treinamento para profissionais de lazer". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
 - VELHO, Otávio. "Impedindo ou criticando a modernização?". In: **Da besta-fera à recriação do mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 1995a.
 - _____. "Novas perspectivas: globalização". In: **Da besta-fera à recriação do mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 1995b.
 - VERAS, Renato P. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 1994.
 - WAGNER, Adriana (Org.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

identidade, memória e política. Barros, Myrian Moraes Lins de. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

- ROLIM, Liz Cintra. **Educação e lazer: a aprendizagem permanente.** São Paulo, SP: Ática, 1989.

ROLNIK, Raquel. "O lazer humaniza o espaço urbano". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society.** São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

SADER, Emir. "Trabalho, desemprego e tempo livre". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society.** São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

SAID, E. Orientalismo. **O oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

SALGADO, Marcelo Antônio. **Velhice, uma nova questão social.** São Paulo, SP: SESC – CETI, 1982.

SAHLINS, M. "O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em vias de extinção?". In: **Mana. Estudos de antropologia social.** 3.1, 1997.

SANTOS, Milton. "Lazer popular e geração de empregos". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society.** São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

SANTOS, Wanderley Guilherme. **Discurso sobre o objeto: uma poética do social.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1990.

SPERBER, D. **O saber dos antropólogos.** Lisboa: Edições 70, 1992.

SASSEN, Saskia. "A cidade e a indústria global do entretenimento". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society.** São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

SCHWARTZ, Gisele Maria. "Homo expressivus: as dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer". In: **Temas sobre o lazer.** Bruhns, H. T. (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção educação física e esportes).

SCOTT, Russel Parry. "Envelhecimento e juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva". In: **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.

SIMMEL, Georg. "Sociologia". In: **Simmel.** Moraes Filho, Evaristo de (Org.). São Paulo: Ática, 1993 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

_____. **La tragedia de la culture.** Rivages Poche: Paris, 1988.

_____. "A metrópole e a vida mental". In: **O fenômeno urbano.** Velho, Gilberto (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1973.

_____. "A sociologia do segredo e das sociedades secretas". In: **The American journal of sociology.** Vol. IX, n. 04, 1906.

SIMÕES, Julio Assis. "'A maior categoria do país': o aposentado como ator político". In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** Barros, Myrian Moraes Lins de. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SINGER, Paul. "As dimensões sócio-políticas do envelhecimento". In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo.** Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.

- OLIVEIRA, R. C. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever". In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 1996.
- OLIVEIRA, Maria da Guia. **Lazer na "terceira idade": estudo sobre os comerciários idosos de Campina Grande – PB**. Monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais. Universidade Federal da Paraíba: UFPB, Campina Grande, Outubro de 2001.
- OLIVEIRA, P. S. **Introdução à sociologia**. São Paulo, SP: Ática, 1995.
- OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ORTEGA, Graciela Uribe. "Identidade cultural, território e lazer". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
- PAIM, Paulo. **Estatuto do idoso: agora é lei**. Brasília, DF: Senado Federal, 2003.
- PASTERNAK, S. "A população idosa nos cinco anéis espaciais do Município de São Paulo". In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo**. Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.
- PEIXOTO, Clarice. "Entre o estigma e a compaixão, e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso e terceira idade". In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Barros, Myrian Moraes Lins. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- PEREIRA, William C. C. **Dinâmica de grupos populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- PLEUMARON, Anita. "Turismo, globalização e a agenda ambiental". In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.
- POLIAKOV, L. **O mito ariano**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1974.
- POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1998.
- POPPER, Karl L. **Conjecturas e refutações**. Brasília, DF: UNB, 1902 (Coleção Pensamento Científico).
- PRATA, Emília Lizete & SAAD, Paulo. "Caracterização sócio-econômica e demográfica do idoso na grande São Paulo". In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo**. Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.
- QUEIROZ, Zalli Pinto Vasconcelos. "As dimensões comunitárias do envelhecimento". In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo**. Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.
- QUINTANEIRO, T. **Um toque de clássicos**. Minas Gerais, BH: UFMG, 1999.
- RABINOW, P. "Representações são Fatos Sociais: modernidade e pós-modernidade na Antropologia". In: **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 1999.
- RAMOS, Luiz Roberto. "Necessidade dos idosos residentes na zona urbana". In: **Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo**. Pereira, Dulce Maria (Org.). São Paulo, SP: CMV, sem data.
- REZENDE, Antônio Paulo Morais. (Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de 20. São Paulo, SP: USP, tese de doutorado, 1992.
- RIFIOTIS, Theophilos. "O ciclo vital completado: a dinâmica dos sistemas etários em sociedades negro-africanas". In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre**